

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII
PEDAGOGIA 2008.1**

MICHEL RENNO DIAS DE BRITO

NEGRA COR: DESCOLORINDO OS QUADRINHOS

**SENHOR DO BONFIM – BA
2012**

MICHEL RENNO DIAS DE BRITO

NEGRA COR: DESCOLORINDO OS QUADRINHOS

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VII, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:
Prof.^a Maria Elizabeth Souza Gonçalves

Co-orientadora:
Prof.^a Ana Maria Campos Dias

**SENHOR DO BONFIM – BA
2012**

MICHEL RENNO DIAS DE BRITO

NEGRA COR: DESCOLORINDO OS QUADRINHOS

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus VII, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em 28 de março de 2012

Prof.^a MS.c Maria Elizabeth Souza Gonçalves
Orientadora

Prof.^a MS.c Simone Ferreira de Souza Wanderley
Avaliadora

Prof. MS.c Ozelito Souza Cruz
Avaliador

A Deus que quando eu pensei que estava vivenciando o último quadrinho de minha vida, me fez levantar e reiniciar uma nova história.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha avó Zenáurea Therezinha Campos Dias (in memoriam) com quem aprendi a acreditar na educação nos tempos de desencanto, por ter sido a minha primeira educadora que me ensinou o valor das histórias e dos livros.

A professora Ana Maria Campos Dias, minha co-orientadora e mãe que me acompanhou durante todo o meu percurso acadêmico, sem ela não teria conseguido esta vitória, por ter me apoiado na minha temática e ter me acompanhado durante a minha monografia, sempre exigindo de mim o meu melhor. A ela agradeço como filho, pelo companheirismo e dedicação, anos de trabalho e de recuperação.

Agradeço a meu grande amigo e irmão Daniel Renno Dias de Brito pelo apoio e suporte técnico especializado como designer gráfico em todos os momentos que precisei.

Agradeço a Dr. Nilton Martins Cabral e a Dra. Thaís Rosane Meireles Cabral Campos que pela graça de Deus e a sabedoria da medicina me indicaram o caminho da cura em que o milagre em minha vida aconteceu.

Agradeço a equipe de Dr. Ricardo Eloy Pereira, cirurgião que apostou que era possível retirar um tumor do meu coração e dar uma chance a minha vida.

Agradeço aos meus tios Olinto José Campos Dias e Miguel Campos Dias, pelo socorro imediato em dias difíceis e pela presença constante em minha recuperação.

Agradeço a fisioterapeuta Dra. Patrícia Mariana Santana Leite, profissional que, com a graça de Deus e o seu trabalho me fez voltar a andar, devolvendo-me a autonomia física e a recuperação do meu lado direito que havia ficado paralisado após o AVCI.

Agradeço a toda a família de meu tio avô Zanone Bello Campos pela hospedagem e atenção em tempos de extrema necessidade.

Agradeço a Valdete Pereira Machado por todos os dias de acompanhamento no hospital e os seus cuidados em minha fase de recuperação.

Agradeço aos colegas do curso de pedagogia 2008.1, especialmente a Marivalda da Silva Nascimento e Neuma Sá de Souza, pelo acompanhamento e contribuições significativas para a minha formação acadêmica.

Agradeço a equipe da biblioteca do campus VII que disponibilizou material de leitura durante toda a minha jornada universitária.

Agradecimentos especiais a todos os professores deste curso que me guiaram no caminho do conhecimento pedagógico. A professora Suzzana Alice Lima Almeida, pelo primeiro incentivo na redação de textos científicos, ao professor Pascoal Eron Santos de Souza por abraçar o nosso projeto Nonarte e a professora Maria Elizabeth Souza Gonçalves que me iniciou na temática escolhida e me acompanhou neste fazer.

Agradeço a Lusitânia Elias Soares pelo apoio nas tarefas do dia-a-dia e atenção com os pequenos detalhes que propiciam o bem estar da minha família.

Os negros quase não são apresentados nos textos imagéticos, continuam aprisionados nas senzalas do esquecimento da arte quadrinizada das revistas mais conhecidas de Mauricio de Sousa.

Michel Renno Dias de Brito

RESUMO

Este trabalho faz uma análise da presença e do discurso dos povos negros nas HQs das revistinhas mais conhecidas da arte quadrinizada de Mauricio de Sousa, conhecidas como Turma da Mônica. O nosso objetivo geral foi o de fazer uma incursão sobre a presença destes povos nestas revistas e o de descortinar o cenário em que estes personagens são colocados, analisando o discurso que o autor faz ou silencia através destes personagens. O nosso objetivo específico foi o de verificar como a presença deles era percebida pelo público leitor, no caso as crianças da Creche Escola Francesco Galli. Na primeira parte historiamos sobre a origem desta temática na nossa trajetória acadêmica, bem como sobre a história dos quadrinhos no mundo e no Brasil, identificando alguns personagens negros nos quadrinhos brasileiros. Como aporte teórico nos subsidiamos especialmente nos autores: Braga & Patati (2006), Chinen (2012), Deusdará & Rocha (2011), Eisner (1999), Junior (2004), Knowles (2008), Lovetro (2011), Luyten (1993), Martins (2012), McCloud (1995), Munanga (1988), Rama & Vergueiro (2008), Ramos & Vergueiro (2009), Santana (2007) e Severo (2008). A metodologia utilizada para este trabalho foi: pesquisa quali-quantitativa, análise do discurso tendo como instrumento de coleta a aplicação de questionário aberto e análise documental. Na segunda parte, a partir das tabelas e dos gráficos gerados pela análise documental, foram identificados o número de afro-descendentes e o espaço social em que eles se encontram nas histórias das revistinhas, bem como o seu discurso, o seu silêncio e a sua invisibilidade. Ao finalizar este trabalho confirmou-se o baixíssimo número de afro-descendentes nas revistas, a sua invisibilidade e o silêncio destes povos.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Povos Negros. Afro-descendência. Silêncio. Invisibilidade.

ABSTRACT

This paper analyzes the presence and speech of black people in the comics art of Mauricio de Sousa, known as Monica's Gang. Our overall goal was to make a incursion on the presence of these people in comic books and in this way to point out the scenario in which these characters take place the unveiling of the scenario in which these characters are placed, analyzing the speech or the silence that the author does through these characters. Our specific goal was to see how their presence was perceived by readers, particular children from Nursery School Francesco Galli. In the first part we make a historical visit in the origin of this issue in our academic career, as well as the history of comics in the world and in Brazil, identifying some black characters in Brazilian comics. As the theoretical studies we have: Braga & Patati (2006), Chinen (2012), Deusdará & Rocha (2011), Eisner (1999), Junior (2004), Knowles (2008), Lovetro (2011), Luyten (1993), Martins (2012), McCloud (1995), Munanga (1988), Rama & Vergueiro (2008), Ramos & Vergueiro (2009), Santana (2007) and Severo (2008). The methodology used for this work was: qualitative and quantitative research, discourse analysis as a tool collection with the application of open questionnaire and document analysis. In the second part, from tables and graphs generated by documentary analysis, we identified the number of african descent and social space in which they find themselves in the stories of comic books, as well as their speech, their silence and invisibility. At the end of this study we could confirm the very low number of african descent in the magazines, their invisibility and silence of these people.

Keywords: Comics. Black People. African-descent. Silence. Invisibility.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 a 4 – Projeto Nonarte: o velho gibi divertindo a nova criança.....	148
Figuras 5 a 6 – Projeto MIAC – da Menoridade da Infância a Autonomia da Criança: Quarinhos da Educação Ambiental.....	149
Figuras 7 a 10 – Projeto Educar com Arte os Quadrinhos Fazem a sua Parte...	150
Figuras 11 a 14 – Projeto de Extensão – Nonarte e outras artes: O Incentivo à Leitura na Biblioteca Pública Prof. ^a Zenáurea Therezinha Campos Dias.....	151
Figura 15 – Benedito e seu patrão Nhô Quim.....	153
Figura 16 – Juquinha e Giby.....	153
Figura 17 – Benjamim e Chiquinho.....	153
Figura 18 – Azeitona.....	154
Figura 19 – Lamparina.....	154
Figura 20 – Lamparina.....	154
Figura 21 – Pererê.....	155
Figura 22 – Mônica e Jeremias.....	155
Figura 23 – Pelezinho.....	155
Figura 24 – Daiane dos Santos.....	156
Figura 25 – Ronaldinho Gaúcho.....	156
Figura 26 – Luana.....	156
Figura 27 – The Little Black Skrots.....	157
Figura 28 – Chibata.....	157
Figura 29 – Personagens baianos de Mauricio de Sousa.....	157

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Personagens negros encontrados nas 10 revistas da Mônica no ano de 2006 no projeto Negra cor: descolorindo os quadrinhos.....	45
Tabela 2 – Trilha metodológica da monografia.....	51
Tabela 3 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Chico Bento.....	53
Tabela 4 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Magali.....	54
Tabela 5 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cascão.....	55
Tabela 6 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cebolinha.....	56
Tabela 7 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Mônica.....	58
Tabela 8 – Resultado dos dados referentes aos povos negros encontrados nas 50 revistas analisadas.....	59
Tabela 9 – Dados referentes ao total de povos afros incluindo Cascão e seus pais.....	61
Tabela 10 – Total de quadrinhos de Cascão nas 50 revistinhas analisadas.....	61
Tabela 11 – Total de participação de Jeremias nos discursos das 50 revistinhas analisadas em que ele aparece somente em 101 quadrinhos.....	114
Tabela 12 – Total do personagem Jeremias nas 50 revistas.....	115
Tabela 13 – Identidade de Jeremias como criança.....	116
Tabela 14 – Identidade de Jeremias como adolescente.....	117
Tabela 15 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Magali.....	124
Tabela 16 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Chico Bento.....	125

Tabela 17 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Mônica.....	125
Tabela 18 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Cebolinha.....	125
Tabela 19 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Cascão.....	126
Tabela 20 – Total de quadrinhos nas 50 revistinhas em que não aparece Cascão.....	126
Tabela 21 – Total de quadrinhos em que os pais de Cascão estão presentes nas 50 revistinhas.....	127

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Chico Bento.....	54
Gráfico 2 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Magali.....	55
Gráfico 3 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cascão.....	56
Gráfico 4 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cebolinha.....	58
Gráfico 5 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Mônica.....	59
Gráfico 6 – Resultado dos dados referentes aos povos negros encontrados nas 50 revistas analisadas.....	60
Gráfico 7 – Dados referentes ao total de povos afros incluindo Cascão e seus pais.....	61
Gráfico 8 – Total de quadrinhos com e sem Cascão nas 50 revistinhas.....	62
Gráfico 9 – Personagens da Turma da Mônica conhecidos pelos alunos.....	63
Gráfico 10 – Personagens da Turma da Mônica que os alunos mais gostam.....	63
Gráfico 11 – Personagens negros da Turma da Mônica mais conhecidos pelos alunos.....	64
Gráfico 12 – Personagens famosos da Turma da Mônica mais conhecidos pelos alunos.....	64
Gráfico 13 – Solicitação de inclusão de mais personagens negros nas HQs da Turma da Mônica.....	65
Gráfico 14 – Total de participação de Jeremias nos discursos dos 101 quadrinhos que ele aparece.....	115
Gráfico 15 – Invisibilidade de Jeremias nas 50 revistinhas.....	115

Gráfico 16 – Total de quadrinhos com e sem Cascão nas 50 revistinhas..... 127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	25
1.1 – A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	25
1.2 – A HISTÓRIA DAS HQS NO BRASIL E A TRAJETÓRIA DE SUCESSO DE MAURICIO DE SOUSA COM A TURMA DA MÔNICA.....	29
1.3 – PERSONAGENS NEGROS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO BRASIL.....	36
1.3.1 – O negro, a sua luta, suas conquistas e a sua invisibilidade nos quadrinhos.....	42
1.3.2 – A invisibilidade dos negros nos quadrinhos das revistas mais conhecidas de Mauricio de Sousa.....	45
CAPÍTULO II – DIRETRIZES E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	49
CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	53
3.1 – TABELAMENTO DAS REVISTAS E IDENTIFICAÇÃO DOS POVOS NEGROS.....	53
3.1.1 – Revistas do Chico Bento.....	53
3.1.2 – Revistas da Magali.....	54
3.1.3 – Revistas do Cascão.....	55
3.1.4 – Revistas do Cebolinha.....	56
3.1.5 – Revistas da Mônica.....	58
3.1.6 – Resultado total das 50 revistas analisadas.....	59
3.1.7 – Análise dos dados do questionário aplicado na Creche Escola Francesco Galli.....	62

3.2 – ANÁLISE DO DISCURSO DOS PERSONAGENS AFROS QUE APARECEM NAS REVISTAS ANALISADAS.....	65
3.2.1 – Afro-descendentes como vendedores.....	66
3.2.2 – Afro-descendentes e a sua musicalidade.....	68
3.2.3 – Afro-descendentes como extraterrestres.....	69
3.2.4 – Afro-descendentes como personagens de mistério.....	71
3.2.5 – A auto imagem do negro e a busca do embranquecimento.....	76
3.2.6 – Afro-descendentes como carregadores.....	77
3.2.7 – Afro-descendentes como garotos(as) propaganda.....	79
3.2.8 – Afro-descendentes como povos em ascensão social.....	83
3.2.9 – Afro-descendentes como povos silenciados.....	85
3.3 – ANÁLISE DO DISCURSO DE JEREMIAS.....	96
3.4 – ANÁLISE DO DISCURSO DE CASCÃO.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICE A – FOTOS DO PERCURSO ACADÊMICO DO PESQUISADOR..	148
APÊNDICE B – FIGURAS DOS NEGROS NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DO BRASIL.....	153
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO NA CRECHE ESCOLA FRANCESCO GALLI.....	158

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática escolhida para esta monografia veio das discussões ocorridas no 2º semestre no componente curricular Arte e Educação, que trabalhava a importância da arte como um valioso recurso pedagógico. Descobrimos então que poderíamos aproveitar a leitura de Histórias em Quadrinhos, que sempre esteve presente, desde a nossa infância, e utilizar dos recursos desta arte, como um recurso pedagógico, interessante e prazeroso para o incentivo à leitura e ao trabalho com a Educação Infantil e com as séries iniciais. Mais tarde, no mesmo semestre 2008.2 fizemos um trabalho que recebeu o nome de **Gibis: leitura que não se enquadra nas escolas**, neste trabalho nós fomos a campo, em todas as escolas estaduais de Ensino Fundamental da sede de Senhor do Bonfim, para coletar dados referentes a projetos de leitura sobre os gibis. Observamos que as nove escolas pesquisadas contavam com pouquíssimos periódicos de HQs¹, e em nenhuma delas encontramos um projeto voltado para a nona arte. Como resultado deste trabalho escrevemos um artigo que discutia o significado e a importância das Histórias em Quadrinhos e a sua utilização no espaço escolar, ao tempo em que fazíamos uma análise crítica de inspiração marxista sobre este tipo de leitura, considerando o percurso das histórias sequenciais no mundo e no Brasil, e analisando as possíveis vantagens apontadas pelos educadores (após o Comics Code²), e a sua utilização como incentivo à leitura nas escolas estaduais de Ensino Fundamental do município de Senhor do Bonfim – BA. Neste artigo constatamos que apesar da aprovação dos órgãos oficiais, as revistas em quadrinhos ainda não são muito presentes nas escolas, são poucas as Histórias em Quadrinhos que compõe o acervo das bibliotecas das escolas públicas de Senhor do Bonfim. Além disso o aluno de escola pública apresenta dificuldades econômicas para adquirir este tipo de material dificultando assim esta leitura prazerosa que poderia levá-lo a um domínio melhor da leitura. Retomamos ao finalizar este trabalho as duas linhas de pensamento abordadas durante o processo da inserção das Histórias em Quadrinhos no espaço escolar, a que exclui os quadrinhos achando-os nocivos e instrumento ideológico de

¹ Histórias em Quadrinhos.

² Selo criado pelos editores norte-americanos visando garantir a pais e educadores que o conteúdo das revistas não iria prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e alunos.

dominação utilizado pelo sistema capitalista para perpetuar-se no poder, e a daqueles que veem as vantagens desta nona arte para o incentivo à leitura nas escolas e que consideram que os quadrinhos podem ser analisados e até mesmo reconstruídos pelos próprios estudantes que como sujeitos e produtores de conhecimento, podem até mesmo reinventá-los, defendemos assim neste trabalho esta última linha de pensamento.

Em 2009, já no 3º semestre do curso, nas reflexões realizadas no componente curricular História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, a temática sobre os povos negros, o racismo e a discriminação permeou os debates deste componente. Como trabalho interdisciplinar precisávamos escolher um tema para fazermos um projeto de pesquisa. Escolhemos pesquisar sobre a presença dos povos negros nas Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica. O nosso projeto recebeu o título **Negra cor: descolorindo os quadrinhos**, surgindo assim, para nós naquele período a problemática desta monografia que tem como trilha, fazer uma incursão sobre a presença dos povos negros na arte quadrinizada de Mauricio de Sousa, descortinando o cenário em que personagens negros são colocados, e se estes personagens parecem ou não ser interessantes para os autores, roteiristas e desenhistas das HQs da Turma da Mônica. Resolvemos então fazer uma pesquisa para verificar o quanto a presença dos povos negros era colocada nas revistinhas e o quanto era percebida pelo público leitor. Escolhemos uma turma do 5º ano do Colégio Estadual Cazuza Torres e o nosso trabalho tinha como objetivo identificar os personagens negros das Histórias em Quadrinhos que são conhecidos por estes estudantes. Após a leitura de 10 revistas da Turma da Mônica do ano de 2006 e a contagem dos quadrinhos em que existiam estes povos, bem como a verificação de quem eram e o que representavam nas historinhas, construímos as seguintes hipóteses: Hipótese 1: Os alunos não lembram de nenhum personagem negro das revistas da Mônica. Hipótese 2: Os alunos só se lembram de personagens negros que representam celebridades. Hipótese 3: Os alunos só lembram de personagens negros que fazem parte do folclore brasileiro. Este projeto buscava confirmar ou não estas hipóteses e a 3ª hipótese foi confirmada. Dando continuidade a esta pesquisa e para aprofundamento de nossas reflexões escolhemos prosseguir os nossos estudos sobre este mesmo tema neste nosso trabalho monográfico, que analisa a presença dos povos negros na arte quadrinizada de Mauricio de Sousa que recebeu

o nome de revistas da Mônica. Como se estes povos, se presentes, pudessem descolorir as historinhas, que tem como principal clientela as classes que possuem poder aquisitivo, que lhes permite consumir gibis. Comprovada a ausência destes povos, poderemos concluir pela exclusão dos negros nos gibis, pelo esquecimento, proposital ou não e por uma discriminação silenciosa. Isso é preocupante desde que a exclusão de personagens negros nas HQs pode levar as crianças a reconhecerem que só os brancos devem fazer parte do seu universo de amigos, só a convivência com os brancos é significativa.

No decorrer do nosso curso, 5º semestre 2010.1 no componente curricular PE I (Pesquisa e Estágio I: Estágio em Espaços não Formais) criamos o projeto – **NONARTE: o velho gibi divertindo a nova criança** (figura 1-4). Este projeto foi feito para atender a uma demanda resultante do questionário aplicado nas escolas públicas estaduais do Ensino Fundamental em Senhor do Bonfim, trabalho da disciplina PPP II (Pesquisa e Prática Pedagógica II), dirigidos aos coordenadores pedagógicos que teve como resultado 100% de aprovação por parte dos professores para a leitura de Histórias em Quadrinhos como um meio importante de incentivar nos alunos o gosto pela leitura. Foi constatado neste período que inexistia um projeto de leitura na Biblioteca Pública Municipal Prof.^a Zenáurea Therezinha Campos Dias, situada na praça Alexandre Góes, s/n em Senhor do Bonfim - BA (OLIVEIRA, 2010). Infelizmente as escolas públicas não dispunham de bibliotecas que tivessem um número satisfatório de revistinhas de HQs tornando-se um problema a falta deste recurso nas escolas. Para minorar este problema, e abrir espaço para que os alunos de todas as escolas pudessem ler as HQs fizemos este projeto que colocou os gibis a disposição desses leitores nesta biblioteca. O resultado deste trabalho foi apresentado na forma de artigo no 5º seminário de pesquisa e 10º seminário interdisciplinar de pedagogia e foi intitulado: Experiência de Estágio na Biblioteca Pública Professora Zenáurea Therezinha Campos Dias. Durante este período de estágio os nossos estudos nos conduziram a descoberta de que houve uma longa trajetória para que os quadrinhos adentrassem o campo educacional e ainda estamos percorrendo este caminho aqui, no norte da Bahia, porque em nossa cidade infelizmente os estudantes ainda não encontram este tipo de leitura na biblioteca pública. Os poucos HQs que existiam nesta biblioteca foram danificados e descartados dificultando assim o acesso para fins educacionais, esse

nosso projeto contribuiu para suprir esta lacuna. Os leitores que participaram do nosso projeto foram aqueles que frequentavam a biblioteca municipal cuja idade estava entre 11 a 15 anos, que segundo Oliveira (2010) são 33% dos leitores usuários desta instituição. Além destes, outros se sentiram atraídos ao saberem da existência de gibis na biblioteca e foram convidados para participarem do projeto NONARTE. Conduzimos os que aceitaram até o local em que estavam os gibis e eles escolheram o que quiseram para ler, alguns leram vários gibis. Introduzimos um diálogo com eles sobre o meio ambiente na primeira semana e sobre as eleições na segunda semana, pela importância destes temas já que era urgente o cuidado com o planeta e estávamos também em tempo de eleição. O nosso estágio com o projeto NONARTE colocou a disposição dos leitores os gibis da Turma da Mônica, bem como buscou desenvolver atividades tais como desenhos, jogos dos sete erros, passatempos, teatro de fantoches, dinâmicas, diálogos sobre o meio ambiente e as eleições com a devida simulação deste pleito. Os objetivos delineados no projeto foram alcançados, o número de leitores envolvidos foi 51, um número significativo para uma biblioteca. Foram lidos 46 gibis em 11 dias de projeto que aconteceu nas tardes do dia 06 a 29 de julho de 2010. O projeto alcançou o seu objetivo, incentivou a leitura através de temas transversais e da leitura de vários gibis com os personagens da Turma da Mônica (Cebolinha, Cascão, Mônica, Magali e Chico Bento). Por entender que esse projeto precisava ter continuidade o nosso orientador solicitou que incluíssemos outras artes e outras oficinas além das que já constavam no projeto. Este projeto deu origem a um projeto de extensão que foi apresentado pelo nosso professor e adquiriu aprovação no NUPE (Núcleo de Pesquisa e Extensão) vindo a se realizar com a participação de mais sete discentes que se juntaram ao grupo anterior, e recebeu o nome de **Nonarte e outras artes: o incentivo à leitura na biblioteca pública Prof.^a Zenáurea Therezinha Campos Dias** (figura 11-14), este projeto teve início no dia 29 de agosto de 2011 e encerrou suas atividades no dia 02 de dezembro do mesmo ano, com a participação de 52 leitores. Disponibilizou-se os gibis no espaço público, trabalhou-se a criatividade, a coordenação motora através das atividades de desenho e de pintura, deleitaram-se as crianças com as tramas narrativas de personagens diversos. Por fim os leitores participaram de dinâmicas, passatempos diversos, trabalhos manuais e da apresentação do teatro de fantoches. O estágio não formal para o pedagogo em uma biblioteca é uma experiência significativa, que precisa ser ampliada para que,

cada vez mais o conhecimento gestado neste espaço possa contribuir para que a leitura seja o centro da atenção e de formação para a cidadania de jovens e adolescentes.

Por tudo isso, continuamos a estudar sobre as HQs todos estes semestres e esta temática tem acompanhado o nosso percurso acadêmico como objeto de pesquisa, reflexão e extensão, resolvemos assim, organizar o nosso projeto de estágio em Educação Infantil tendo em vista a realidade que se apresentou durante a realização do estágio em espaços não formais, em que os quadrinhos foram apreciados e lidos por crianças que retornavam a biblioteca pública para lê-los uma outra vez, confirmando assim que essa leitura muito lhes agrada. Foi assim que no 6º semestre em 2010.2 fizemos o nosso projeto de estágio em Educação Infantil e novamente aproveitamos da nossa experiência positiva com a utilização dos quadrinhos e traçamos o nosso caminho elaborando o projeto **Da menoridade da infância a autonomia da criança – Quadrinhos da Educação Ambiental** (figura 5-6), com a orientação da professora deste nosso componente curricular, este projeto deu continuidade ao trabalho com as HQs. O interesse pela temática escolhida para o projeto de estágio em Educação Infantil, veio das discussões sobre a urgência dos problemas ambientais no semestre anterior e pretendeu contribuir envolvendo crianças de 3 a 4 anos em atividades pertinentes a Educação Ambiental.

Deste nosso estágio apresentamos um relatório e um artigo que demos o título de Estágio na Educação Infantil: Trilhando o Caminho da Menoridade da Infância a Autonomia da Criança: Quadrinhos da Educação Ambiental. Neste artigo refletimos sobre a nossa experiência formativa do estágio que foi realizado na Escola Municipal Fundação Bonfinense, em Educação Infantil no mês de novembro de 2010. Durante o nosso estágio os alunos fizeram atividades de leitura de imagens de Histórias em Quadrinhos sobre o meio ambiente e folhearam várias HQs. Ao iniciarmos o 7º semestre o componente curricular PE III (Pesquisa e Estágio III: Séries Iniciais Ensino Fundamental) elaboramos o nosso projeto de estágio para atender a estes alunos dando prosseguimento aos nossos trabalhos anteriores e seguindo a mesma trilha dos quadrinhos na educação. O nosso projeto foi intitulado: **Educar com arte os quadrinhos fazem a sua parte** (figura 7-10), pois:

[...] a alfabetização na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização. Em primeiro lugar, nota-se que as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. (RAMA & VERGUEIRO, 2008, p.31).

Concluindo, começamos a estudar sobre as HQs desde o 2º semestre e esta temática tem acompanhado todo o nosso percurso acadêmico como objeto de pesquisa, reflexão, extensão e estágios, no 3º semestre através dos nossos estudos em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena percebemos a importância dos povos negros para a nossa história por serem portadores de um legado civilizatório original e sujeitos de direitos, pela riqueza e nobreza essencial de todo o ser humano, isto fez com que a presença dos povos negros na arte quadrinizada de Mauricio de Sousa se tornasse o nosso objeto de pesquisa, resolvemos assim, confirmar toda esta nossa trajetória que nos propiciou adquirir conhecimentos ao longo do curso e enriqueceu os nossos trabalhos com as contribuições dos teóricos que veem na nona arte um caminho fecundo para a alfabetização e o letramento. Por tudo isso escolhemos neste nosso trabalho monográfico nos aprofundarmos nesta mesma temática.

Este trabalho tem por objetivo enumerar os personagens negros das Histórias em Quadrinhos que estão presentes nas revistas da Turma da Mônica do ano de 2003 a 2006 e os personagens negros que as crianças conheceram através da leitura dos gibis da Turma da Mônica. Para verificar se os povos negros estão presentes ou não em nível de igualdade na arte quadrinizada de Mauricio de Sousa e na memória das crianças do 3º ano da Creche Escola Francesco Galli, após o estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em que realizamos o projeto Educar com arte os quadrinhos fazem a sua parte.

O nosso objetivo geral é fazer uma incursão sobre a presença dos povos negros na arte quadrinizada das revistas mais conhecidas de Mauricio de Sousa, descortinar o cenário em que estes personagens são colocados e fazer a análise do discurso que o autor faz ou silencia através destes personagens.

O nosso objetivo específico é o de verificar como a presença destes povos era percebida pelo público leitor, no caso, as crianças. Para efetivar esta nossa pesquisa levantamos as seguintes hipóteses:

I hipótese – Os gibis da Turma da Mônica não apresentam personagens negros suficientes para serem lembrados pelos alunos.

II hipótese – Os personagens negros que tem visibilidade por parte dos alunos são os que representam pessoas negras importantes (celebridades) para a sociedade brasileira e figuras do nosso folclore.

III hipótese – Os personagens negros lembrados são somente aqueles que representam as celebridades.

Estas nossas hipóteses foram construídas a partir do projeto Negra Cor: descolorindo os quadrinhos (3º semestre, 2009.1) após a leitura de 10 HQs da Turma da Mônica lançadas no ano de 2006 em que fizemos a contagem dos quadrinhos de personagens negros e verificamos que estes eram em sua grande maioria celebridades como Ronaldinho Gaúcho e Daiane dos Santos.

Escolhemos este tema e resolvemos fazer este trabalho sobre as formas como os povos negros são apresentados especialmente nos textos imagéticos da Turma da Mônica, pela importância atribuída a estes povos nos nossos estudos no componente curricular História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena que versava sobre a forte presença dos negros na dinâmica da nossa sociedade ao tempo que evidenciava a cultura e a colaboração da força de trabalho destes povos que contribuíram significativamente com a construção do que hoje somos.

A existência dos povos negros nas tramas das revistas da Turma da Mônica foi escolhida para o nosso estudo, porque a leitura de gibis atraiem o público infanto-juvenil e por ser uma leitura agradável, pretendemos fazer uma análise do conteúdo de suas tramas, para verificarmos se este tipo de leitura, tem conduzido os seus leitores para a construção de uma sociedade mais igualitária e menos excludente. Daí a importância de pesquisarmos se os gibis estão seguindo esta trilha e se a sua

leitura vem contribuindo com a construção de um mundo mais justo em que os povos negros estão presentes e são colocados nas tramas no mesmo nível de importância das outras etnias.

A contribuição desta pesquisa é a de desvelar a ideologia presente nos quadrinhos e o racismo embutido nas histórias infanto-juvenis através da invisibilidade ou não de personagens de cor negra. Esta pesquisa é relevante para o curso de pedagogia na medida em que se comprovem as hipóteses de que essas histórias estão seguindo uma trilha ideológica na medida em que excluem os negros de suas tiras, estando, portanto perpassadas de discriminações. Este trabalho pode servir para conscientizar o educador de que a utilização de Histórias em Quadrinhos em sala de aula apesar de ser um recurso pedagógico interessante e agradável precisa ser acompanhada de reflexões anti-racistas.

Embora o nosso pressuposto teórico seja a análise do discurso, para esta análise faremos antes incursões pelo método quantitativo para a contagem dos quadrinhos de cada revista e a identificação do número de personagens negros, somente depois desta contagem é que nos debruçaremos nos discursos que perpassam os personagens negros identificados nas 50 revistas lançadas entre 2003 a 2006 adquiridas aleatoriamente em banca e lidas diariamente durante 22 dias por crianças de 7 a 8 anos da Creche Escola Francesco Galli.

Iniciamos o referencial teórico com um texto sobre a história das Histórias em Quadrinhos, em seguida escrevemos sobre a história das HQs no Brasil e a trajetória de sucesso de Mauricio de Sousa com a Turma da Mônica, dando continuidade redigimos um texto com o título: Personagens negros nas histórias em quadrinhos do Brasil. No segundo capítulo, pontuamos as diretrizes e o percurso metodológico da pesquisa. No terceiro capítulo fizemos a análise e interpretação dos dados e nos debruçamos sobre a invisibilidade dos negros nas historinhas da Turma da Mônica com uma amostragem de 50 revistas lançadas nos anos de 2003 a 2006, que fizeram parte do projeto de estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental: Educar com arte os quadrinhos fazem a sua parte. Fizemos a análise do discurso dos personagens negros encontrados que foram identificados nas tabelas, bem como elaboramos os gráficos que resultaram da pesquisa realizada com os alunos

na Creche Escola Francesco Galli, tecemos assim em seguida, as nossas considerações finais.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 – A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As Histórias em Quadrinhos tiveram a sua origem nos primeiros desenhos feitos pelos homens nos tempos primitivos da humanidade, quando alguns deles resolveram rabiscar em sua caverna alguns desenhos, desde aí a arte sequencial começou a se desenvolver, como uma atividade necessária a sobrevivência do grupo. Segundo Luyten (1993):

[...] por incrível que pareça, as origens das HQ estão justamente no início da civilização, onde as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelavam a preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos. Durante o processo civilizatório, várias manifestações aproximaram-se desse gênero narrativo: mosaicos, afrescos, tapeçarias e mais de uma dezena de técnicas foram utilizados para registrar a história por meio de uma seqüência e imagens. (p. 16).

As HQs pelo seu potencial estiveram presentes desde o início da comunicação humana, levando consigo uma narração imagética dos fatos e acontecimentos importantes de várias épocas da história.

[...] temos exemplos de arte sequencial³ nos hieróglifos egípcios, nos panôs e desenhos nas igrejas da Via Sacra de Jesus, difundidos na Idade Média, e até nos túmulos de reis, onde havia seqüências de sua dinastia em alto relevo. (LOVETRO, 2011, p. 11).

Na história da arte estes primeiros desenhos deixados por civilizações passadas servem de fonte para a reconstrução de fatos históricos por terem sido utilizadas na intercomunicação entre os povos.

³ Segundo Eisner (1999) arte sequencial é o ato de urdir um tecido.

[...] na Idade Média, a arte seqüencial procurava narrar episódios edificantes ou histórias religiosas sem grande profundidade de discussão ou nuance, para um público que tinha pouca educação formal. (EISNER, 1999, p. 138).

A imagem impressa começou a invadir o mundo no século XV e o texto escrito antes restrito a poucos, pôde finalmente ser acessível às massas.

Na área do desenho esse acesso começou com a impressão das charges que criticava a monarquia, seu luxo e a sua pomposidade diante da miséria e da total pobreza de seus súditos. Os desenhos eram utilizados e distribuídos gratuitamente como instrumento de crítica e de resistência aos desmandos do poder (LOVETRO, 2011).

Até o século XVII poucas pessoas eram alfabetizadas daí a importância das imagens, pois todos conseguiam absorvê-las. A Linguagem dos quadrinhos foi então a linguagem escolhida por Jean-Charles Pellerin para popularizar histórias de santos, da Revolução Francesa e novelas, Lovetro (2011).

[...] é precisamente por isso que a forma humana e a linguagem dos seus movimentos corporais tornam-se os ingredientes essenciais dos quadrinhos. A perícia com que são empregados também é uma medida da habilidade do autor para expressar a sua idéia. (EISNER, 1999, p. 100).

No século XIX, precisamente em 1895, nos EUA, era criado o personagem “Yellow Kid”, 68 anos depois da publicação, pelo suíço Rudolph Topffer de Mvieux-Bois.

Um grande sucesso nos EUA foi o lançamento de Yellow Kid contagiando leitores de diversas faixas etárias, o que mais tarde impulsionaria outros autores a publicarem várias Histórias em Quadrinhos com engajamento político.

[...] o personagem “Yellow Kid”, na verdade uma charge de um garoto de bairro periférico de Nova York, que fazia crítica social. O feito desse personagem, criado por Richard F. Outcault para o *Sunday New York Journal*,

foi a inclusão dos textos para dentro dos quadrinhos. (LOVETRO, 2011, p. 12).

No século XIX os quadrinhos fizeram sucesso nas bancas e obtiveram total êxito com as várias edições destinadas ao público leitor.

[...] nas décadas de 20, 30 e 40 do século passado, os quadrinhos viraram febre nos EUA e no mundo com a criação de suplementos infantis dos jornais e revistas. Centenas de novos heróis e personagens de humor surgiram. (LOVETRO, 2011, p. 13).

Os quadrinhos ganharam espaço em suplementos de jornais que traziam os personagens que conquistavam ávidos leitores de todas as idades.

[...] em plena crise na Bolsa de Wall Street, nos EUA, surgiam os primeiros personagens de aventura. Buck Rogers e Tarzan iniciariam a era de ouro das HQs americanas e invadiriam o mundo. Eram publicados nos jornais e ajudaram no crescimento de leitores, de tal forma que a imprensa começou a ter seus suplementos de quadrinhos. Depois surgiram O Príncipe Valente, Flash Gordon, Agente X-9, Mandrake, Super-Homem, Fantasma, Batman e toda uma saga de super-heróis que chegaram até os dias de hoje. (LOVETRO, 2011, p. 13).

Os quadrinhos tem em sua essência a imagem e o texto, o que auxilia na interpretação e na transmissão autor – leitor. Adolfo Aizen utilizando-se desta arte emplacou diversas adaptações de obras para a revista “Edição Maravilhosa” de autores renomado tais como:

[...] José Lins do Rego, Jorge Amado, Menotti del Picchia, José de Alencar, Ribeiro Couto, Paulo Setúbal, Bernardo Guimarães, Gastão Cruis, Gustavo Barroso, Graça Aranha, Narbal e Ofélia Fontes, Martins Pena, Théo Filho, Euclides da Cunha, Lúcia Benedetti, Osvaldo Orico, Dinah Silveira de Queiroz, Manuel Antônio de Almeida, Emi Bulhões, Carvalho da Fonseca, Coelho Neto, Herberto Sales, Afrânio Peixoto, Raul Pompéia, Pedro Bloch e outros. (JUNIOR, 2004, p. 265).

Ao passar dos anos as Histórias em Quadrinhos começaram a ter um maior impacto, autores reconhecidos da literatura mundial tiveram os seus textos veiculados em forma de HQs, tais como: Charles Dickens, William Shakespeare, Daniel Defoe, Victor Hugo, Jonathan Swift, Edgar Allan Poe, e recentemente foi lançado O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry, o Elogio da Loucura de Erasmo de Rotterdam, O Príncipe de Nicolau Maquiavel, Cândido, ou o Otimismo de Voltaire, Utopia de Thomas More e o Capital de Karl Marx entre outros (RAMA & VERGUEIRO, 2008).

Desta forma os quadrinhos conquistaram um espaço maior e cresceram em importância no mercado editorial. Hoje as editoras publicam quadrinhos adaptados da literatura clássica nacional e internacional bem como contos e lendas.

[...] se veio dos primórdios e continua moderna até hoje, a linguagem dos quadrinhos não pode ser considerada arte menor, como há muito tempo vinha sendo taxada. Sua história nos conta o quanto ela está inserida no estímulo à leitura e ao desenvolvimento de outras linguagens que vieram depois. (LOVETRO, 2011, p. 11).

As Histórias em Quadrinhos, infelizmente, durante muito tempo foram consideradas como sub-literatura, foram proibidas, perseguidas e marginalizadas. Hoje a sociedade passou a ter um novo olhar sobre as historinhas e as escolas que haviam fechado as suas portas para este tipo de leitura começaram a repensar a sua postura.

[...] essa linguagem criada no início da nossa civilização é hoje chamada de quadrinhos ou arte sequencial. E, por incrível que pareça, é a linguagem também do século 21. A linguagem dos balões dos quadrinhos é tão coloquial e econômica como a do twitter e seus 140 caracteres. Isso sem contar a força visual que vem, a cada ano, sendo preponderante e necessária na comunicação moderna. (LOVETRO, 2011, p. 11).

A linguagem dos quadrinhos é tão estimulante que a Mauricio de Sousa Produções aproveita do twitter⁴ para o envio e o recebimento de mensagens curtas, disponibilizando desta forma que qualquer participante possa concluir uma história ao seu modo, propiciando assim uma forma de estímulo, trabalhando no internauta a escrita e a construção de pensamento.

Por ser uma linguagem ultra moderna e envolvente que traz em si os caracteres necessários para uma rica comunicação, a importância das HQs está mais do que comprovada e a sua presença no espaço escolar tem sido solicitada em várias partes do mundo.

1.2 – A HISTÓRIA DAS HQS NO BRASIL E A TRAJETÓRIA DE SUCESSO DE MAURICIO DE SOUSA COM A TURMA DA MÔNICA

No livro *O que é História em Quadrinhos*, a autora Luyten (1993) nos diz que elas são um excelente veículo de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente e até chegarem à forma atual elas entrelaçaram as influências da fotografia e do cinema, exigindo os mais modernos processos de impressão gráfica. Na sua origem elas receberam nos Estados Unidos o nome de comic strips (tiras cômicas), na França chama-se bandes dessinées, ou seja, bandas (tiras) desenhadas, na Itália, o nome derivou-se daquilo que é mais característicos nos quadrinhos: fumetti – fumacinhas, os baloezinhos que saem da boca dos personagens, indicando sua fala. Na Espanha chamou-se “tabeó” e no Brasil chamou-se “gibi”. Na América Espanhola, usa-se a palavra “historieta”, no Japão, mangá, e em Portugal, “histórias aos quadrinhos”.

[...] elas são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita. O fato de os quadrinhos terem nascido do conjunto de duas artes diferentes – literatura e desenho – não os desmerece. Ao contrário, essa função, esse caráter misto que deu início a uma nova forma de manifestação cultural, é o retrato fiel de nossa época, onde as fronteiras entre os meios artísticos se interligam. (LUYTEN, 1993, p. 11-12).

⁴ <http://www.twitter.com/revistadaturma>

Segundo a definição de McCloud (1995) histórias em quadrinhos é: s. pl., usado com um verbo. 1. Imagens pictóricas e outras justapostas em seqüência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador.

No Brasil, a história dos quadrinhos inicia-se com a publicação de revistas brasileiras que quando não copiam, imitam Histórias em Quadrinhos italianas, e mais tarde as francesas e americanas. Seguindo esta trilha a nossa história dos quadrinhos começa com as quadrinizações de um italiano que foi o precursor de toda a nona arte em nosso país.

[...] o Brasil se tornou um dos pioneiros na criação da linguagem moderna dos quadrinhos com o italiano radicado no país, Angelo Agostini. Esse anarquista de formação começou a publicar quadrinizações de fatos jornalísticos em *Diabo Coxo* (1864) e *O Cabrião* (1866) – revistas paulistas. Depois, em 1869, esse autor entrou para a história criando o que seria a primeira novela gráfica em capítulos do mundo, na revista semanal *Vida Fluminense*. Tratava-se de “As aventuras de Nhô Quim”. Tem seqüências lindas, que chegam a lembrar um desenho animado. Em capítulos semanais, mostravam a viagem do personagem-título de Minas Gerais até a corte no Rio de Janeiro. A importância desse feito hoje é eternizada com a criação do Dia do Quadrinho Brasileiro, 30 de janeiro, incluído oficialmente no calendário do país. Nesta data, em 1869, foi publicado o primeiro capítulo da história. Depois disso vieram vários artistas invadindo os jornais e revistas. No Brasil foi criada a revista Tico-Tico. (LOVETRO, 2011, p. 12).

A revista Tico-Tico surgiu em 1905 e, portanto em 11 de outubro de 2011 fez 106 anos que esta revista publicou quadrinhos em nosso país, ela seguia a influência francesa e conseguiu em sua 1ª edição a tiragem de 21 mil exemplares, foi uma revista de sucesso e permaneceu no mercado durante 57 anos e lançou 2097 edições (MAGALHÃES, 2011).

[...] o *Tico Tico* era uma revista destinada às crianças, mas não como os gibis que conhecemos hoje em dia. Havia poucas páginas com quadrinhos. O resto era texto. Geralmente, curiosidades, fábulas e fatos sobre a história do Brasil. Ao longo dos anos, porém, *O Tico Tico* foi se enriquecendo com grandes colaborações de desenhistas famosos. (LUYTEN, 1993, p. 64).

Enquanto os quadrinhos conquistavam o mundo, nos Estados Unidos o Dr. Fredric Wertham (psiquiatra alemão radicado nos EUA) lançou um livro chamado *Seduction of the Innocent* (A Sedução dos Inocentes) que afirmava que a leitura de HQs era nociva às crianças por trazerem assaltos e assassinatos e exigia uma vigilância rigorosa por parte de pais, educadores e bibliotecários.

[...] através de uma seleção parcial, procurava ele demonstrar que os responsáveis por todos os males do mundo eram os quadrinhos. Chegava a absurdos como o exemplo da moça que virou prostituta porque lia HQ. (LUYTEN, 1993, p. 37).

Isso resultou na criação da Comics Code Authority (CCA), que regulamentava os princípios éticos das HQs que possibilitaria aos pais a segurança de que existia um controle confiável na elaboração das histórias, e assim eles poderiam encontrar um selo que lhes assegurasse a credibilidade total sobre o conteúdo destas historinhas.

[...] o Código de Ética da CMAA trazia 41 determinações. O regulamento foi dividido em dois blocos distintos: o primeiro trazia as determinações gerais, formadas por 32 artigos, com regras rígidas que restringiam a abordagem de temas como religião, costumes, casamento e sexo. O outro bloco trazia nove artigos sobre o que deveria ser proibido na publicidade veiculada nas revistas em quadrinhos. As restrições se estendiam a todos os gêneros de gibis dirigidos ao público infanto-juvenil. (JUNIOR, 2004, p. 242).

Nos anos 60 o Brasil segue o mesmo caminho dos EUA e cria o código de ética dos seus quadrinhos, fazendo com que os grandes editores: Assis Chateaubriand (O Cruzeiro) e Roberto Marinho (RGE), adotassem o selo de qualidade que garantisse aos pais a segurança necessária sobre o conteúdo veiculado nas HQs. Precisamente em 1961 este código já afirmava em alguns de seus artigos:

[...] artigo 1º - As histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais. (...) Artigo 4º - As histórias em quadrinhos

devem exaltar, sempre que possível, o papel dos pais e dos professores, jamais permitindo qualquer apresentação ridícula ou desprimorosa de uns ou de outros. Artigo 5º - Não é permissível o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça. Artigo 6º - Os princípios democráticos e as autoridades constituídas devem ser prestigiados, jamais sendo apresentados de maneira simpática ou lisonjeira os tiranos e inimigos do regime e da liberdade. (...) Artigo 8º - Relações sexuais, cenas de amor excessivamente realistas, anormalidades sexuais, sedução e violência carnal não podem ser apresentadas, nem sequer sugeridas. (JUNIOR, 2004, p. 404).

Ao decorrer do tempo o mercado de gibis tornou-se tão importante no Brasil ao ponto de haver disputa por ele, ao lermos o livro *A Guerra dos Gibis* de Gonçalo Junior, podemos perceber a importância que os gibis conquistaram no mercado brasileiro, daí a luta editorial que se armou no começo da década de 30 entre Adolfo Aizen “O Suplemento Juvenil” e “O Globo Juvenil” do jornalista Roberto Marinho, que disputavam o mesmo sucesso dos suplementos americanos.

[...] se não bastasse a crise interna naquele difícil 1939, Roberto Marinho voltou a dar dor de cabeça a Aizen ao demonstrar mais uma vez que, melhor do que arriscar, a cautela recomendava seguir os bem-sucedidos passos do concorrente. Na quarta-feira 21 de abril, com grande estardalhaço, *O Globo* lançou sua primeira revista em quadrinhos: *Gibi*. Com 32 páginas, a revistinha trazia o novo formato importado por Aizen, era impressa em papel-jornal, com algumas páginas duplas em duas cores (vermelha e amarela) e as outras em preto-e-branco. O preço era o mesmo de *Mirim*, trezentos réis. (JUNIOR, 2004, p. 68-69).

Mais de uma década se passou para que surgisse em 1950 pelas mãos de Victor Civita a Editora Abril, que nos traria os primeiros gibis da Disney, em especial o Pato Donald, que tornou-se popularmente conhecido juntamente com vários outros personagens que desembarcaram no Brasil e permanecem até os dias de hoje, todos eles propiciaram que esta pequena editora se transformasse em um conglomerado empresarial de sucesso.

Apareceram neste período vários trabalhos de artistas brasileiros que se destacaram por sua arte e ousadia.

[...] são tantos os autores de quadrinhos brasileiros que seriam necessárias várias páginas para descrever suas criações. Podemos falar de um Jayme Cortez, desenhista de estilo próprio, e que comandou a era de ouro da HQ nacional nos anos 50 com a força dos quadrinhos de terror e aventura. A nova geração com Angelí, Laerte e Glauco, com seus personagens de humor. Os artistas que produzem até para o mercado estrangeiro, principalmente americano, como Ross, Gabriel Bá, Fabio Moon e Ivan Reis. Enfim, temos os melhores do mundo. (LOVETRO, 2011, p. 14).

Entre os melhores do mundo podemos destacar as obras de Mauricio de Sousa e Ziraldo que com brilhantismo peculiar marcaram a idade de ouro dos quadrinhos brasileiros.

Mauricio de Sousa lançou no final dos anos 50 na Folha da Manhã atual Folha de São Paulo o seu primeiro personagem o cãozinho Bidu e seu dono Franjinha, o sucesso viria mais tarde com o lançamento de outros personagens:

[...] neste contexto, surgiram *Cebolinha*, *Piteco* e personagens secundários como *Titi*, *Jeremias* e *Manezinho*. Posteriormente vieram *Cascão*, *Chico Bento*, *Mônica*, *Magali* e tantos outros que garantiram presença nas aventuras cada vez mais divertidas e bem desenhadas. Alguns personagens mais populares, como se sabe, ganharam publicações próprias com o passar do tempo, sendo as revistas da *Mônica* o produto principal da Mauricio de Sousa produções. (SANTANA, 2007, p. 75).

Após esta longa trajetória de adequação pela qual os quadrinhos passaram nos EUA e no Brasil surge nos anos 60 o primeiro personagem de Ziraldo Alves Pinto (*Pererê*), um moleque negro, um saci.

[...] até 1960, as Edições O Cruzeiro nunca haviam se arriscado a fazer uma revista brasileira de história em quadrinhos. E quando o fizeram, não se arrependeram, pois ela alcançou enorme sucesso. Em outubro daquele ano, lançaram *Pererê*, criação de Ziraldo Alves Pinto – o mesmo que, quando garoto, em Caratinga, Minas, escrevera a Aizen para lhe dizer que queria ser desenhista de quadrinhos. A aposta da editora no artista mineiro superou todas as expectativas de vendas. Logo *Pererê* se tornou um dos gibis mais lucrativos da empresa. (JUNIOR, 2004, p. 327).

Com o trabalho de Ziraldo surge o movimento de nacionalização dos quadrinhos, que resultou na criação de uma lei que obrigasse as editoras a publicar mais material brasileiro.

No período militar a censura atingiu a obra de Ziraldo por ele buscar disseminar um discurso consciente e comprometido com a valorização da cultura brasileira e defender a liberdade de expressão. Braga & Patati (2006) comentam ainda:

[...] a primeiríssima versão do Pererê de Ziraldo estava afinadíssima com um momento de conexão cultural que não se repetiu mais. Eram HQ's muito comprometidas com a renovação então em curso. Foram feitas num momento anterior ao golpe de 1964, em que, por exemplo, os mesmos personagens podiam ser ao mesmo tempo interioranos e interessados nos destinos do cinema nacional, sem que isso fosse motivo de qualquer estranheza. O país imaginava muitas coisas de si mesmo. (p. 184).

Enquanto isso a obra de Mauricio de Sousa conquistava espaço e isto favorecia a construção de seu império no momento histórico em que os direitos civis e a liberdade de expressão estava sendo cerceada, porque o seu trabalho estava menos comprometido com os aspectos políticos, ideológicos e culturais da época.

[...] as mudanças políticas e culturais por que nosso país passou durante a administração militar só não afetaram a continuidade dos trabalhos de Mauricio de Sousa, todavia. (...) A Turma da Mônica, isto é, a turma de Mauricio, menos culturalmente definida, sem contar com onça nem com tamanduá na mistura, sofreu menos com os ventos conservadores que assolaram o país. (BRAGA & PATATI, 2006, p. 184).

Nos anos 70 Mauricio de Sousa se afirma no mercado dos quadrinhos, publicando as primeiras historinhas da Mônica, alcançando 200 edições na Editora Abril (1970 – 1986), 246 edições na Editora Globo (1987 – 2006) e na Editora Panini já lançou 60 edições até dezembro de 2011. Em junho do mesmo ano a revista da Mônica completou 500 edições. Por tudo isso podemos constatar a trajetória de sucesso que este desenhista tem feito através dos seus personagens.

[...] o universo quadrinizado de Mauricio de Sousa traz uma diversidade de personagens e tipos peculiares que são apresentados em variadas situações e em distintos contextos sócio-comunicativos, buscando reproduzir as situações e vivências reais das crianças, dos jovens e adultos. Desse modo, os personagens da Turma da Mônica, em sua maioria crianças, são retratados em ambientes familiares, no convívio com seus pais e irmãos, com seus amigos fazendo brincadeiras e jogos infantis, ou mesmo no ambiente rural, em contato com a natureza, por exemplo. Toda essa variedade, de certo modo, permite a observação e análise de produções discursivas das mais diversificadas, quando se estuda a extensa gama de personagens pertencentes ao conjunto da Turma da Mônica. (SANTANA, 2007, p. 85).

Os seus personagens ganharam gosto popular, sendo que a Turma da Mônica vendeu mais de 1 bilhão de revistas em todo o território nacional e internacional. A publicação destas revistinhas e o seu sucesso estendeu-se pela Europa, Ásia e América Latina alcançando cerca de 30 países.

Com a mudança política do país Ziraldo volta a ser sucesso com a publicação do Menino Maluquinho que lhe rendeu a venda de 5 milhões de livros nas escolas.

No Brasil os documentos oficiais do governo como os PCN - 1997 (Parâmetro Curricular Nacional) de língua portuguesa e o PNBE (Plano Nacional da Biblioteca na Escola) desde 2006 reconhecem a importância da utilização dos quadrinhos para a aprendizagem disponibilizando e determinando o seu uso contínuo em sala de aula. Segundo Ramos (2012) o último dado do PNBE 2012 mostra que das 250 obras selecionadas, 7 são em quadrinhos sendo 3 destas adaptações literárias.

[...] os últimos anos têm pautado a presença das histórias em quadrinhos na escola, tanto como atividade de leitura quanto em práticas usadas em sala de aula. Dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), houve uma gradativa inserção do tema na área educacional brasileira. Mais do que isso: quadrinhos se tornaram política educacional do país. (RAMOS & VERGUEIRO, 2009, p. 7).

Os parâmetros da área de artes mencionam especificamente a necessidade do aluno ser competente na leitura de histórias em quadrinhos e outras formas visuais, como publicidade, desenhos animados, fotografias e vídeos. Segundo Ramos & Vergueiro (2009):

[...] os PCN de Língua Portuguesa também mencionam os quadrinhos. No caso do ensino fundamental, existe referência específica à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda. O mesmo texto menciona igualmente as tiras como um dos gêneros a serem usados em sala de aula. (p. 10).

Apesar da aprovação dos órgãos oficiais as revistas em quadrinhos ainda não são muito presentes nas escolas, são poucas as Histórias em Quadrinhos que compõe o acervo das bibliotecas das escolas públicas estaduais do município de Senhor do Bonfim⁵, bem como na única Biblioteca Pública Municipal Prof.^a Zenáurea Therezinha Campos Dias⁶.

[...] recentemente, em muitos países, os próprios órgãos oficiais de educação passaram a reconhecer a importância de se inserir as histórias em quadrinhos no currículo escolar, desenvolvendo orientações específicas para isso. É o que aconteceu no Brasil, por exemplo, onde o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). (RAMA & VERGUEIRO, 2008, p.21).

Tudo indica que levará alguns anos para a política dos quadrinhos se efetivar nas escolas, apesar de tudo isso as revistas da Mônica completaram 500 edições em junho de 2011 e segundo Luyten (1993) os personagens de Mauricio fazem mais sucesso e vendem mais do que os personagens da Disney em todo o país.

1.3 – PERSONAGENS NEGROS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO BRASIL

O primeiro personagem negro que surge nas Histórias em Quadrinhos brasileiras que se tem registro foi **Benedito** (figura 15) que acompanhava o seu patrão Nhô Quim em as Aventuras de Nhô Quim, do italiano Angelo Agostini.

⁵ Conforme pesquisa realizada no semestre letivo 2008.2, foi constatada que poucas HQs estavam disponíveis nas escolas.

⁶ Conforme pesquisa realizada no semestre letivo 2010.1, foi constatada a não existência de quadrinhos dentro deste espaço não formal de educação.

[...] estreou no dia 30 de janeiro de 1869 e é considerada a primeira história em quadrinhos brasileira a trazer um personagem fixo. Já em seu primeiro episódio (...), aparece um personagem negro, serviçal do protagonista, numa época em que o Brasil ainda não havia abolido a escravidão. (CHINEN, 2012, p. 7).

O pesquisador Athos Eichler afirma que em 1907 foi criado para a revista O Tico-Tico por J. Carlos o primeiro personagem da cor negra a fazer parte das historinhas brasileiras, que se chamava **Giby** (figura 16) e era o criado da casa de Juquinha.

Por outro lado **Benjamim** (figura 17) foi o que mais se destacou e o que mais fez sucesso entre o público leitor em as Aventuras de Chiquinho e seu cão Jagunço. Benjamim foi capa de revista e esteve presente em inúmeras páginas sendo desenhado sucessivamente por vários desenhistas até 1960, foi um dos personagens mais duradouros do quadrinho nacional.

[...] a caracterização física tanto de Giby quanto de Benjamim seguia o padrão estereotipado da época com olhos saltados e lábios grossos. O papel de ambos também não fugia às funções às quais os personagens negros de então eram relegados: o de serviçal, garoto de recados e engraxate da casa, a quem se permitia brincar com o filho do patrão, mas não ir muito além disso. Sua função era de criar situações engraçadas decorrentes de sua ignorância ou falta de modos. (CHINEN, 2012, p. 7-8).

Segundo Chinen (2012) citando Freud rir do outro é uma maneira civilizada de agredi-lo, de torná-lo menor.

O desenhista Luís Sá em 1931 lança o personagem **Azeitona** (figura 18), personagem negro, homem de lábios grossos e de laço vermelho que ornava o seu tufo de cabelo no alto da cabeça, utilizava-se assim, de um humor que nos tempos de hoje não seria considerado politicamente correto.

Outro personagem negro foi criado pelo carioca José Carlos de Brito que chamava-se a negrinha **Lamparina** (figura 19-20) que é considerada sua maior criação nas HQs do Tico-Tico.

[...] se nas outras séries o negro era retratado com traços fisionômicos exagerados, Lamparina era o próprio estereótipo do aborígene africano com braços excessivamente longos, modos e atitudes simiescos e até uma tanga de pele de felino. Além desses elementos visuais de viés nitidamente preconceituoso, as enrascadas em que Lamparina se metia reforçavam ainda mais o aspecto pouco refinado de sua inteligência e raciocínio. (CHINEN, 2012, p. 8).

Mais tarde o Cearense Luiz Sá criou em 1931 a negrinha **Maria Fumaça** (MAGALHÃES, 2011), personagem que alude à cor da fumaça desprendida do trem, aquilo que resta da combustão do carvão, o resto.

Houve também uma série denominada de **Quadrilha negra** de Oswaldo Storni, que anuncia e sinaliza a associação do negro com o crime organizado.

Entre os personagens mais atuais (anos 60) podemos encontrar o **Pererê** (figura 21) de Ziraldo Alves Pinto, personagem das edições O Cruzeiro que se tornou um dos gibis mais conhecidos deste autor.

[...] o livro de Cirne traz, ainda, um capítulo sobre Pererê (...), analisado como exemplo de brasilidade nos quadrinhos. Este personagem, aliás, é o que mais mereceu a atenção dos pesquisadores. O próprio Cirne, em um dos pioneiros estudos nacionais sobre os quadrinhos, (Cirne, 1971), faz uma extensa análise do Pererê, desde considerações sobre o elemento folclórico que deu origem ao protagonista a uma descrição de cada personagem da série, passando por uma avaliação do contexto político e social do período em que o personagem foi lançado. Em outros dois livros do mesmo autor, (Cirne, 1973 e 1990), há capítulos dedicados ao Pererê. (CHINEN, 2012, p. 6-7).

Inexiste em nosso país uma bibliografia que nos possibilite ter um maior referencial sobre a presença dos povos negros nas HQs, o único livro que tem um capítulo dedicado exclusivamente a esta temática é o de Moacyr Cirne, cujo título é *Uma Introdução Política aos Quadrinhos* da editora Achiamé.

[...] no Brasil, a bibliografia sobre quadrinhos ainda é bastante escassa em comparação com países como França, Estados Unidos e Espanha. Os livros teóricos de referência existentes, de modo geral, se restringem a citar os personagens negros, sem se aprofundar na sua "biografia" nem na análise semiológica de sua caracterização. (CHINEN, 2012, p. 6).

Na obra de Mauricio de Sousa, tema deste TCC⁷, encontramos personagens negros tais como: **Jeremias** (figura 22), **Pelezinho** (figura 23), **Daiane dos Santos** (figura 24) e **Ronaldinho Gaucho** (figura 25). Nenhum deles tem a cor preta, todos são pintados com tons de marrom, o que exclui qualquer presença negra dentro destas historinhas, entre estes, Jeremias é um dos personagens que mais aparece nas pouquíssimas histórias que lhe permitem participar em papéis secundários nas HQs de Mauricio.

[...] ele tem participação tímida nas aventuras e são raras as ocasiões em que aparece nas histórias, sempre em papel de coadjuvante. Jeremias integra uma categoria que poderia ser chamada de terciária, uma vez que em primeiro plano está o quarteto formado por Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali. (CHINEN, 2012, p. 9).

Pelezinho e Ronaldinho Gaúcho são personagens que conquistaram o protagonismo e edições próprias na Mauricio de Sousa Produções.

[...] o mesmo ocorre com o Pelezinho e Ronaldinho Gaúcho, ambos criados pela equipe de Mauricio de Sousa. Embora se trate de dois negros que protagonizam suas próprias revistas, é o caso de se questionar se eles foram transformados em personagens de quadrinhos por serem negros ou por serem celebridades esportivas. (CHINEN, 2012, p. 9).

Não podemos esquecer do cartunista Henfil, um dos mais famosos do Brasil, que criou personagens negros e denunciou com o seu trabalho a hipocrisia da sociedade da época, as suas reflexões atuais ainda hoje provoca as pessoas a pensarem melhor sobre os seus atos.

[...] como caso mais emblemático, temos os personagens negros do Henfil, cujo estilo é conhecido pela economia de traços, mas nem por isso menos expressivos. Sua galeria de personagens reúne tipos como os Fradins, Zeferino, Orelhão, Caboco Mamadô e até um com o simpático nome de Preto-que-Ri. Henfil foi um dos mais renomados cartunistas do Brasil e teve atuação importante durante a época da ditadura militar (1964-1984). Seus cartuns e HQs refletiam uma postura engajada, de resistência ao regime e

⁷ Trabalho de Conclusão de Curso.

denúncia contra os problemas sociais. Conhecido por não fugir da polêmica, Henfil era provocativo, sarcástico e contundente, mas talentoso e sincero. Por meio de seus personagens Henfil denunciava a hipocrisia e os falsos valores morais da sociedade da época. Um dos temas que explorou foi o racismo, algo que, em tese não existia entre os brasileiros, mas que se revelava nos pequenos detalhes e nas sutilezas dos relacionamentos. (CHINEN, 2012, p. 9).

Citamos também Edgar Vasques, que em 1960 criou a série Rango. Rango vivia na miséria, no lixo e era acompanhado por um garoto negro. Seu trabalho teve grande repercussão nos anos 70 e 80.

[...] as tiras de Rango exploravam as mazelas da população menos favorecida e atacava os responsáveis pela condução da economia do País, que vivia sob uma forte ditadura militar. Superada a fase de protesto político e execração do racismo explícito, o contexto de promoção da integração racial e respeito à diversidade fez com que alguns autores mais engajados criassem personagens com o objetivo declarado de valorizar a etnia negra. (CHINEN, 2012, p. 10).

Outra personagem importante foi **Luana** (figura 26), desenhada por Mingo de Souza. As aventuras de Luana abordam a cultura afro-brasileira e temas como a religiosidade e a história. Esta coleção tiveram roteiros de Dejair da Mata e começaram a ser editados a partir do ano 2000, por iniciativa de Aroldo Macedo.

[...] Luana nasceu como um projeto voltado para crianças negras com a intenção de lhes elevar a auto-estima e combater o preconceito. Luana é uma garota simpática, extremamente ativa, praticante de capoeira. Ela é a líder de uma turma de crianças que entre uma aventura e outra aborda temas da cultura afro-brasileira como história e religiosidade. Além de ser a protagonista de uma coleção de gibis em histórias roteirizadas por Dejair da Mata e desenhadas por Mingo de Souza, Luana também figura em diversos livros infantis. (CHINEN, 2012, p. 10).

Dirigindo-se ao público adolescente, temos também, Flávio Luiz que lançou em 2008 o álbum *Aú, o capoeirista*, as suas histórias se passam em Salvador – BA e são muitos os personagens negros desta sua obra.

[...] a história tem muitos personagens negros e aborda vários elementos da cultura local como a música e a culinária, mas sem cair na exploração do exotismo. Apesar de exímio lutador, Aú vale-se de sua astúcia e inteligência para solucionar os problemas. Tanto no aspecto visual quanto na elaboração do roteiro, esse trabalho é muito semelhante a obras similares da Europa, onde o formato álbum é predominante. (CHINEN, 2012, p. 10).

Surgiu também outro personagem negro Suriá, a Menina do Circo, criação de Laerte para folha de São Paulo. O quadrinhista Angeli apresenta também personagens negros, como Rê Bordosa e o punk Bob Cuspe. Angeli criou também a adolescente negra Tantra, e a dupla **Black Little Skrots** (figura 27), dois rapazes negros que provocam reflexões sobre o racismo.

Segundo Chinen (2012) existem trabalhos que resgatam a importância dos negros em vários acontecimentos.

[...] um trabalho pioneiro nesse aspecto foi a quadrinização da saga de Zumbi, líder de uma comunidade de escravos fugidos que formaram a comunidade do Quilombo dos Palmares, feita pelo sociólogo Clóvis Moura e ilustrada por Alvaro Moya, em 1955. O personagem de Zumbi foi retomado outras vezes por diversos artistas como a dupla Krisnas e Allan Alex, em álbum publicado em 2003, e Antonio Cedraz, em livro infantil lançado em 2009. (p. 11).

Outra publicação importantíssima é o álbum revolta dos Búzios, é do quadrinhista Mauricio Pestana que em 2007 denunciou as desigualdades a que estavam sujeitos os povos negros.

[...] o álbum Revolta dos Búzios que reconta o levante, que ocorreu em 1798, também conhecido como Revolta dos Alfaiates ou Conjuração Baiana com destaque para seus líderes que pertenciam à comunidade negra de Salvador, fato que nossos livros de história não costumam explicitar. (CHINEN, 2012, p. 11).

Outra iniciativa neste sentido foi o álbum **Chibata** (figura 28) do roteirista Olinto Gadelha e do desenhista Hemeterio, trabalho lançado no fim de 2008 pela editora Conrad.

[...] na mesma linha de concepção, foi publicado em 2008 o álbum Chibata (...), versão quadrinizada da famosa Revolta da Chibata de 1910, liderada pelo marinheiro João Cândido, que ficou conhecido como Almirante Negro. (CHINEN, 2012, p. 11).

Na revista Orixás foi lançado o trabalho de Alex Mir e Caio Majado quadrinizando as divindades do Candomblé.

Todos estes trabalhos demonstram que os negros já estão presentes nas Histórias em Quadrinhos, o que nos revela que a importância da representação destes personagens começou a crescer em nosso país, bem como reflexões sobre a cultura e os valores destes povos começaram a ser abordados de modo menos preconceituoso e singular.

1.3.1 – O Negro, a sua luta, suas conquistas e a sua invisibilidade nos quadrinhos

A marcante presença da desigualdade em nosso país vem desde os tempos coloniais quando já temos registro de como eram tratados os povos negros, vítimas de escravização pelos portugueses que os tratavam como objeto de uso e muitas vezes de abuso molestando a sua integridade física e moral. A história dos povos negros é uma história de busca da conquista de sua liberdade e de garantia de espaço na sociedade, desde o aparecimento dos quilombos aos movimentos de resistência e de luta pelo acesso ao conhecimento, eles têm se empenhado em traçar caminhos rumo ao reconhecimento e a valorização da sua raça. Podemos exemplificar esta trajetória de luta desde a independência da Bahia que segundo Oliveira (2006) ocorreu em vários momentos da nossa história: nas Brigadas Populares em Pernambuco, na Sabinada (Bahia 1834 – 1837), na Guerra dos Farrapos (sul do país 1835 – 1845), na Cabanagem (Pará 1835 – 1840), na Balaiada (Maranhão 1838 – 1841) e na Revolta dos Malês em Salvador. Os negros participaram de todos estes movimentos vendo neles a possibilidade de conquistar um maior espaço na sociedade e de conseguir a tão sonhada liberdade.

A escravidão durou desde 1531 com a chegada do primeiro navio negreiro até a assinatura da lei Áurea em 1888. Foram 357 anos de escravidão (três séculos e meio). Completamos em maio de 2011, apenas 123 anos de trabalho considerado como trabalho livre. Durante todo este tempo os movimentos negros têm lutado pelo aprimoramento de práticas anti-racistas, pela ampliação de acesso aos direitos sociais e por políticas de promoção de igualdade social.

Podemos enumerar várias conquistas nestas últimas décadas. A partir dos anos 90 no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994 – 1998) o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) foi instalado com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da população negra. Houve também o lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) em 1996 com o objetivo de garantir os direitos civis, mais especificamente à integridade física e o respeito à cidadania, bem como a promoção de medidas de ações afirmativas para a população negra e para as mulheres.

Em 2001 foi promovida a III conferência mundial contra o racismo, a discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata em Durban, na África do Sul. Conferência organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas) que reconhecia a necessidade de debates a respeito de temas pertinentes a problemática dos negros. O nosso país realizou pré-conferências com a participação da Fundação Palmares e do IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas). Os documentos elaborados por esta pré-conferência trouxeram uma rica contribuição ao movimento negro.

A partir de 2003 com Luiz Inácio Lula da Silva na presidência da república os movimentos sociais e especialmente o movimento negro ganha força, foi criada então a secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial que estabelece:

[...] art. 1º Fica criada, como órgão de assessoramento imediato ao Presidente da República, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Art. 2º À Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial compete assessorar direta e imediatamente o Presidente da República na

formulação, coordenação e articulação de políticas e diretrizes para a promoção da igualdade racial, na formulação, coordenação e avaliação das políticas públicas afirmativas de promoção da igualdade e da proteção dos direitos de indivíduos e grupos raciais e étnicos, com ênfase na população negra, afetados por discriminação racial e demais formas de intolerância, na articulação, promoção e acompanhamento da execução dos programas de cooperação com organismos nacionais e internacionais, públicos e privados, voltados à implementação da promoção da igualdade racial, na formulação, coordenação e acompanhamento das políticas transversais de governo para a promoção da igualdade racial, no planejamento, coordenação da execução e avaliação do Programa Nacional de Ações Afirmativas e na promoção do acompanhamento da implementação de legislação de ação afirmativa e definição de ações públicas que visem o cumprimento dos acordos, convenções e outros instrumentos congêneres assinados pelo Brasil, nos aspectos relativos à promoção da igualdade e de combate à discriminação racial ou étnica, tendo como estrutura básica o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial – CNPIR, o Gabinete e até três Subsecretarias. (BRASIL, 2012, p. 1).

Todos estes movimentos visam políticas afirmativas que assegurem uma maior justiça social visando combater o racismo, corrigir injustiças, tomar medidas reparatórias, compensatórias, corretivas, reformatórias em que as desigualdades sejam minoradas e a nossa diversidade seja vista como o nosso maior tesouro.

Um grande avanço foi dado com as políticas de ações afirmativas em relação ao acesso a educação universitária quando foi criado o PROUNI (Programa Universidade para Todos). Outro avanço ainda foram as leis nº 3542/2000 e nº 3708/2001 que reservava 40% de vagas para estudantes que se auto declaram pardos ou negros na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e na UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense) em 2003. A UNEB (Universidade do Estado da Bahia) também adotou a política de cotas e em 2003 através da resolução nº 196/2002 do CONSU (Conselho Universitário) pôde realizar o seu primeiro vestibular destinando 45% de vagas para alunos pardos ou negros (CESAR, 2012).

A UnB (Universidade de Brasília) através de iniciativa do seu conselho de ensino, pesquisa e extensão e amparada pela lei nº 9394/96 resolveu também reservar 20% das vagas de vestibular para candidatos de cor preta ou parda (CESAR, 2012).

Estas conquistas não vieram por acaso, percebemos que o exposto acima é o resultado de uma luta empreitada pelo movimento negro que pressionou o estado em prol do atendimento de suas reivindicações.

1.3.2 – A invisibilidade dos negros nos quadrinhos das revistas mais conhecidas de Mauricio de Sousa

A invisibilidade dos negros nos quadrinhos de Mauricio de Sousa foi constatada no 3º semestre do nosso curso após uma pesquisa em que fizemos uma análise documental das revistas da Mônica (10 revistas editadas no ano de 2006), e observamos então que, de 3.613 quadrinhos somente em 62 quadrinhos encontramos personagens negros, conforme a tabela 1 que construímos após a contagem destes quadrinhos:

Tabela 1 – Personagens negros encontrados nas 10 revistas da Mônica no ano de 2006 no projeto Negra cor: descolorindo os quadrinhos

Número das Edições	Personagens Negros	Total de quadrinhos com personagens de cor negra	Total de quadrinhos por revista
235	Daiane dos Santos p. 7 até 16, 1 Saci (propaganda) p. 53	42 1*	329
236	1 saci (propaganda) p. 69	1*	380
237	5 Jeremias p. 14, 16	5	344
239	1 Ronaldinho (propaganda) p. 84	1*	318
240	3 Ronaldinho (propaganda) p. 2, 44 e 67	3*	378
241	1 Jeremias (propaganda)	1*	393
242	1 Jeremias (propaganda) p. 34 1 Ronaldinho (propaganda) p. 83	1* 1*	343
243	1 Jeremias p. 39 1 Ronaldinho (propaganda) p. 82	1 1*	361
244	1 Ronaldinho (propaganda) p. 75	1*	377
246	3 Jeremias p. 35, 36 e 38	3	390
	Total	62	3.613

Fonte: Dados do Projeto Negra cor

*Personagens negros encontrados nas 10 revistas da Mônica lançadas no ano de 2006 que constam no projeto negra cor: descolorindo os quadrinhos – Ao todo os personagens negros que aparecem nas 10 revistas da Mônica, distribuídos por quadrinhos em que estão presentes são: Jeremias (11 quadrinhos) e Daiane dos Santos (42 quadrinhos). Ronaldinho aparece 7 vezes sem fazer parte de nenhuma historinha, fazendo propaganda da revistinha que leva o seu nome, Jeremias aparece 2

vezes como propaganda da diversidade e o Saci aparece 2 vezes como propaganda da coleção “Meu Livrinho Sítio do Picapau Amarelo”. Os personagens que representam os povos negros estão presentes em 62 quadrinhos sendo que o total de quadrinhos das revistas são de 3.613. O resultado da análise destas revistas é que a participação dos povos negros como personagens das histórias é insignificante já que em 10 revistas estudadas, 6 delas os negros não estão presentes em nenhuma história, apenas aparecem 7 vezes como propaganda em folhas entre uma historinha e outra.

Esta invisibilidade constatada neste nosso trabalho passou a ser uma das hipótese a ser confirmada ou não, neste nosso TCC.

Percebemos por tudo isso pela ausência dos negros que Mauricio de Sousa, criador da Turma da Mônica tem construído a sua história evitando posicionar-se e envolver-se com as questões políticas e sociais. Se observarmos o seu percurso veremos que o seu não engajamento político aos movimentos anti-autoritários e anti-racistas, bem como a sua posição de aparente imparcialidade em tempos de radicalismo tanto de esquerda quanto de direita, fizeram com que Mauricio de Sousa conseguisse utilizar o jeitinho brasileiro para se neutralizar.

[...] porque diante de um pesado não pode burocrático, posso dar um “jeitinho”; porque entendo que ficar malandramente “em cima do muro” é algo necessário e prático no caso do meu sistema. (DAMATTA, 2003, p. 9).

Um dos primeiros passos dele na direção de personagens negros foi a criação nos anos 70 do seu primeiro personagem famoso desta cor. Pelé é conhecido em todo o mundo como um ídolo do esporte futebolístico, foi representado pelo personagem Pelezinho. Estas revistas, com o passar do tempo deixaram de ser publicadas. Hoje, porém, o Pelezinho está sendo cotado para ser o mascote da copa de 2014.

[...] no campo do esporte os negros sempre tiveram uma participação destacada. Sem dúvida, o maior exemplo disso é o de Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Considerado o melhor jogador de futebol de todos os tempos e o “Atleta do Século”, Pelé conseguiu ganhar três copas do mundo (1958, 1962 e 1970). Marcou mais de mil gols, e se tornou um dos maiores ídolos do Brasil. O seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo e, no Brasil, ocupou o cargo de Ministro dos Esportes. Pelé acabou também se tornando motivo de críticas por grande parte do movimento negro pelo fato de

não ter se envolvido, pelo menos de forma contundente, em lutas anti-raciais. (OLIVEIRA, 2006, p. 48-49).

Hoje com a promoção de políticas de igualdade racial a Mauricio de Sousa Produções busca acompanhar este movimento histórico adequando as suas historinhas a este novo tempo, embora a referência aos personagens negros ainda sejam periféricas e estratégicas, os negros em sua imensa maioria se apresentam como figurantes silenciados nas tramas de suas historinhas, com exceção daqueles que são celebridades como Pelé, Ronaldinho Gaúcho e Daiane dos Santos.

Na medida que o movimento negro aumenta no país, a obra de Mauricio de Sousa vem avançando e incluindo cada vez mais estes povos, confirmamos isto através do lançamento da revistinha no ano de 2006 que tem como protagonista Ronaldinho Gaúcho, representando o craque que recebe o mesmo nome. Com a implementação das políticas afirmativas, ele dá novos passos e amplia o número de personagens, assim em 7 de outubro de 2011, houve o lançamento em Salvador – BA de personagens afro-brasileiros (figura 29), uma família composta por pai, mãe e três filhos que moram nesta cidade, representando a cultura baiana, e que estabelecem relações de amizade com a turminha, sendo que a baianinha será a melhor amiga da Mônica. Os personagens já foram lançados na bienal de livros, mas até o término deste trabalho ainda não estavam nas revistas da turminha.

[...] segundo o cartunista, os personagens ainda não foram batizados e não há previsão de quando eles vão compor os quadrinhos. Na história, o pai será produtor de eventos e a mãe uma veterinária. Um dos irmãos gosta de música clássica, o outro de axé e ritmos baianos, e a menina, que será uma das melhores amigas de Mônica, vai tocar berimbau e lutar capoeira. (G1, 2012, p. 1)

Apesar de todas estas conquistas causa estranheza que o Brasil, país de maioria negra (97 milhões de pretos e pardos), segundo dados do IBGE 2010, Brasil (2012), tenha a maioria do seu povo tão pouco representado exercendo quase sempre na nona arte um papel subalterno, estereotipado e de pouca relevância nas tramas, só recentemente é que surgiram estes últimos trabalhos que ganham novos

contornos e dão espaço aos personagens negros de serem protagonistas de histórias ao tempo em que valorizam a sua cultura, os seus valores e a importância destes povos nas historinhas no nosso país.

CAPÍTULO II – DIRETRIZES E PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Trabalharemos o nosso tema utilizando a análise do discurso, metodologia que surgiu no fim dos anos 60 em decorrência das insuficiências que vinham sendo observadas na análise do conteúdo como método. A análise do discurso vai além da análise do conteúdo, vai além do texto, ao contexto, ao histórico social, ao ideológico. Partimos a princípio da análise do conteúdo com o objetivo de atingir uma significação profunda dos textos, analisamos as mensagens obscuras com duplo sentido, cuja interpretação só pode surgir depois de uma observação cuidadosa que ultrapasse as aparências, os níveis mais superficiais do texto, fazendo uma análise do discurso dos personagens em que se veiculam as ideologias, buscando ancorá-las sócio-historicamente.

[...] é aí que entra a ideologia: ela constituirá um corpo de idéias produzidas pela classe dominante que será disseminado por toda a população, de modo a convencer a todos de que aquela estrutura social é a melhor ou mesmo a única possível. Com o tempo, essas idéias se tornam as idéias de todos; em outras palavras, as idéias da classe dominante tornam-se as idéias dominantes na sociedade. (GALLO, 1999, p. 37).

Observaremos como a ideologia está presente na linguagem específica dos quadrinhos, bem como no discurso que se refere ao povos negros nas 50 revistas⁸ analisadas para este TCC.

[...] para a Análise do Discurso, a linguagem não é o reflexo de algo que lhe é exterior. Toda produção de linguagem, portanto não possui uma motivação outra, constituindo-se, de fato, como produto do encontro entre um eu e um outro, segundo formas de interação situadas historicamente. (DEUSDARÁ & ROCHA, 2011, p. 317).

⁸ Estas 50 revistas estão mencionadas nas referências.

Mauricio de Sousa e sua equipe fazem os seus discursos utilizando as falas dos seus personagens, desta forma dissemina a ideologia presente nas tramas imagéticas.

[...] para Marx, claramente, ideologia é um conceito pejorativo, um conceito crítico que implica ilusão, ou se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as idéias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade. (LÖWY, 1993, p. 12).

Desse modo objetivou-se realizar uma análise das representações ideológicas sobre os povos negros, e suas materializações através dos discursos presentes nas Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica.

[...] a pesquisa tomou como ponto de partida a hipótese de que a história em quadrinhos é um aparelho ideológico, não necessariamente controlado pelo Estado, mas igualmente capaz de transmitir conteúdos ideológicos responsáveis por influenciar na formação moral e educacional dos indivíduos que constituem o público leitor deste produto cultural. Este processo torna-se possível uma vez que as aventuras e narrativas quadrinizadas freqüentemente reproduzem situações e contextos sociais semelhantes ao cotidiano real de crianças, adolescentes, jovens e adultos do mundo não-ficcional, fator que facilita a assimilação destes discursos impregnados de ideologias diversas. (SANTANA, 2007, p. 13).

Utilizaremos também como dados o questionário aplicado no penúltimo dia do nosso estágio que ocorreu em uma turma de 28 alunos(as), 12 meninos e 16 meninas, com idade entre 07 a 08 anos, oriundos da classe popular. Dados estes resultantes das 90h de regência em classe, após a realização do projeto Educar com arte os quadrinhos fazem a sua parte, em que se realizou a leitura diária de HQs da Turma da Mônica no 3º ano do Ensino Fundamental na Creche Escola Francesco Galli, localizada na Rua Milão / Quadra H, Loteamento Vila Itália / Bairro: Bonfim III, Senhor do Bonfim – BA.

Utilizaremos como método os pressupostos teóricos da análise do discurso, faremos uma pesquisa qualitativa, utilizaremos como ferramentas o questionário aberto, a análise documental e a pesquisa bibliográfica. Para análise documental

faremos incursões pelo método quantitativo para a contagem dos quadrinhos de cada revista e a identificação do número de personagens negros. A contagem destes povos na arte quadrinizada de Mauricio de Sousa se fará necessária para constatarmos ou não a invisibilidade dos negros nesta arte, e assim poderemos analisar os discursos feitos e os que foram silenciados por a inexistência de mais personagens afros. Faremos esta contagem seguindo os seguintes passos:

Tabela 2 – Trilha metodológica da monografia

1º passo	Contagem do número de quadrinhos de cada revista
2º passo	Contagem de quadrinhos com personagens afros
3º passo	Contagem dos quadrinhos com o personagem Jeremias
4º passo	Contagem de quadrinhos do personagem Cascão
5º passo	Aplicação do questionário aberto
6º passo	Construção das tabelas
7º passo	Construção dos gráficos
8º passo	Recorte destas histórias e suas referências
9º passo	Análise do discurso dos personagens afros por agrupamento
10º passo	Análise do discurso de Jeremias
11º passo	Análise do discurso de Cascão
12º passo	Conclusão da análise do discurso destes personagens

Fonte: Dados da trilha metodológica

Após a análise do discurso destes personagens (do 9º ao 12º passo) poderemos desvelar nos personagens como está sendo veiculada a ideologia dentro das historinhas de Mauricio de Sousa.

[...] os discursos são materializados através dos textos, sejam eles orais ou escritos, estruturados sob a forma verbal ou não-verbal, o que permite ampliar a concepção de texto para considerar que ele pode manifestar de maneiras distintas como, por exemplo, através da pintura, da fotografia, dos gestos, do desenho, dentre outras possibilidades de expressão comunicativa. E cada uma dessas manifestações semióticas revela uma estrutura

superficial, caracterizada pela forma como cada texto se constitui e se apresenta, além de uma estrutura profunda que revelará os valores presentes em cada texto, com vistas a estabelecerem os sentidos neles propostos. (SANTANA, 2007, p. 12-13).

Buscaremos uma amostragem satisfatória tanto para a pesquisa quanto para os sujeitos analisados através do questionário, já que os alunos conviveram durante 22 dias de projeto com estas leituras.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

3.1 – TABELAMENTO DAS REVISTAS E IDENTIFICAÇÃO DOS POVOS NEGROS

Para comprovar ou não a nossa hipótese que afirma a invisibilidade dos povos negros nas revistinhas mais conhecidas da Turma da Mônica, fizemos o tabelamento das 50 revistas lançadas entre 2003 a 2006 e identificamos as revistas e os personagens afros que aparecem em cada uma delas, cujos dados foram colocados nas tabelas que se seguem:

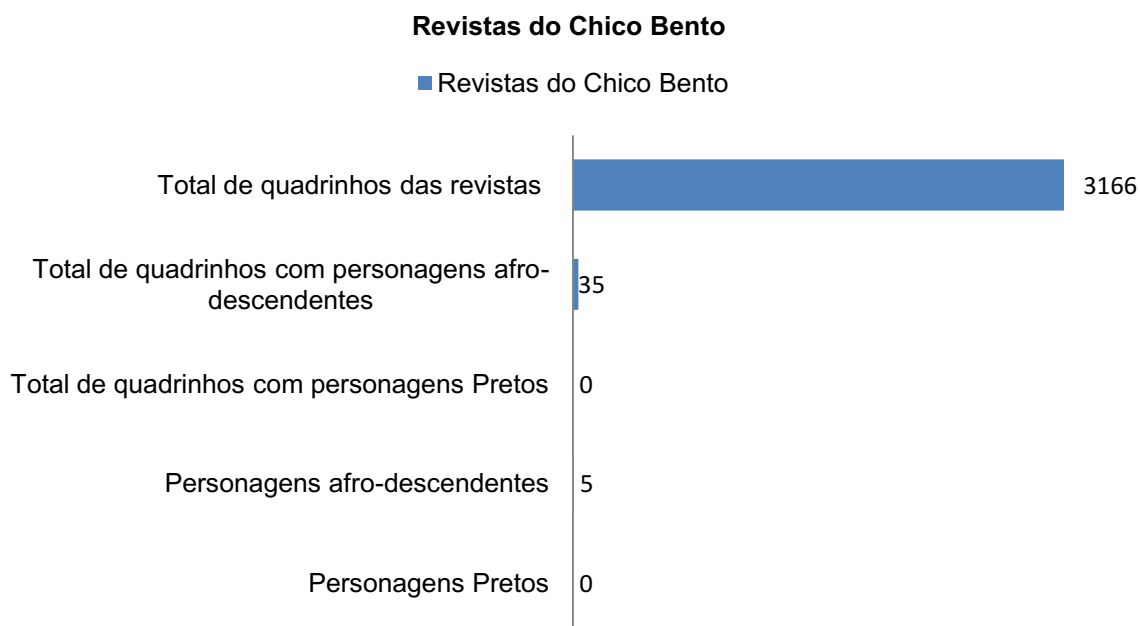
3.1.1 – Revistas do Chico Bento

Tabela 3 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Chico Bento

Número das Edições	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
421	0	0	0	0	185
445	0	1 Maria Cafufa (3 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	3	362
450	0	0	0	0	345
452	0	1 Maria Cafufa (17 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	17	325
454	0	0	0	0	340
458	0	1 Saci (propaganda da Coleção Meu Livrinho Sítio do Picapau Amarelo). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	339
463	0	1 Saci (3 quadrinhos), 1 Curupira (3 quadrinhos) e 1 Jeremias (Propaganda Unicef). (Total de 3 personagens afro-descendentes)	0	7	308
464	0	1 Ronaldinho Gaúcho (propaganda) e 1 Maria Cafufa (5 quadrinhos). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	6	313
465	0	0	0		326
466	0	1 Ronaldinho Gaúcho (propaganda da Perdigão). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	323
Total	0	5	0	35	3166

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 1 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Chico Bento



Fonte: Dados da Pesquisa

3.1.2 – Revistas da Magali

Tabela 4 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Magali

Número das Edições	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
357	0	0	0	0	159
378	0	1 Márcia (7 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	7	324
382	0	1 Cozinheiro (2 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	2	324
383	0	1 Tia Filó (23 quadrinhos) e 1 sem nome (8 quadrinhos). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	31	321
385	1 Fantasma (3 quadrinhos)	1 vendedora. (Total de 1 personagem afro-descendente)	1	1	326
394	0	0	0	0	310
396	0	1 Ronaldinho Gaúcho. (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	327
397	0	1 Ronaldinho Gaúcho (em 2 páginas) e 2 personagens secundários - sem nome (jogador de futebol e torcedor) 4 quadrinhos	0	7	313

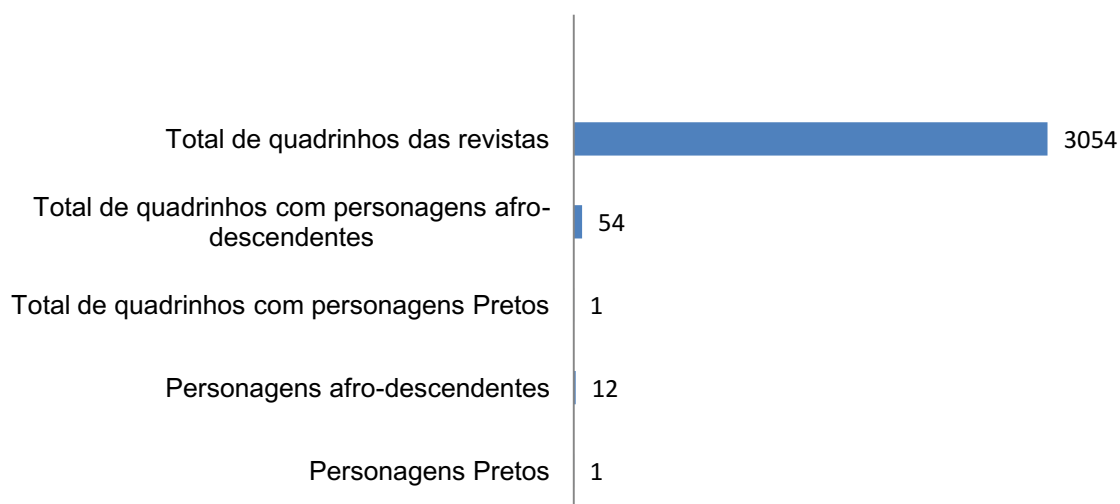
		com 1 e 1 quadrinho com o outro personagem sem nome. (Total de 3 personagens afro-descendentes)			
399	0	1 extraterrestre – sem nome (3 quadrinhos) e 1 Ronaldinho Gaúcho (propaganda). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	4	321
400	0	1 Ronaldinho Gaúcho (propaganda brinquedos Estrela). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	329
Total	1	12	1	54	3054

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 2 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Magali

Revistas da Magali

■ Revistas da Magali



Fonte: Dados da Pesquisa

3.1.3 – Revistas do Cascão

Tabela 5 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cascão

Número das Edições	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
420	0	0	0	0	198
421	0	0	0	0	176
433	0	1 Jeremias (9 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-	0	9	346

		descendente)			
439	0	0	0	0	358
444	0	1 Cida (1 quadrinho). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	341
445	0	0	0	0	340
446	0	0	0	0	352
458	0	1 personagem com o cabelo de Pedrinho. (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	344
460	0	1 Jeremias (9 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	8	352
467	0	1 vendedora de pastel. (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	333
Total	0	4	0	20	3140

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 3 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cascão

Revistas do Cascão

■ Revistas do Cascão



Fonte: Dados da Pesquisa

3.1.4 – Revistas do Cebolinha

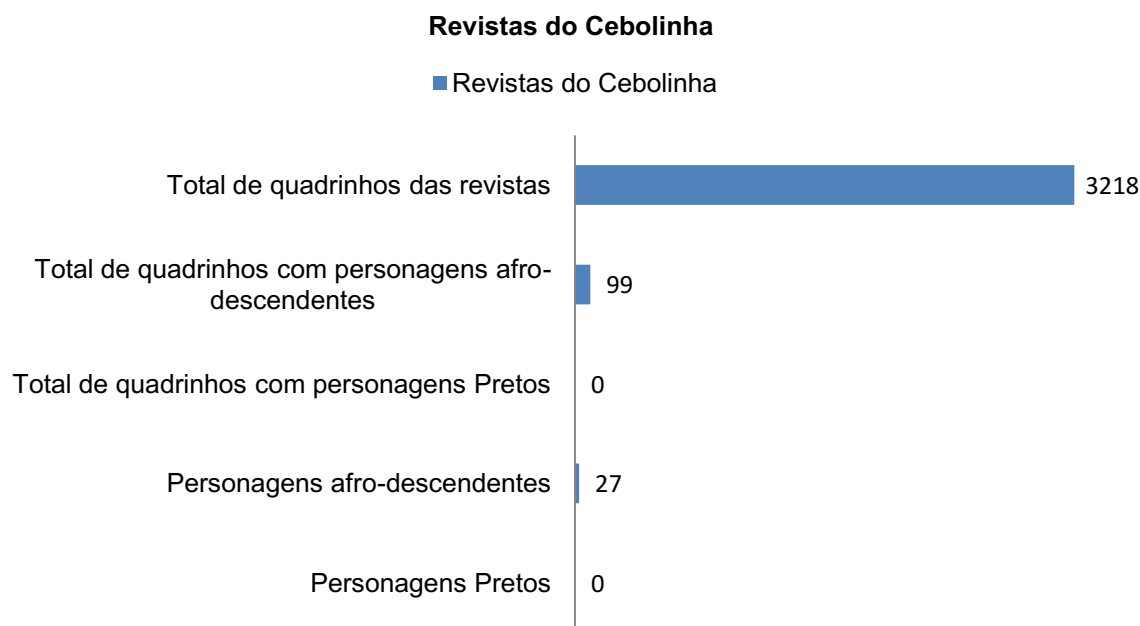
Tabela 6 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cebolinha

Número das Edições	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
232	0	0	0	0	339
234	0	0	0	0	295
235	0	1 personagem sem nome – despachante do	0	23	350

		correio eletrônico (8 quadrinhos), 10 personagens sem nome – carteiros (4 quadrinhos) no total estes personagens estão em 9 quadrinhos e 1 Jeremias (14 quadrinhos). (Total de 12 personagens afro-descendentes)			
236	0	1 Jeremias (34 quadrinhos). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	34	319
238	0	1 Ronaldinho Gaúcho e 3 personagens afros (2 quadrinhos). (Total de 4 personagens afro-descendentes)	0	3	287
239	0	1 Ronaldinho Gaúcho e 1 Jeremias (21 quadrinhos). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	22	292
241	0	1 personagem – anjinho sem nome (1 quadrinho) e 1 personagem sem nome (3 quadrinhos). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	4	297
242	0	1 Ronaldinho Gaúcho. (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	359
243	0	1 Jeremias (4 quadrinhos) e 1 Ronaldinho Gaúcho. (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	5	322
244	0	1 personagem sem nome (3 quadrinhos), 1 personagem sem nome e sem voz (1 quadrinho) e 1 Jeremias (3 quadrinhos). (Total de 3 personagens afro-descendentes)	0	7	358
Total	0	27	0	99	3218

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 4 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Cebolinha



Fonte: Dados da Pesquisa

3.1.5 – Revistas da Mônica

Tabela 7 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Mônica

Número das Edições	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
95	1 fantasma (Cascão)	1 personagem vendedor de picolé (1 quadrinho) e 1 Jeremias (1 quadrinho). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	1	2	440
101	0	0	0	0	449
104	0	0	0	0	448
108	0	1 músico do Sô Joares chamado Birra (2 quadrinhos), 1 Jeremias (1 quadrinho), 1 personagem carregador de malas no aeroporto (2 quadrinhos) e 1 personagem chamada Natália que recebe uma flor (1 quadrinho). (Total de 4 personagens afro-descendentes)	0	6	448
109	0	1 personagem comprando Xampu Milagrex (1 quadrinho). (Total de 1 personagem afro-descendente)	0	1	467
210	0	1 Jeremias com skate (2 quadrinhos) e 1 personagem sem nome e sem voz (1 quadrinho). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	3	409

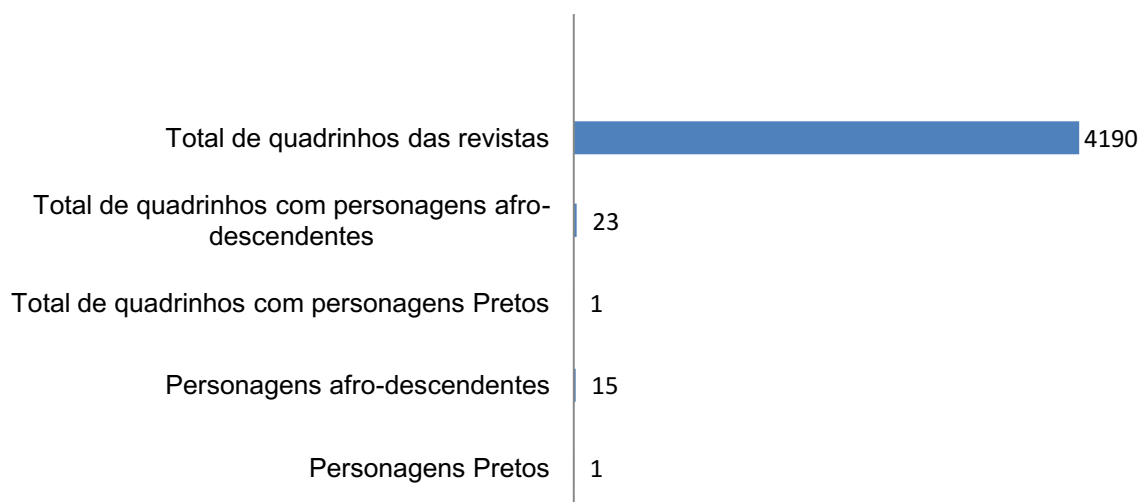
215	0	1 personagens sem nome e sem fala (2 quadrinhos) e 1 jogador de basquete sem nome (1 quadrinho). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	3	394
219	0	1 personagem chamada Legis (1 quadrinho) e 1 Jeremias (4 quadrinhos). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	5	380
221	0	1 personagem chamada Legis (1 quadrinho) e 1 personagem chamado Luizão (2 quadrinhos). (Total de 2 personagens afro-descendentes)	0	3	374
222	0	0	0	0	381
Total	1	15	1	23	4190

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 5 – Dados referentes aos povos negros encontrados nas revistas Mônica

Revistas da Mônica

■ Revistas da Mônica



Fonte: Dados da Pesquisa

3.1.6 – Resultado total das 50 revistas analisadas

Tabela 8 – Resultado dos dados referentes aos povos negros encontrados nas 50 revistas analisadas

Revistas	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
Chico Bento	0	5	0	35	3.166
Magali	1	12	1	54	3.054
Cascão	0	4	0	20	3.140

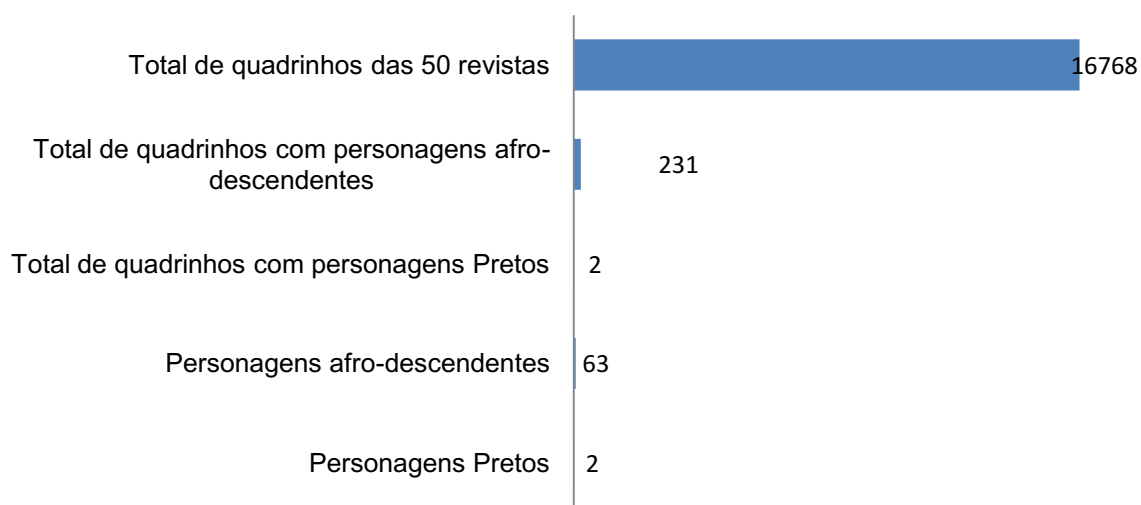
Cebolinha	0	27	0	99	3.218
Mônica	1	15	1	23	4.190
Total	2	63	2	231	16.768

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 6 – Resultado dos dados referentes aos povos negros encontrados nas 50 revistas analisadas

Resultado total das 50 revistas analisadas

■ Resultado total das 50 revistas analisadas



Fonte: Dados da Pesquisa

Após análise das tabelas e dos gráficos anteriores concluímos que o percentual de aparecimento dos afro-descendentes nestas revistinhas estão em desvantagem em relação ao total de quadrinhos das 50 revistas analisadas. Eles aparecem apenas em 233 quadrinhos com 63 personagens de cor marrom e 2 da cor preta, em um total de 16.768 quadrinhos, portanto estão fora de 16.535 quadrinhos. Percebemos assim que a presença dos povos negros foi negada e o seu percentual foi sub-representados nestes gibis.

Considerando Cascão (2.897 quadrinhos) e seus pais (180 quadrinhos) como afro-descendentes aumentamos o número de personagens afros para 68 e os quadrinhos de 233 para 3.077, pois Cascão aparece em 2.897 quadrinhos. Teríamos assim um total de personagens afros (68) aparecendo nestas revistinhas igual a 3.310 quadrinhos, mesmo assim continua sendo um número insignificante para um total de quadrinhos conforme a tabela e o gráfico demonstram a seguir:

Tabela 9 – Dados referentes ao total de povos afros incluindo Cascão e seus pais

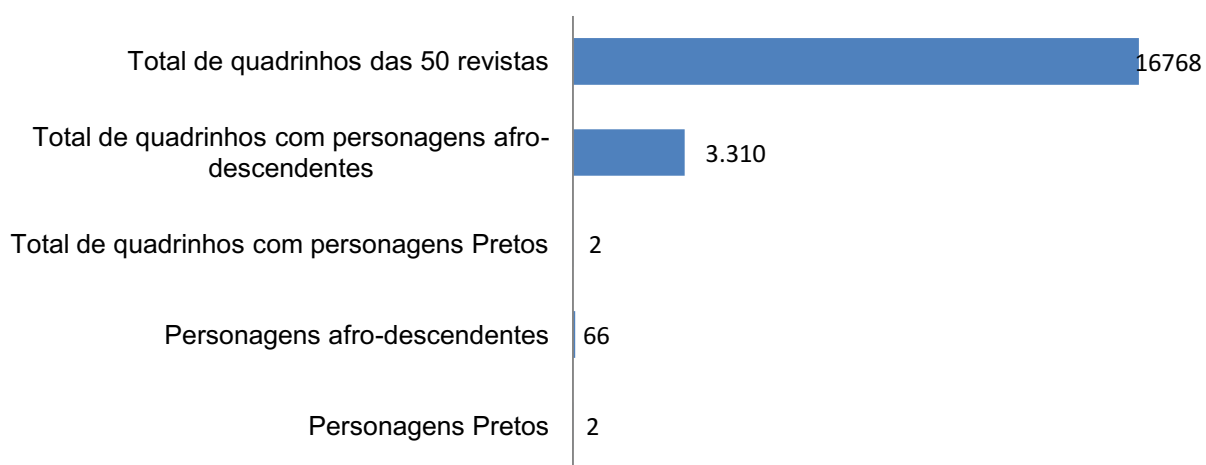
Número das Edições	Personagens Pretos	Personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos com personagens Pretos	Total de quadrinhos com personagens afro-descendentes	Total de quadrinhos por revista
50	2	66	2	3.310	16.768

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 7 – Dados referentes ao total de povos afros incluindo Cascão e seus pais

Dados referentes ao total de povos afros incluindo Cascão e seus pais

■ Dados referentes ao personagem Cascão



Fonte: Dados da Pesquisa

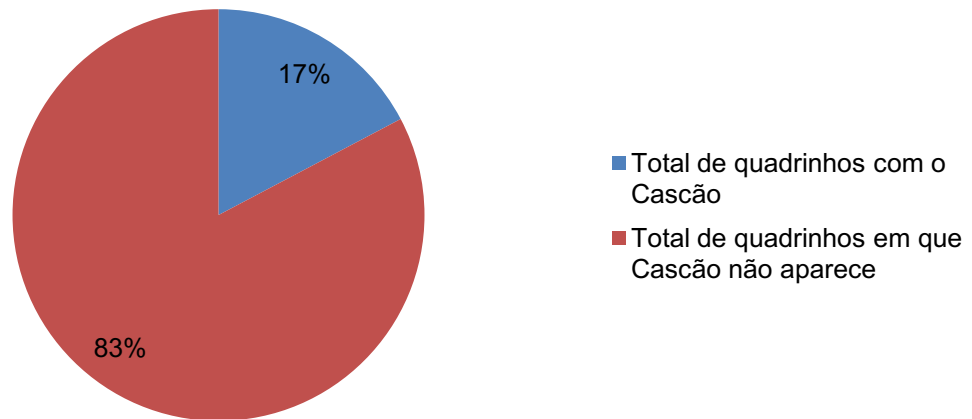
Tabela 10 – Total de quadrinhos de Cascão nas 50 revistinhas analisadas

Número das Edições	Total de quadrinhos das 50 revistinhas	Total de quadrinhos em que Cascão aparece	Total de quadrinhos em que Cascão não aparece
50	16.768	2.897	13.871

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 8 – Total de quadrinhos com e sem Cascão nas 50 revistinhas

Total de quadrinhos de Cascão nas 50 revistinhas analisadas



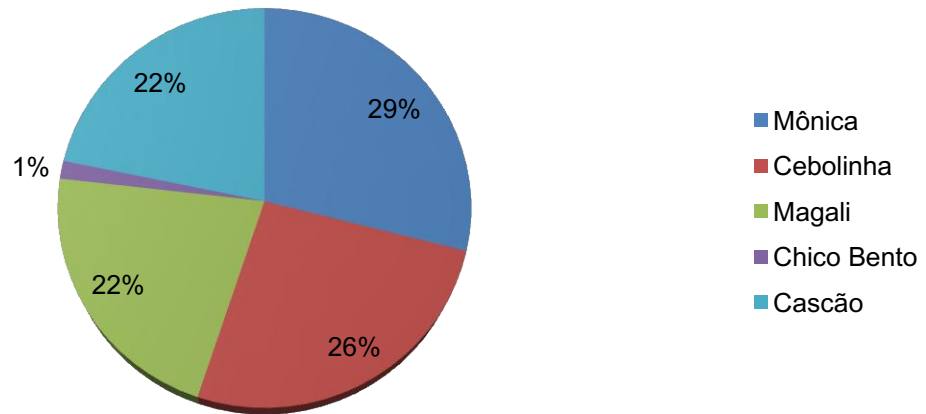
Fonte: Dados da Pesquisa

3.1.7 – Análise dos dados do questionário aplicado na Creche Escola Francesco Galli

Esta quase invisibilidade foi constatada também através do questionário aplicado no 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental da Creche Escola Francesco Galli, em que os alunos responderam ao questionário aplicado no penúltimo dia de estágio, após terem lido durante 22 dias os mesmos 50 gibis analisados para esta monografia. O resultado destes questionários podem ser visualizados nas próximas páginas:

Gráfico 9 – Personagens da Turma da Mônica conhecidos pelos alunos

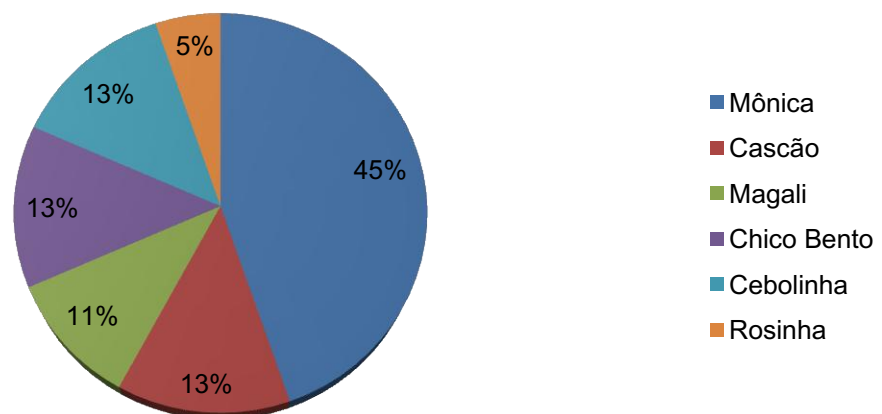
1 – Quais os personagens dos gibis da Turma da Mônica que você conhece?



Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 10 – Personagens da Turma da Mônica que os alunos mais gostam

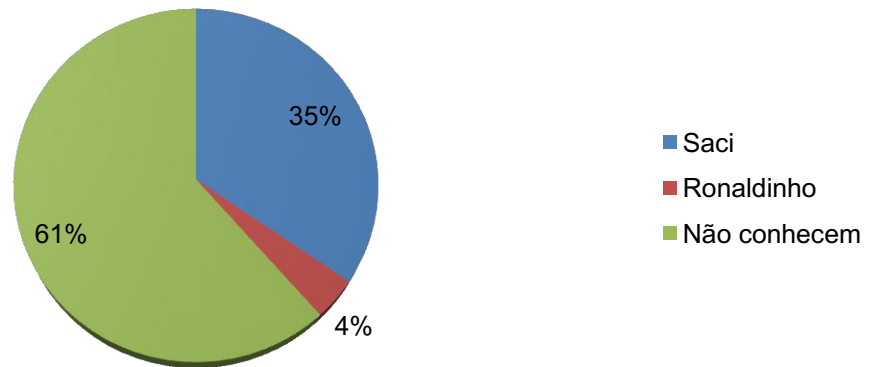
2 – Qual o personagem que você mais gosta?



Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 11 – Personagens negros da Turma da Mônica mais conhecidos pelos alunos

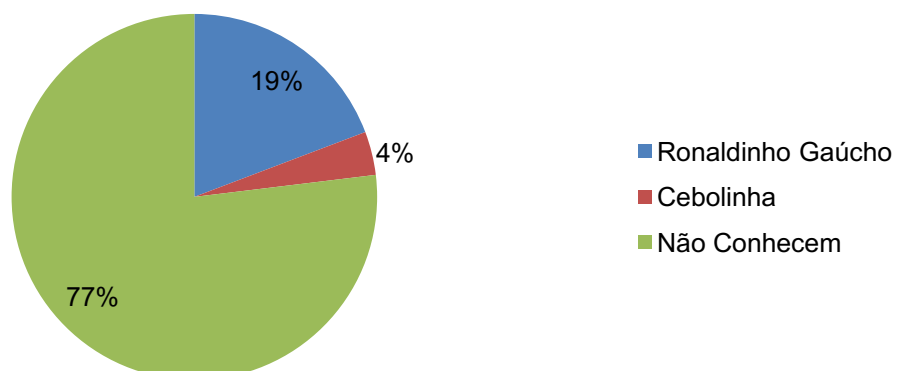
3 – Você conhece algum personagem negro nas Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica?



Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 12 – Personagens famosos da Turma da Mônica mais conhecidos pelos alunos

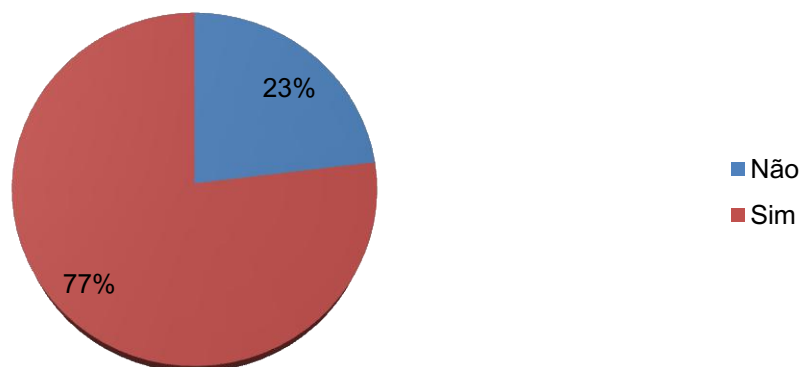
4 – Você conhece algum personagem famoso nas Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica?



Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 13 – Solicitação de inclusão de mais personagens negros nas HQs da Turma da Mônica

5 – Você gostaria que tivesse mais personagens negros nas Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica?



Fonte: Dados da Pesquisa

O personagem mais conhecido dos alunos(as) e o que eles mais gostam é da Mônica, seguido de Cebolinha. Os únicos personagens negros que estas crianças identificaram foram Ronaldinho Gaúcho e o Saci, 61% deles não conhecem nenhum personagem negro na Turma da Mônica, 77% deles gostariam que houvessem mais personagens negros nas tramas imagéticas da Turma da Mônica.

A resposta das tabelas é confirmada pelos gráficos com as respostas dos alunos, os negros aparecem tão pouco nas revistas que estão quase invisíveis para eles nestas historinhas.

3.2 – ANÁLISE DO DISCURSO DOS PERSONAGENS AFROS QUE APARECEM NAS REVISTAS ANÁLISADAS

Nestas revistas encontramos os afro-descendentes exercendo várias profissões, quase sempre ocupando posições subalternas. É também utilizada a representação da imagem de Ronaldinho Gaúcho como garoto propaganda em várias revistas.

Para fins de análise organizamos os personagens que foram identificados nas 50 revistinhas e as imagens dos povos negros encontrados nestes gibis foram agrupadas em: vendedores, músicos, extraterrestres, personagens misteriosos, os embranquecidos, os carregadores, os garotos propaganda, os afros em ascensão social e os silenciados.

Iniciamos este trabalho de identificação de povos negros segundo a conceituação de Munanga (1988) que nos diz que:

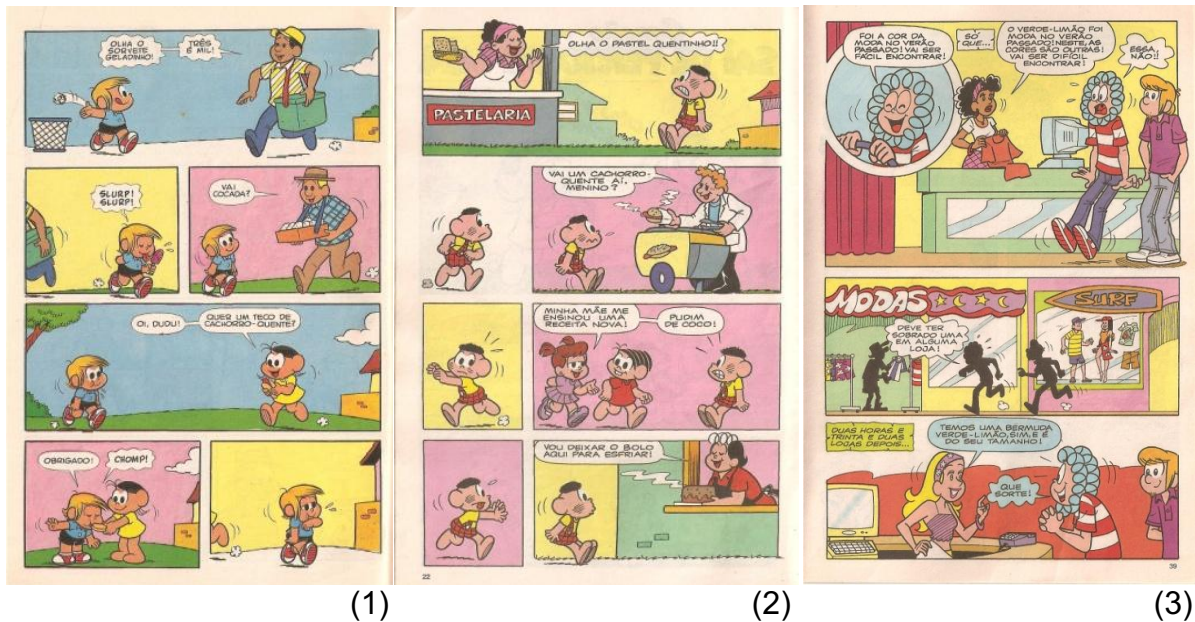
[...] o caráter distintivo da raça negra na sua totalidade é a cor, mas há outros detalhes como os traços do rosto, os cabelos, o odor do corpo, os costumes etc., que complementam essa distinção. (p. 17).

Levando em conta os aspectos descritos acima, bem como o que o mesmo autor diz a respeito do que caracteriza esta etnia, trabalhamos para encontrar o que ele chama de negro geral.

[...] embora reconhecendo as diferenças físicas e culturais entre negros encontrados no continente (...) aspectos que vários povos tinham em comum: a cor da pele, o cabelo, a forma do nariz e dos lábios, a forma da cabeça etc. Desses traços físicos, considerados elementos coletivos, “montou-se” um negro geral. (MUNANGA, 1988, p. 14).

3.2.1 – Afro-descendentes como vendedores

Buscamos os personagens que se enquadram nestas definições e entre **os vendedores(as)** temos: Um vendedor de picolé, uma vendedora de pastel e uma vendedora de loja.



(1) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **DUDU EM HORA DE COMER**. Edição 95, p. 16.

(2) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM SAI DE PERTO DE MIM**. Edição 467, p. 22.

(3) Recorte da revista Magali. **ROLO EM PRECISO DE UMA BERMUDA VERDE-LIMÃO**. Edição 385, p. 39.

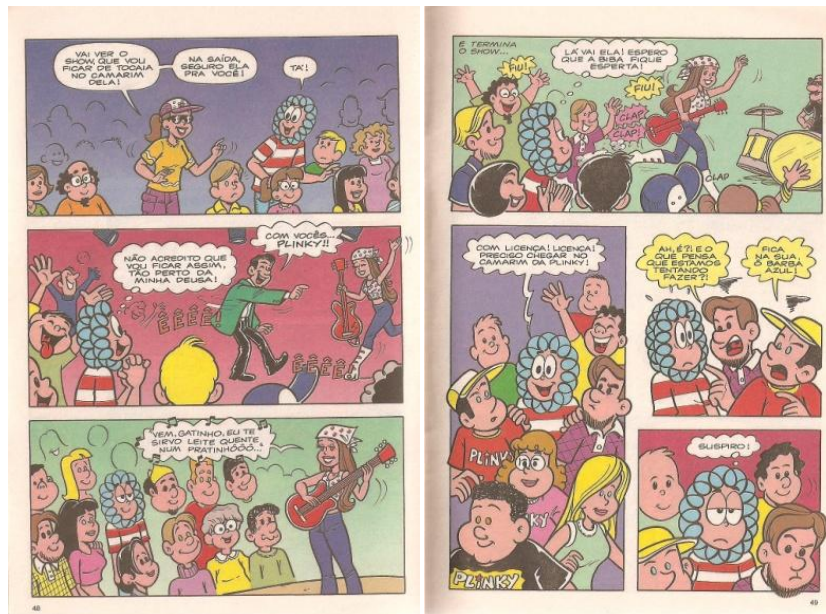
Esta representação do negro como prestador de serviços de alimentação e venda está diretamente vinculada ao seu papel como escravo e ex-escravo. Como escravo ele era responsável pela alimentação e o cozimento dos alimentos para os seus senhores e como ex-escravo ele passou a ocupar-se, para sobreviver, com a venda informal de alimentos.

[...] assim, permitindo que o negro ocupe determinados espaços dentro de uma cadeia de representações, ao passo que o apaga dos demais, nossa elite define simbolicamente quais são os lugares do negro dentro da sociedade. (MARTINS, 2012, p. 8).

Temos assim a continuação de um papel social subalterno e o negro é representado nestes quadrinhos das HQs da Turma da Mônica como uma figura próxima do ex-escravo, com pouca escolaridade e exercendo papéis servis.

(4) Recorte da revista Amanaque da Mônica. **MÔNICA NO SÔ JOARES**. Edição 108, p. 56 e 62.

Dois afros que assistem a um show da Plink:



(5)

(5) Recorte da revista Cebolinha. **ROLO EM AH, SE EU PUDESSE CHEGAR PERTO DA PLINKY!** Edição 238, p. 48-49.

3.2.3 – Afro-descendentes como extraterrestres

A história registra a despatriação dos povos negros. Eles foram espalhados para tantos lugares e escravizados a tal ponto que parece não existir lugar na terra que lhes seja próprio. Estas histórias registram estes povos como se fossem do espaço extraterrestre, o que se nota nos quadinhos a seguir:

3.2.4 – Afro-descendentes como personagens de mistério

Alguns personagens foram agrupados nesta categoria como o LobisOMEM, o Saci e o Curupira porque segundo Cascudo (2002) LobisOMEM é um:

[...] mito universal. Na África existe a tradição sagrada das transformações animais, homens-lobos, homens-tigres, homens-hienas. (...) O LobisOMEM é o filho que nasceu depois de uma série de sete filhas. Aos 13 anos, numa terça ou quinta-feira, sai de noite e, topando com um lugar onde um jumento se espojou, começa o destino. Daí por diante, todas as terças e sextas-feiras, da meia-noite às duas horas, o LobisOMEM tem de fazer a sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igreja, sete vilas acasteladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadoro, onde readquire a forma humana. (...) Esses elementos criaram o LobisOMEM, o *lubisome*, no Brasil. (p. 335).

Nas revistas da Turma da Mônica o personagem Lobi é um homem branco de olhos azuis (imagem 9) que se transforma em LobisOMEM e visita o cemitério (imagem 10) na Turma do Penadinho em noite de lua cheia, conforme as imagens que se seguem:



(9) Recorte da revista Cebolinha. **TURMA DO PENADINHO**. Edição 239, p. 45.

(10) Recorte da revista Magali. **LOBI EM É DIA DE BANHO!** Edição 396, p. 63.

Além do Lobi, encontramos nas revistinhas analisadas os personagens do Saci e do Curupira.

Cascudo (2002) define o Saci como um:

[...] negrinho com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto. (...) Amigo de fumar cachimbo, de entrançar as crinas dos animais, depois de extenuá-los em correrias, durante a noite, anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso, não-localizável e assombrador. Não atravessa água, assim como todos os *encantados*. Diverte-se criando dificuldades domésticas, apagando o fogo, queimando alimentos, espantando gado, espavorindo os viajantes nos caminhos solitários. (p. 610).

O Saci segundo o mesmo autor é um personagem encantado, um mito, faz parte do folclore português e é um negrinho buliçoso, visível e invisível troçando de todos. Nas páginas da turminha que se seguem ele faz parte de um cenário troçando dos outros personagens e espavorindo os viajantes, ele e o Curupira riem e se divertem com a aflição dos outros nos quadrinhos abaixo.



(11)

(11) Recorte da revista Chico Bento. **FIDO EM É PARA DORMIR MESMO!** Edição 463, p. 54-55.

Quanto ao Curupira Cascudo (2002) o define como:

[...] um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras. De *curu*, contração de corumi, e *pira*, corpo, corpo de menino, segundo Stradelli. O Curupira é representado por um anão, cabeleira rubra, pés ao inverso, calcanhares para a frente. (...) Demônio da floresta, explicador dos rumores misteriosos, do desaparecimento de caçadores, do esquecimento de caminhos, de pavores súbitos, inexplicáveis, foi lentamente o Curupira recebendo atributos e formas físicas que pertenciam a outros entes ameaçadores e perdidos na antigüidade clássica. Sempre com os pés voltados para trás e de prodigiosa força física, engana caçadores e viajantes, fazendo-os perder o rumo certo, transviando-os dentro da floresta, com assobios e sinais falsos. (...) Gostam imensamente de fumo e de pinga. (p. 172-173).

Na historinha acima vimos a chegada do Curupira trazendo pavor súbito e inexplicável aos viajantes, estes personagens são do mal.

Os únicos personagens pretos que encontramos foram 2 fantasmas (mortos que aparecem assombrando os vivos), um na revista da Magali e outro na revista da Mônica, o papel deles na historinha era assombrar a turminha, o quê está de acordo com a citação de Munanga (1988):

[...] na simbologia de cores da civilização européia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. (p. 15).

Vejamos como são representados os únicos personagens pretos destas revistinhas nas figuras da página a seguir:



(12)



(13)

(12) Recorte da revista Magali. **DUDU EM VOCÊ NÃO FICOU SABENDO O QUE ACONTECEU?** Edição 385, p. 23.

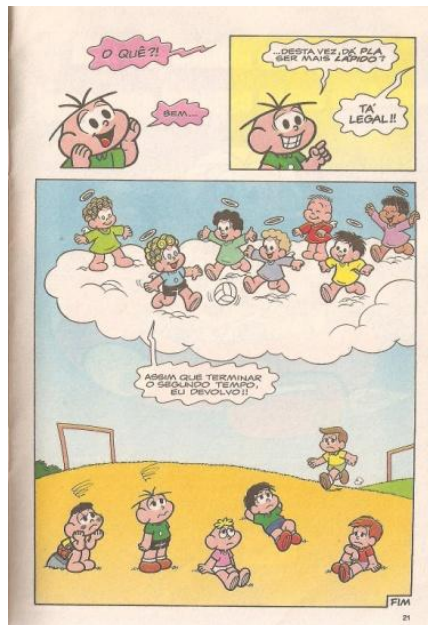
(13) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **MÔNICA E TURMA EM CHÁ DO OUTRO MUNDO.** Edição 95, p. 6.

Outro personagem misterioso é o Anjinho que aparece na nuvem na imagem 14, esta representação contradiz ao pensamento de séculos que considerava que um anjo não poderia ser negro, pois se o fosse seria do mal, nesta imagem o anjinho aparece interagindo em um jogo de futebol realizado nas nuvens com a bola dos seus protegidos, há uma ponte de comunicação entre o invisível e o visível no universo destas crianças.

[...] a criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia após a morte ela voltasse para importunar os vivos. É interessante notar que na gravura liminar da *Tabula Ceбетis*, Merian colocou as criancinhas numa espécie de zona marginal, entre a terra de onde elas saíram e a vida em que ainda não penetraram, e da qual estão separadas por um pórtico com a inscrição *Introitus ad vitam*. (ARIÉS, 2006, p. 22).

O mesmo ocorre na imagem 15, em que o astronauta encontra seres humanos sem nenhum equipamento voando e conversando fora da terra, como se possível fosse este contato extraterrestre.

Os afrinanos foram enviados para tantos lugares no que se chamou “diáspora africana” que hoje eles se encontram em várias partes do mundo, pela Mauricio de Sousa Produções os negros foram enviados até mesmo para fora da terra (imagem 15).



(14)



(15)

(14) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA E SUA TURMA EM DEPOIS EU DEVOLVO!** Edição 241, p. 21.

(15) Recorte da revista Cebolinha. **ASTRONAUTA A ESCOLHA CERTA.** Edição 241, p. 30.



(16)

(16) Recorte da revista Cascão. *PENADINHO EM UMA ESPINHA FANTASMAGÓRICA*. Edição 444, p. 54.

Os seres extraterrestes habitam algumas páginas das 50 revistinhas analisadas e visitam também a terra assombrando a noite de alguns personagens como na imagem 16.

3.2.5 – A auto imagem do negro e a busca do embranquecimento

Podemos analisar na imagem 17 uma afro observando o produto Milagrex na prateleira do supermercado. O nome Milagrex alude a ideia de milagre, seria esta a qualidade do shampoo em relação ao cabelo do consumidor, segundo a historinha este shampoo transforma o cabelo e o alisa, seguindo as imagens percebemos que a mulher já observa este produto na prateleira.

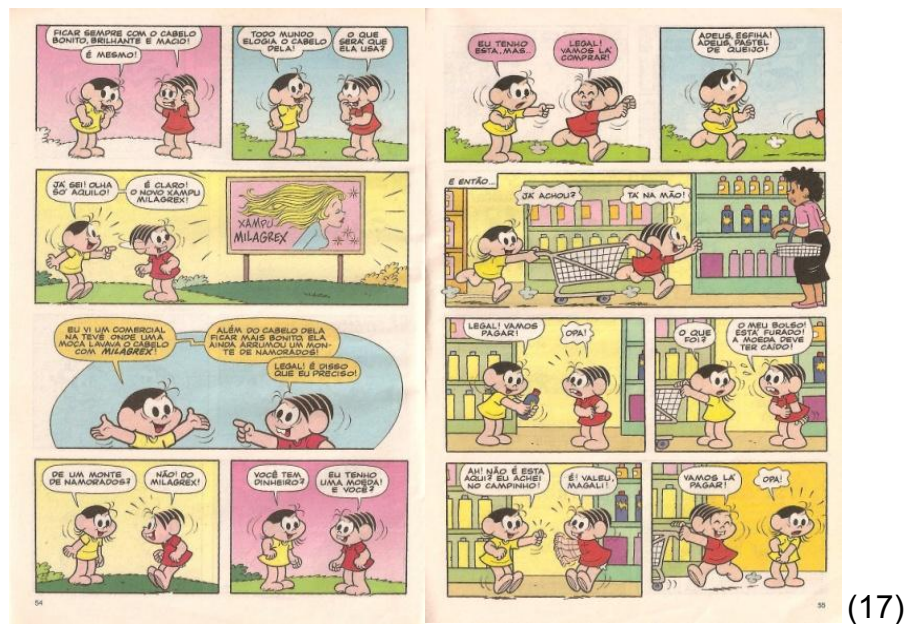
[...] o referencial estético de beleza é europeu, sem falar no processo de depreciação cultural afro-brasileira. O negro não se vê e não se gosta. O seu ideal social é o embranquecimento. (OLIVEIRA, 2006, p. 8).

Durante anos o negro(a) rejeitou o seu cabelo vendo-o como ruim, feio. Recentemente tem acontecido movimentos de valorização da beleza negra, em nossos tempos muitos são os negros e negras que valorizam a sua própria estética, aceitando a sua imagem e vendo nela os traços de beleza da sua etnia, num processo de autoconhecimento.

[...] seguindo essa linha de raciocínio, talvez você se dê conta de que seu cabelo nada fez para ser tratado assim. É apenas um cabelo diferente do modelo que é tido como cabelo bom. (SILVA & SILVA, 1999, p. 104).

Segundo Silva & Silva (1999) “o cabelo por exemplo pode ser alisado, mas quanto as outras características físicas, as coisas são mais complicadas e mais

caras”, portanto o referencial estético de beleza europeia deve ser substituído por um conhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira, bem como do reconhecimento da importância de sua própria etnia, a historinha abaixo é um recorte de parte dos povos negros que buscam ainda padrões de embranquecimento.



(17) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **A TURMA EM O SEGREDO DA MARINA!** Edição 109, p. 54-55.

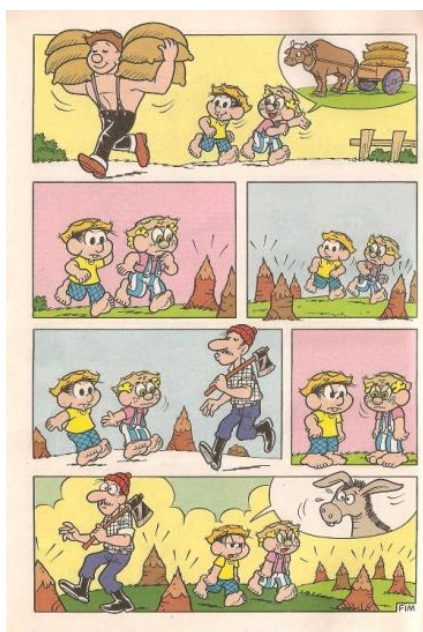
3.2.6 – Afro-descendentes como carregadores

Durante mais de dois séculos os povos negros estiveram em situação de escravidão e todo o trabalho pesado era executado por eles. Carregar sacos, cortar árvores e transportar pesos fazia parte da sua rotina como escravos.

[...] com exceção dos serviços domésticos, eles se ocupavam basicamente dos mesmos serviços urbanos que seus companheiros escravos: eram carregadores de cadeira, estivadores, artesãos, vendedores ambulantes, marinheiros etc. (REIS & SILVA, 2009, p. 106).

Até hoje a sua imagem continua ligada ao sistema escravista implantado no Brasil colônia, podemos observar esta constatação através da imagem 18, que ainda traz a representação de afro-descendentes executando as mesmas tarefas.

Segundo Martins (2012) as formas mais comuns de representação do negro nesse segmento podem ser relacionadas a quatro estereótipos básicos: o trabalhador braçal, figura próxima ao ex-escravo, no qual estão inseridos frentistas e carregadores. Na mesma imagem (18) podemos perceber nesta historinha que estes trabalhadores são comparados a animais como o boi e o burro. Podemos observar em sequencia na imagem 20, que até mesmo dentro da configuração imagética do espaço virtual de que fala a historinha, os afro-descendentes ocupam posição subalterna e o serviço mais trabalhoso que é o de entregar os e-mails



(18)

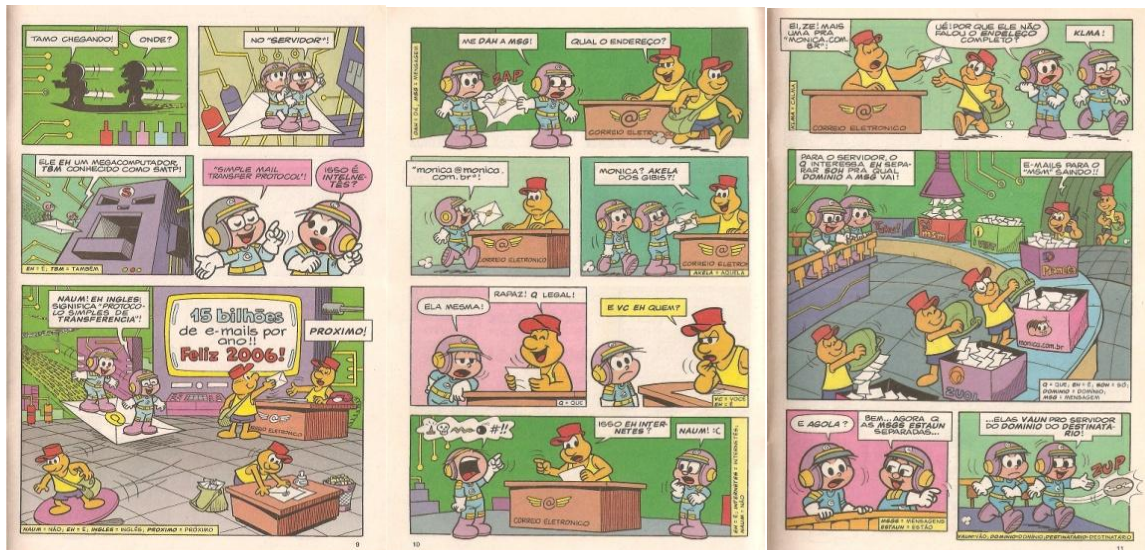


(19)

(18) Recorte da revista Mônica. **CHICO BENTO EM COM QUE BICHOS ELES SE PARECEM?** Edição 215, p. 48.

(19) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **A TURMA EM PASSEIO NO AEROPORTO.** Edição 108, p. 78.

Carregadores de cartas (10 carteiros), sem nome e sem voz:



(20)

(20) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA E BLOGUINHO EM E-MAIL PRA VOCÊ**. Edição 235, p. 9-11.

3.2.7 – Afro-descendentes como garotos(as) propaganda

Ronaldinho Gaúcho é o que mais aparece em propaganda, ele não faz parte das historinhas, encontramos propagandas dele nas revistas de Cebolinha nº 238, 239, 242, 243, nas revistas de Chico Bento nº 464 e 466 e nas revistas de Magali nº 396, 397, 399 e 400.

[...] exceções únicas devem ser feitas aos cenários esportivo e musical. Nesses espaços a imagem do negro como atleta ou como *entertainer* (cantor, músico, dançarino etc) ganha projeção e valor. De certa forma, parecem ser estes os únicos meios legítimos para a ascensão do negro em nossa estrutura social. (MARTINS, 2012, p. 5).

Temos assim um atleta como Ronaldinho Gaúcho que ganhou projeção e ascendeu socialmente através de seu próprio talento como jogador. A sua imagem é utilizada para propagandas da Estrela, Perdigão e de sua própria revista. Ronaldinho foi escolhido por ser celebridade reconhecida nacional e internacionalmente, por ser craque de futebol e com isso atrair o consumidor para produtos, bem como para compra de sua própria revistinha, o que contribui para o faturamento das grandes

marcas. Ele não participa de nenhuma historinha fica segregado em sua própria revista e nas 50 revistas analisadas que são as mais conhecidas da turminha, ele só aparece como garoto propaganda nas imagens que se seguem.



(21)

(22)

(23)

(21) Recorte da revista Magali. Quarta capa da revista. Edição 396, p. 68.

(22) Recorte da revista Magali. Segunda capa da revista. Edição 397, p. 2.

(23) Recorte da revista Magali. Propaganda dos alimentos Perdigão. Edição 397, p. 29.



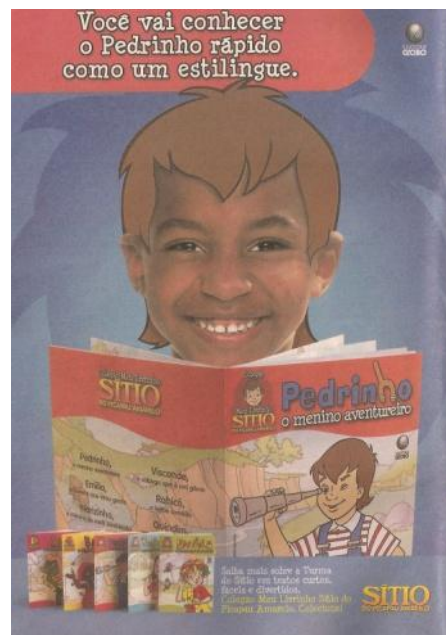
(24)

(24) Recorte da revista Cebolinha. Terceira capa da revista. Edição 243, p. 67.

Continuando a discorrer sobre personagens que são utilizados em propagandas, temos na imagem 25 a própria propaganda do livrinho do Saci da Coleção Meu Livrinho do Sítio do Picapau Amarelo, este personagem folclórico é anunciado por um leitor loiro, enquanto que na imagem 26 encontramos um menino negro que incorpora o cabelo de Pedrinho. Vimos aí o deslocamento destes personagens, observem este deslocamento nas imagens abaixo:



(25)



(26)

(25) Recorte da revista Chico Bento. Propaganda da Coleção Meu Livrinho Sítio do Picapau Amarelo. Edição 458, p. 26.

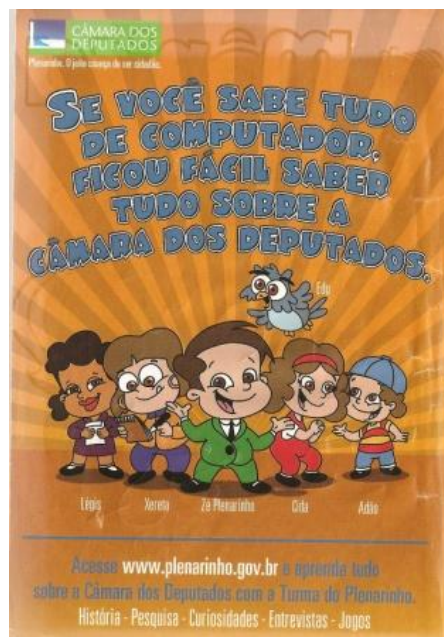
(26) Recorte da revista Cascão. Propaganda da Coleção Meu Livrinho Sítio do Picapau Amarelo. Edição 458, p. 16.

Jeremias que é o único personagem negro (fixo) da turminha aparece somente em uma propaganda juntamente com Cebolinha e Nimbus, afirmando a diversidade presente no esporte, a UNICEF apoia a diversidade e as atitudes que levam a isso, ao ponto de receber cartas de todas as crianças que desejarem entrar em contato com esta organização. Esta propaganda poderá ser apreciada na página a seguir.



(27)

(27) Recorte da revista Chico Bento. Propaganda Unicef. Edição 463, p. 57.



(28)

(28) Recorte da revista Mônica. Segunda capa da revista. Edição 221, p. 2.

Encontramos também esta propaganda da câmara dos deputados em duas edições que incentiva as crianças a entrarem em contato e participar democraticamente da política através de sugestões no seu site, cada criança se

identifica com um personagem e como tal Legis representa a criança negra no plenarinho.

3.2.8 – Afro-descendentes como povos em ascensão social

A ascensão social do negro no Brasil é um processo que sofre influências de vários fatores, entre eles o da própria auto-identificação. Determinar a afrodescendência pode torna-se uma questão política polêmica, por isso para fins deste TCC preferimos utilizar vários termos como por exemplo: negros, afro-descendentes, pardos e pretos, levando em conta que todos eles fazem parte do termo afro-brasileiro.

[...] o termo afro-brasileiro refere-se aqui à população predominantemente negra que, estatisticamente falando, não se limita apenas à categoria racial "preta" definida pelo IBGE, mas inclui todos os pardos que se auto-identificam como negros na sua conotação mais política. É preciso esclarecer que a identificação racial nas leis nem sempre segue um padrão único. Muitas normas distribuidoras de bens e direitos para afro-brasileiros referem-se à essa comunidade como "afrodescendentes". No entanto, esse é um termo de influência americana, adotado para identificar os descendentes de africanos no continente americano. Esse termo genérico traz alguns complicadores para a sociedade brasileira, pelas diferenças históricas e de interação racial que este grupo teve ao longo dos séculos nas diferentes nações das Américas. Por isso, consideramos que o termo mais apropriado para identificar racialmente os pretos e pardos do país, seja a de afro-brasileiros, já adotada pela Constituição Brasileira de 1988. (CESAR, 2012, p. 7).

No Brasil, por causa do longo período de 357 anos de escravidão de (1531 – 1888), houveram muitos problemas para a ascensão social dos ex-escravos. Temos apenas 123 anos de trabalho livre, foram portanto três séculos e meio de escravidão, isto dificultou o processo de ascensão social destes povos.

[...] a transição lenta permitiu a formação de novas representações sociais sobre o negro como agente de trabalho ou como empreendedor, tanto no seio da população *branca* quanto no da população negra. Isso é deveras relevante. A aceitação do negro em seus novos papéis econômicos se subordinou, e continua a depender estreitamente, da concepção que os

brancos e os próprios negros elaboraram a respeito do *status* do elemento de cor na nova ordem social. (BASTIDE & FERNANDES, 2008, p. 90).

Difícilmente encontraríamos no século XIX e início do século XX algum afro-descendente ocupando posição de destaque ou vestindo esporte fino em terras brasileiras. Atualmente são vários os afros em ascendência no Brasil. Mauricio de Sousa lançou o pai do Cascão como um profissional liberal exercendo a profissão de contador, como podemos acompanhar na imagem 29.



(29)

(29) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO DISCO NA MÃO, PAPAI NA ENCHEÇÃO**. Edição 458, p. 3.

Na edição 378 da revista Magali encontramos outro personagem que está em ascensão é a personagem Márcia (imagem 30), ela é dona de um centro de testes para escolha vocacional, indicando a profissão a ser seguida pela Pipa e o Zecão, ela tem o nariz e os lábios grossos embora seja de cor branca tem cabelos e características típicas de afro-brasileira, como podemos visualizar na próxima página:



(30)

(30) Recorte da revista Magali. **PIPA DILEMAS VOCACIONAIS**. Edição 378, p. 25-26.

[...] quantos homens e mulheres negras colaboraram para a construção do nosso país? Quantos resistiram às desigualdades e discriminação e lutaram por uma sociedade justa e igualitária? Um livro é um espaço muito restrito para representá-los. Muitos nomes nem foram registrados, outros tampouco são reconhecidos, muitos passaram pela história no anonimato sem perder seus ideais e compartilhando sua rica bagagem cultural com o povo brasileiro. (GOMES & MUNANGA, 2006, p. 199).

A historinha que vimos marca a presença da mulher negra em ascensão, como proprietária de um espaço educativo e como orientadora educacional. No decorrer da história é ela quem decide através de um teste a carreira da Pipa, personagem principal desta narração.

3.2.9 – Afro-descendentes como povos silenciados

Observamos que a maioria dos personagens afros que aparecem nas historinhas são apenas figurantes a quem não é dado o poder de falar. A política do silenciamento está presente em várias páginas que se seguem. Segundo Martins (2012) mais que uma relação linguagem/silêncio, o que o autor nos apresenta no

seu discurso é uma política de silenciamento, isto é, afirma-se algo para apagar, necessariamente, outros sentidos possíveis, mas indesejados.

[...] representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito [sic]: se diz 'x' para não (deixar) dizer 'y', este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar (...). O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. (p. 8).

Muitos foram os negros silenciados durante a nossa história, castigados até mesmo com máscaras de ferro como foi a escrava Anastácia, não tinham sequer direito a fala.

[...] chamado diante do senhor (ou de outra pessoa que estivesse na mesma relação para com ele), o escravo devia: mostrar respeito e humildade nas palavras, nos gestos, no tom da voz e na fisionomia; manter uma postura aproximadamente ereta, sem o relaxamento dos membros ou o bamboleio do corpo; só falar quando recebesse ordem para isso; calar-se, quando fosse mandado; falar sem alterar a voz, quase mansa e cerimoniosamente; receber a ordem, que fosse dada, com satisfação aparente; não replicar de forma alguma nem discutir, tendo em vista o conteúdo da ordem recebida; sair sem voltar as costas (parece que o escravo "não devia dar as costas para o senhor" em outras situações). (BASTIDE & FERNANDES, 2008, p.113).

Na narrativa das histórias podemos ver que um número significativo entre os poucos personagens negros das 50 revistas analisadas em sua grande maioria são apenas figurantes e aparecem em total silêncio, eles continuam ainda silenciados na arte quadrinizada das revistinhas mais conhecidas de Mauricio de Sousa.

Podemos ver a seguir várias imagens em que os negros estão silenciados:



(31)

(31) Recorte da revista Magali. **DONA MORTE EM AQUELES QUILINHOS A MAIS.** Edição 382, p. 17-18.



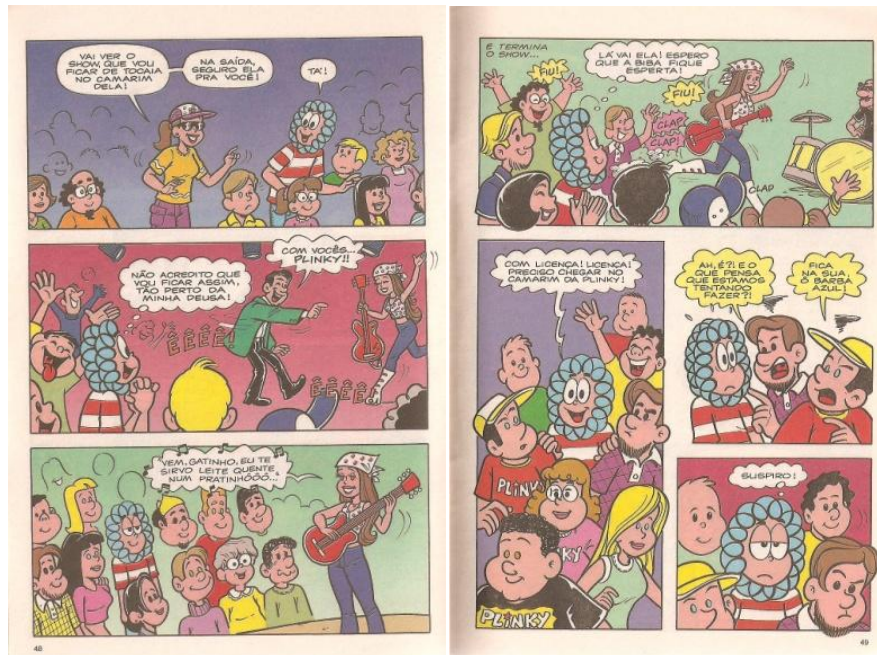
(32)



(33)

(32) Recorte da revista Cebolinha. **O PRESENTEVÊ PARTE II.** Edição 244, p. 15.

(33) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **TITI EM IMPREVISTOS NO CAMINHO.** Edição 108, p. 54.



(36)

(36) Recorte da revista Cebolinha. **ROLO EM AH, SE EU PUDESSE CHEGAR PERTO DA PLINKY!** Edição 238, p. 48-49.



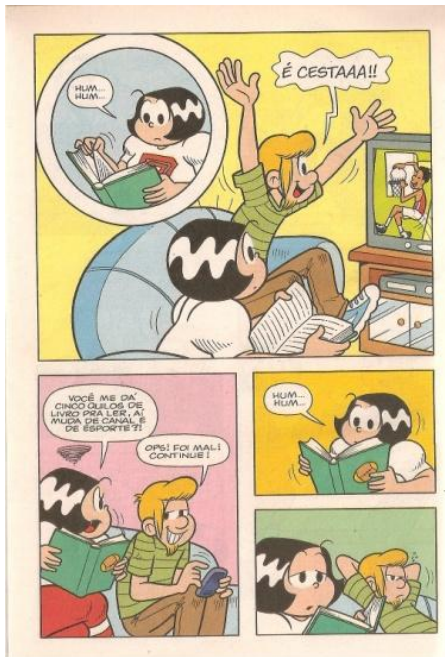
(37)



(38)

(37) Recorte da revista Cebolinha. **ROLO EM ELA CHEGOU!** Edição 244, p. 28.

(38) Recorte da revista Mônica. **PIPA E ZECÃO EM PÁRA DE FALAR COM A TEVÊ.** Edição 210, p. 64.



(39)



(40)

(39) Recorte da revista Mônica. **PIPA E ZECÃO EM BOLAS COM DUAS PONTAS? TÔ FORA!** Edição 215, p. 62.

(40) Recorte da revista Mônica. **PIPA O GALO.** Edição 221, p. 46.



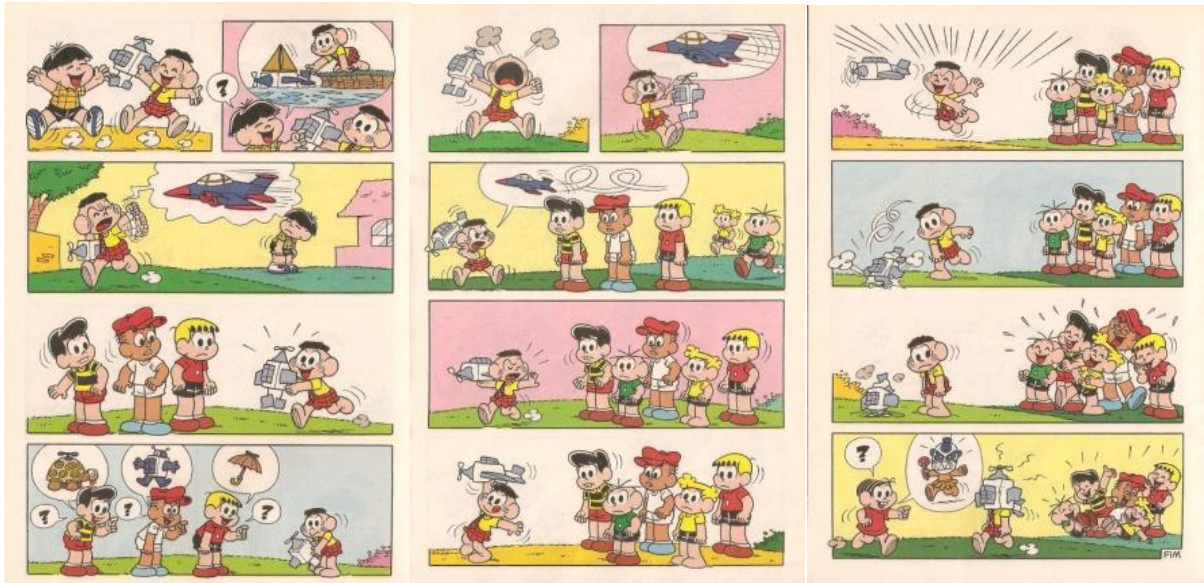
(41)



(42)

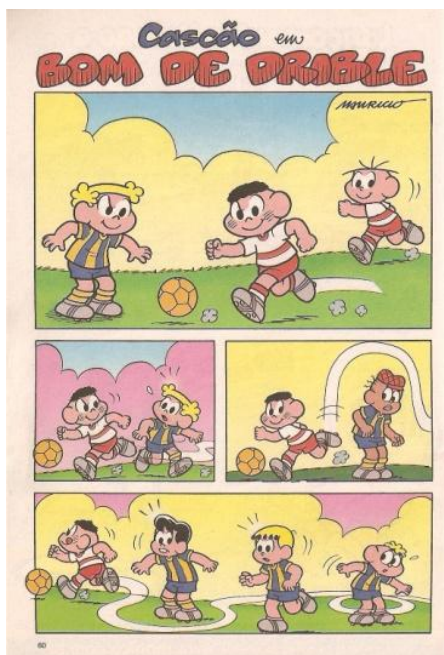
(41) Recorte da revista Chico Bento. Propaganda Unicef. Edição 463, p. 57.

(42) Recorte da revista Magali. **DUDU EM VOCÊ NÃO FICOU SABENDO O QUE ACONTECEU?** Edição 385, p. 23.



(43)

(43) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM, EI! ISTO É UM AVIÃO!** Edição 433, p. 32-34.



(44)



(45)

(44) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM BOM DE DRIBLE.** Edição 460, p. 60.

(45) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA EM A BABÁ ROBÔ.** Edição 243, p. 59.



(46)



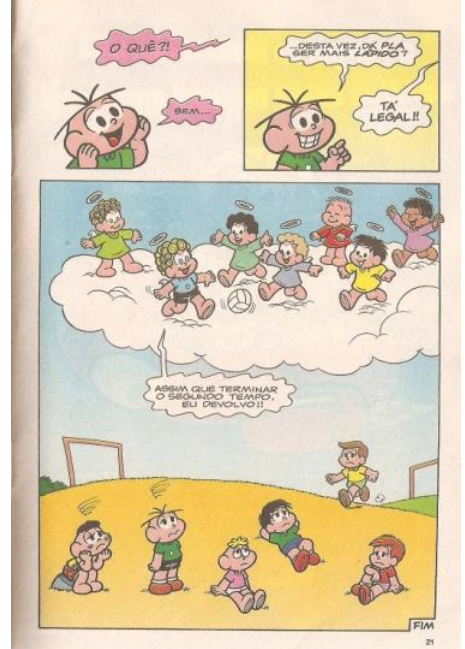
(47)

(46) Recorte da revista Almanaque da Mônica. PASSATEMPO. Edição 108, p. 71.

(47) Recorte da revista Mônica. **MÔNICA EM ETA, CACHORRO DOIDO!** Edição 210, p. 59.



(48)



(49)

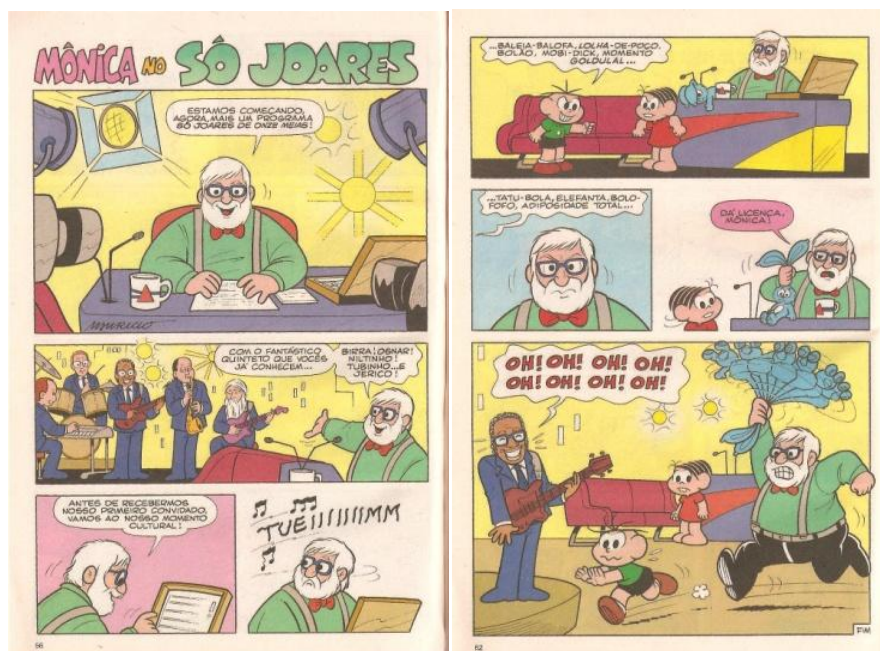
(48) Recorte da revista Mônica. **MÔNICA EM DESENHOS E RABISCOS.** Edição 219, p. 79.

(49) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA E SUA TURMA EM DEPOIS EU DEVOLVO!** Edição 241, p. 21.



(50)

(50) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **MÔNICA E TURMA EM CHÁ DO OUTRO MUNDO**. Edição 95, p. 6.



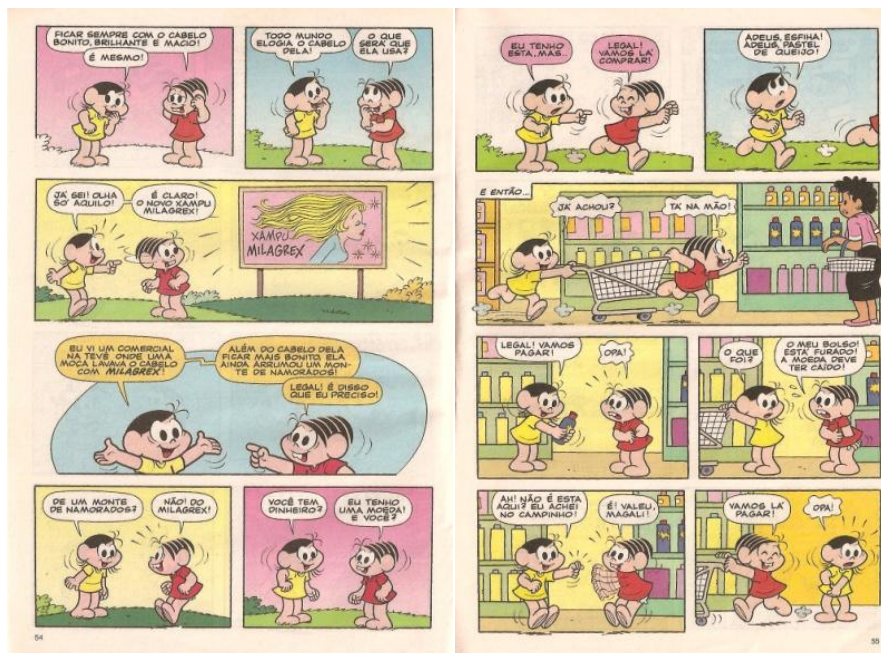
(51)

(51) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **MÔNICA NO SÔ JOARES**. Edição 108, p. 56 e 62.



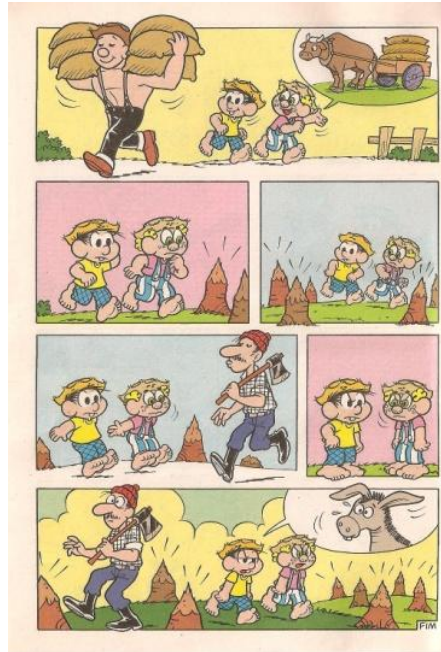
(52)

(52) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **A TURMA EM PASSEIO NO AEROPORTO.** Edição 108, p. 78.



(53)

(53) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **A TURMA EM O SEGREDO DA MARINA!** Edição 109, p. 54-55.



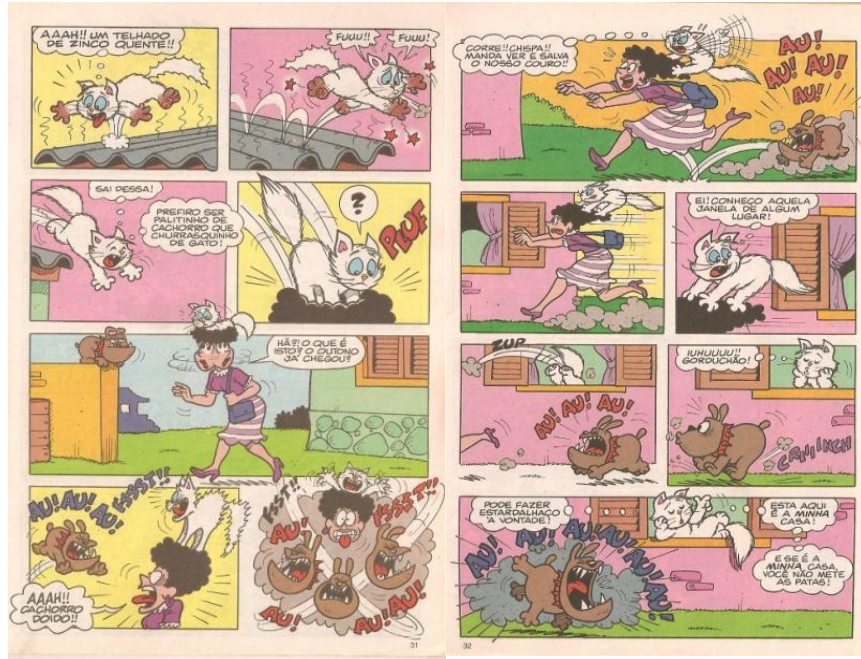
(54)

(54) Recorte da revista Mônica. **CHICO BENTO EM COM QUE BICHOS ELES SE PARECEM?** Edição 215, p. 48.



(55)

(55) Recorte da revista Chico Bento. **FIDO EM É PARA DORMIR MESMO!** Edição 463, p. 54-55.



(56)

(56) Recorte da revista Magali. **MINGAU EM SEMPRE NAS ALTURAS**. Edição 383, p. 31-32.

Depois de visualizarmos as imagens dos povos negros silenciados podemos constatar que muitos discursos não foram feitos porque além de serem pouquíssimos os personagens negros apenas 68 personagens ao todo, acabamos de ver que em sua grande maioria eles aparecem sem direito a voz, algumas vezes não possuem sequer um nome, são apenas figurantes. O próprio Jeremias que está apenas em 101 quadrinhos aparece quase mudo em 53 quadrinhos, pois quando fala, fala apenas uma única palavra em 19 destes quadrinhos, resultando apenas 34 quadrinhos para que ele expresse o seu discurso, sendo assim foi determinado os limites de seu dizer, como ele outros personagens negros são também silenciados.

3.3 – ANÁLISE DO DISCURSO DE JEREMIAS

O único personagem negro fixo nas histórias destas 50 revistas analisadas da Turma da Mônica é o Jeremias, que aparece como protagonista de uma história em apenas uma revista e em outra revista como co-protagonista juntamente com a sua turma (chamada de Turma do Bermudão), nas demais ele, quando surge é como personagem secundário ou figurante, e como figurante ele está presente em uma

única história do princípio ao fim. Analisaremos o discurso das duas historinhas em que ele aparece como protagonista e co-protagonista⁹ verificando assim o que o autor veicula através do personagem Jeremias por meio dos balões que traz as seguintes falas:

⁹ Ampliamos as imagens das histórias em que faremos a análise do discurso de Jeremias a fim de serem melhor visualizadas. A leitura deverá ser de cima para baixo e da esquerda para direita, pois existem duas páginas da revistinha em cada folha que se segue.

JEREMIAS em REVISTA de SUPER-HERÓI







(57)

(57) Recorte da revista Cebolinha. **JEREMIAS EM REVISTA DE SUPER-HERÓI**. Edição 239, p. 36-40.

Nesta narrativa podemos analisar o quanto Jeremias rejeita a sua auto-imagem, e esta rejeição está nas entrelinhas em que o autor configura o seu discurso.

[...] no entanto, poucas são as vezes em que nos preocupamos em analisar aquilo que não é dito (o não-dito) como elemento produtor de sentido. De fato, “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 1997, p. 12), ou seja, quando dizemos algo estamos, automaticamente, não dizendo todos os outros sentidos. (MARTINS, 2012, p. 7).

O seu amigo Titi, como amigo que o aceita como é, o alerta para a realidade e lhe diz: “Sinto dizer, meu amigo! Mas você não pode viver num mundo de fantasia! Larga essa revista! Vamos partir para o real... Conhecer a nova menina do bairro!”, então a nova menina do bairro aparece e diz: “Que gibi é esse? É o meu gibi preferido! Eu tenho toda a coleção! Vem que eu vou mostrar pra você!”. Após tudo isso ao ver a menina se interessar por Jeremias porque ele lia o gibi preferido dela (superliga dos super-heróis), Titi vai a banca comprar gibi. O dono da banca diz a Titi: “Quando sair o novo exemplar, avisarei!”.

Jeremias se transporta através da leitura do gibi para um mundo diferente do dele em que ele pode ser forte e poderoso, em que as meninas são loucas por ele e ele pode voar, em que ele é forte e inteligente e tem um carrão turbinado. Por tudo isso ele diz no 10º quadrinho: “Ah! Eu queria ser um super-herói!” Ao dizer isso ele expressa toda a insatisfação dele com a realidade em que ele vive. Ele não tem carro, não se considera forte e nem inteligente e acha que as meninas não são loucas por ele, só mesmo se ele tivesse o poder de um super-herói ele poderia conquistar uma garota.

[...] essa autodiscriminação, ou seja, essa internalização por parte do negro de imagens negativas sobre si mesmo, é apontada por Sodré como o maior dos mecanismos discriminatórios, pois se trata de um processo inconsciente de “autodesvalorização” difícil de ser racionalizado e combatido. (MARTINS, 2012, p. 9, apud SODRÉ, 1999, p. 235).

Ele não é nenhum super-herói, mas ele lê gibi e por ele ser leitor de gibis conquista a menina nova no bairro, que é objeto de desejo do seu amigo. Ela também gosta de ler gibis. A leitura de gibis une os dois por interesses comuns e supera todas as dificuldades de uma realidade desfavorável.

[...] mesmo do ponto de vista empírico, é facilmente constatável a precária situação de vida dos afro-descendentes brasileiros, visivelmente confinados nos piores empregos, situação de escolaridade, condições de habitação. (PAIXÃO, 2003, p. 94).

Podemos analisar o discurso de Jeremias através de suas falas: “Pois é! E quando começo a ler, eu me sinto um verdadeiro super-herói!”.

Ele expressa que ao mergulhar no mundo da leitura ele consegue torna-se alheio a sua realidade, ele consegue ser o que ele não é, ele consegue ter o que não tem. A leitura se torna assim uma fuga da realidade, um mundo de fantasia, uma forma de amenizar as frustrações.

Quando ele diz que ao ler gibi ele se sente forte e poderoso como o superomão, expressa o seu desejo de poder, de ser mais forte, mais poderoso, esse seu desejo surge em seu momento de crise e assim como o Super-Homem ele gostaria de tudo resolver:

[...] o Super-Homem é Kal-El, último filho de Krypton (...) em momentos de crise, ele veste seu uniforme azul e vermelho e usa os seus poderes – vôo, superforça e visão de raio x – para lutar pela verdade e pela justiça. Em sua essência o Super-Homem é um Messias da tradição bíblica, que também pode ser visto como uma metáfora para a assimilação dos judeus nos Estados Unidos. (KNOWLES, 2008, p. 140 e 142).

Ao dizer: “Mas o meu preferido é o Batmão! Ele é forte, inteligente e tem um carrão turbinado que deixa as minas maluquinhas! Não é demais?!”.

Mauricio de Sousa sempre utiliza de codinomes como Batmão para denominar os heróis americanos em suas revistinhas, no discurso acima ele utiliza de Jeremias para se reportar ao Batman (personagem da DC comics) e o chama de Batmão, neste caso é utilizado este herói indicando o seu sucesso em uma onda de programas de fantasia e ficção científica da década de 1960 em que o Batman era um conquistador. Uma das definições sobre a personalidade de Batman segundo Knowles (2008) é a de que:

[...] originalmente, seu criador, Bob Kane, retratou Batman como impiedoso e implacável. Com o aumento da popularidade de seu herói, porém, Kane suavizou algumas dessas arestas e o tornou menos vingativo. (p. 166).

Portanto Jeremias quer ser um conquistador como o Batmão (Batman), pois o artista Neal Adams redesenhou este herói como um conquistador viril e de tórax hirsuto (KNOWLES, 2008).

Ele enuncia que gostaria de ser como o Batmão que é forte e inteligente e ter um carrão igual ao dele, pois sendo como Batmão ele conquistaria as garotas. Ele recusa a sua auto-imagem, considera que não tem nada que possa agradar uma garota, ele tem uma imagem negativa de si mesmo.

[...] a escravidão deixou muitos legados, como a pobreza, a miséria e a exclusão. Deixou também imagens depreciativas de si mesmo, o que faz com que muitos negros se sintam inferiorizados e autodestrutivos. (SILVA & SILVA, 1999, p. 97).

O seu amigo Titi o adverte: (...) Vamos partir para o real... (...).

Mas Jeremias encontra alguém como ele que navega nos gibis e embarca no mundo da fantasia e os dois se entendem, pois ler gibis é um modo de atrair garotas que gostam de viver num mundo de fantasias.

Entre as 50 revistas analisadas esta é a única historinha em que Jeremias é o protagonista. Na trama ele convence o leitor da importância da leitura de quadrinhos, história esta intitulada, **JEREMIAS EM REVISTA DE SUPER-HERÓI**, edição 239 da revistinha do Cebolinha do ano de 2006, editora Globo, p. 36-40, Jeremias é leitor de gibi e diz que ao lê-lo se sente um super-herói. Ele queria ser um super-herói para conquistar as meninas.

Quando Jeremias (no quinto quadrinho) diz para o seu amigo Titi “Pois é! E quando começo a ler, eu me sinto um verdadeiro super-herói!” Como sujeito discursivo, o autor através do seu personagem, está sugerindo ao leitor que através da leitura de gibis ele poderá como Jeremias se sentir um super-herói. Segundo Santana (2007) o discurso que o narrador faz não é só direcionado para os personagens presentes na narrativa, como também e principalmente para o público

leitor, desta forma o sujeito discursivo chamado Jeremias busca convencer o seu amigo Titi a agir da mesma maneira que ele e na medida que o outro personagem (Titi) segue o seu exemplo está sugerindo ao leitor fazer o mesmo. Este fato referencia a ideia de que há em tal ação a intenção de seguir o comportamento de Jeremias, e este discurso conduz o leitor a uma prática de leitura, instruindo assim os leitores para a prática de ações consideradas positivas e corretas.

Em outra história Jeremias participa como figurante do começo ao fim. Ele consegue espaço em um jogo de basquete estando presente em 14 quadrinhos, mesmo assim ele perde o jogo para o deficiente Luca que contou com as invenções do Franjinha para este feito.

Não analisaremos esta história, pois nela Jeremias é apenas um personagem secundário, fala poucas palavras, interagindo no jogo de basquete que tem como personagem principal o Luca¹⁰.

¹⁰ Ampliaremos as imagens para uma melhor visualização desta historinha.



O autor desta história faz a inclusão do deficiente Luca, em um espaço que além de jogar basquete ele se sai vitorioso.

Na única historinha que Jeremias é co-protagonista ele aparece em 35 quadrinhos, em 15 ele está em silêncio, em 20 ele fala algumas gírias em uma turma que não se considera mais criança e tem uma atitude radical no palavreado, no papo-cabeça, e na forma de ironizar os outros e de se achar superior porque faz parte de uma turma que já pode usar bermuda.

[...] cabe ressaltar que tais processos podem funcionar como linguagens temporárias e provisórias com os quais tais jovens se identificam e se diferenciam de determinados grupos. (SEVERO, 2008, p. 49-50).

Sua turma gosta mesmo é de zoar, sentem-se superiores como se fizessem parte de uma nova tribo e por isso se agrupam e saem para depreciar aqueles que não fazem parte do seu grupo. Nesta história a Turma do Bermudão¹¹ busca afirmar a sua própria identidade. Como parte de uma tribo eles estabelecem apelidos de acordo com o modismo jovial, e buscam ter um comportamento adequado as novas ideias, a um novo estilo.

[...] o estilo pode definir-se como a manifestação simbólica das culturas juvenis expressas em um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais, que os jovens consideram representativos de sua identidade como grupo. (SEVERO, 2008, p. 49).

Vejamos na íntegra como isso acontece:

¹¹ Ampliamos as imagens para possibilitar uma melhor visualização do discurso de Jeremias. A leitura deverá ser feita de cima para baixo e da esquerda para direita, pois existem duas páginas da revistinha em cada folha que se segue.

TURMA DO BERMUDÃO
COM O BERMUDÃO NA MÃO!

“ESTA É A TURMA DO BERMUDÃO...”

“AÍ?” “QUAL É?” “TIPO ASSIM!” “MANEIRO!”

“FRANJINHA, JEREMIAS, MANEZINHO E TITI!”

“SEM ISSA!” “FRANJA!” “JERÉ!” “MANÉ!” “TIGRÃO!”

57

“DESDE QUE PASSARAM A USAR BERMUDÕES, SE ACHAM OS TÁIS!”

BASICAMENTE! OS MAIORAIS! DA GALERINHA! FALOUS!

ZUM! ZUM! ZUM!

“IH! OLHA O MANÉ, AÍ!” “TÁ BRINCANDO! QUE COISA MEGA!” “TÃO PEQUETINHO!”

“TÔ FAZENDO DE CONTA QUE SOU UM PIRATA ESPACIAL QUE ESTÁ SENDO ATACADO POR LESMAS CIBERNÉTICAS DE OUTRO PLANETA!”

É MESMO!

58









(59)

(59) Recorte da revista Cebolinha. **TURMA DO BERMUDÃO EM COM O BERMUDÃO NA MÃO!** Edição 236, p. 57-65.

Vamos analisar agora o discurso que é feito através do personagem Jeremias na Turma do Bermudão. No 4º quadrinho Jeremias afirma através da seguinte fala: "Os maiorais!", se referindo a turma que ele pertence, ele agora não é qualquer um,

faz parte de um grupo. No 8º quadrinho, Cascão convida a turma do Bermudão para ser o exército de Zumbi, nova brincadeira criada por ele nesta historinha, a resposta dada por Jeremias é uma palavra de ordem: “Realiza, guri!”, expressando com isso que ele é um cidadão livre, portanto, não precisa mais fazer parte de um exército como o de Zumbi que luta pela liberdade, assim ele ordena Cascão a procurar outros amigos com que possa realizar a brincadeira e compor este exército.

No 15º quadrinho Cebolinha está fazendo um plano para derrotar a Mônica, ele critica essa sua atitude no 16º quadrinho com a seguinte fala: “Não sabe o valor de uma gata!”, utiliza-se assim de uma linguagem de sua tribo, que sugere nas entrelinhas que uma garota não deve ser derrotada, mas conquistada, pois a Turma do Bermudão, vive um momento em que a conquista de “minas” é o que mais importa.

No 21º quadrinho Jeremias fala que “Gente grande tem que cuidar do físico!”, tal ideia aponta que para ser jovem é preciso cuidar do corpo, como marcador identitário, preocupando-se assim com os exercícios físicos, com o vestuário, com os aderesses e coisas que tais que marcam a jovialidade peculiar desta idade.

[...] conforme Dayrell (2003), nos deparamos no cotidiano com uma série de representações sobre juventude, uma das mais arraigadas no ideário social é a que aponta a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir-a-ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente. Nessa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, negando o presente vivido. (SEVERO, 2008, p. 45).

No 31º quadrinho ele diz: “Tempo aí, cara!”, seus gestos e seu modo de falar não somente representam um grupo, mas ao mesmo tempo marcam a forma de representar de um determinado grupo etário, seguindo a um modelo de juventude de jovem urbano demarcando assim seu pertencimento.

[...] pelo uso da palavra e do gesto, o homem pretende apropriar-se de uma parte importante da força que irriga o universo para suas próprias finalidades ou fins sociais. (MUNANGA, 1988, p. 61).

Apesar deles se acharem os tais, no 35º quadrinho eles voltam às fraldas para receberem um sorvete que está sendo distribuído a molecada.

[...] a identificação é vista como um processo que nunca está pronto ou acabado. Como argumenta Hall (2000), a identidade nunca é completamente determinada, pois ela pode ser sempre sustentada ou abandonada. (SEVERO, 2008, p. 49).

Concluindo este subtítulo podemos perceber que Jeremias, único personagem fixo e negro das tramas das revistas analisadas não está muito presente, Jeremias está em 101 quadrinhos e aparece em 48 quadrinhos em completo silêncio, fala em 53 quadrinhos e quando fala, fala apenas uma única palavra (isto acontece em 19 deles), portanto sobram 34 quadrinhos em que ele fala nestas 50 revistas. Podemos perceber que em apenas uma historinha ele está como protagonista e em outra com a sua turma, como co-protagonista, nas outras histórias ele aparece simplesmente como figurante, e muitas vezes totalmente silenciado sem falar que em um total de 16.768 quadrinhos ele está fora de muitas historinhas, ele nem sequer aparece em 16.667 quadrinhos. Para uma melhor visualização destes dados elaboramos as tabelas e os gráficos que se seguem:

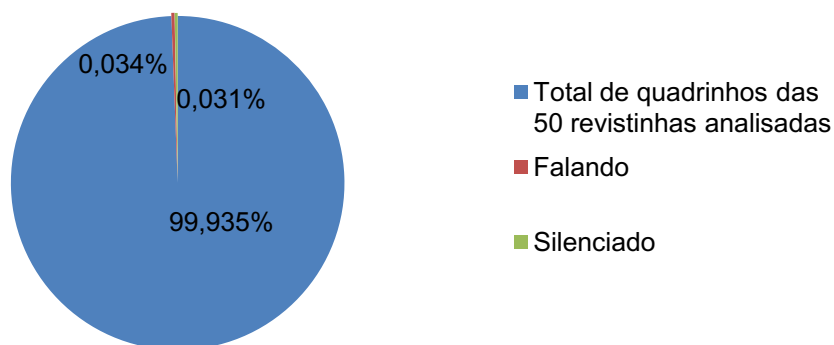
Tabela 11 – Total de participação de Jeremias nos discursos das 50 revistinhas analisadas em que ele aparece somente em 101 quadrinhos

Jeremias	Total de quadrinhos = 101
Silenciado	48 quadrinhos
Falando	53 quadrinhos (fala somente uma única palavra em 19 destes quadrinhos)

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 14 – Total de participação de Jeremias nos discursos dos 101 quadrinhos que ele aparece

Participação de Jeremias nos discursos dos quadrinhos



Fonte: Dados da Pesquisa

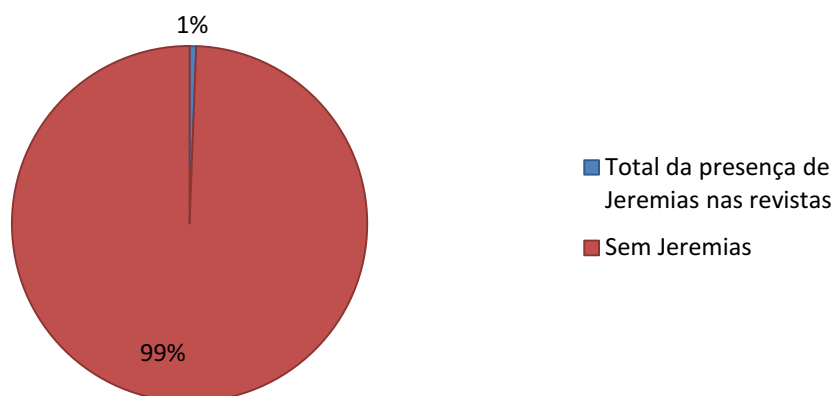
Tabela 12 – Total do personagem Jeremias nas 50 revistas

Jeremias	Total de quadrinhos em que ele está presente ou ausente
Total da presença de Jeremias nas revistas	101 quadrinhos
Sem Jeremias	16.667 quadrinhos

Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 15 – Invisibilidade de Jeremias nas 50 revistas

Total do personagem Jeremias nas 50 revistas analisadas



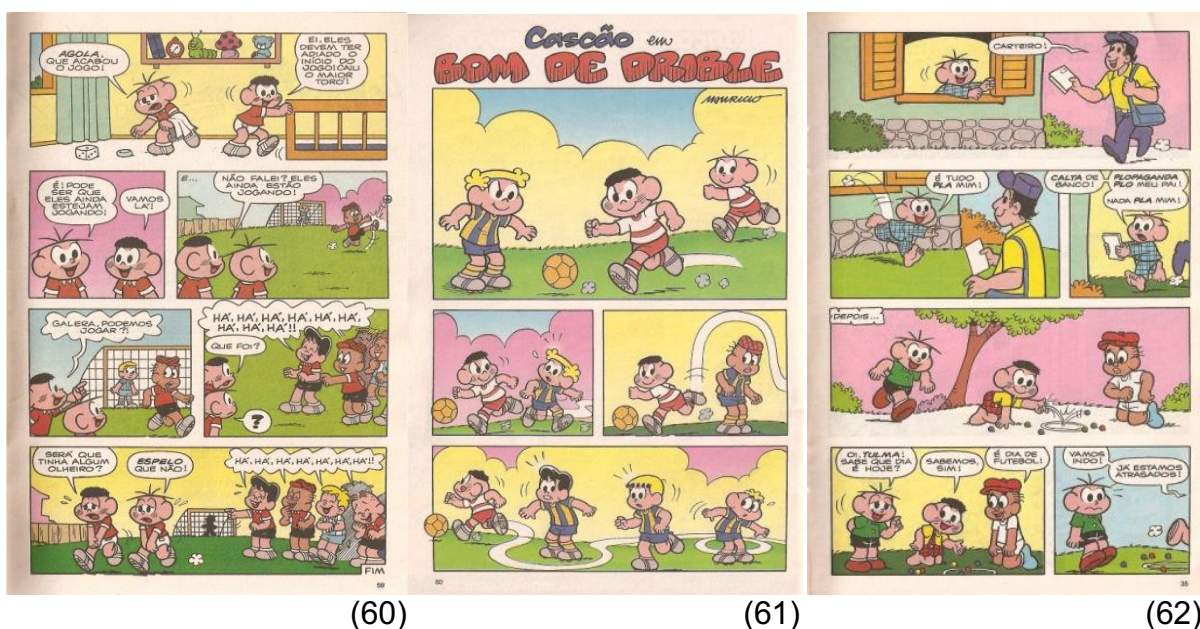
Fonte: Dados da Pesquisa

Observando o gráfico 15 constatamos a exclusão e a pouca importância dada a este personagem. Analisando a presença de Jeremias nas poucas historinhas em que ele se encontra nestas 50 revistas, constatamos que a identidade dele nas historinhas é flexível e transitória, horas ele é criança e joga futebol (imagem 60 e 61) com elas no campinho, horas ele brinca de gude (imagem 62) com elas, em outros momentos ele parece não ser criança, como nos que ele curte andar de skate em alta velocidade (imagem 63¹² e 64) e quando ele sai procurando conquistar garotas (imagem 65, 66 e 67). Ele mesmo fala que já é grande quando afirma na história da Turma do Bermudão que gente grande tem que cuidar do físico se reportando a si mesmo (imagem 68).

Tabela 13 – Identidade de Jeremias como criança

Jeremias criança	Recorte das revistas
Jeremias joga gude com as crianças	Revista Cebolinha, edição 244, p. 35
Jeremias joga futebol com as crianças	Revista Cebolinha, edição 243, p. 59 Revista Casção, edição 460, p. 60

Fonte: Dados da Pesquisa



(60) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA EM A BABÁ ROBÔ**. Edição 243, p. 59.

(61) Recorte da revista Casção. **CASCÃO EM BOM DE DRIBLE**. Edição 460, p. 60.

¹² Todas as imagens de 63 a 68 estão nas páginas seguintes.

(62) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA EM O DIA QUE TODO MUNDO ESQUECEU.** Edição 244, p. 35.

Tabela 14 – Identidade de Jeremias como adolescente

Jeremias adolescente	Recorte das revistas
Jeremias anda de skate em alta velocidade	Revista Mônica, edição 210, p.25 Revista Mônica, edição 210, p. 59
Jeremias sai com as gorotas (minas)	Revista Cebolinha, edição 239, p. 40 Revista Casção, edição 460, p. 11

Fonte: Dados da Pesquisa



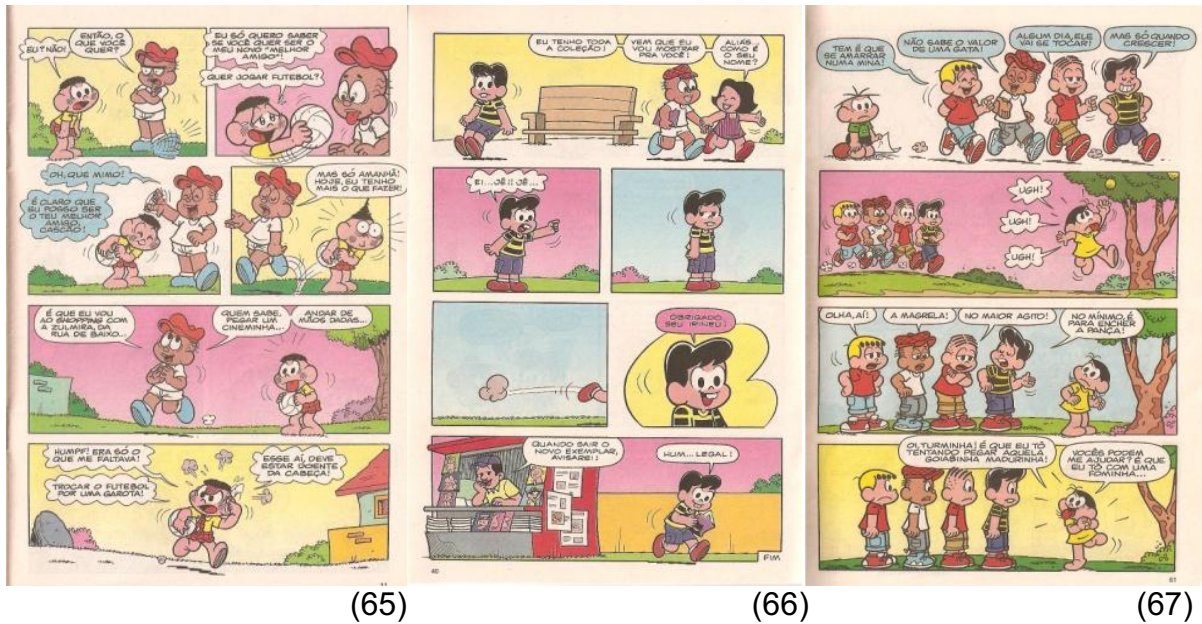
(63)



(64)

(63) Recorte da revista Mônica. **MARINA EM PINTAR, SÓ SE FOR ASSIM.** Edição 210, p. 25.

(64) Recorte da revista Mônica. **MÔNICA EM ETA, CACHORRO DOIDO!** Edição 210, p. 59.



(65) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM O MELHOR AMIGO**. Edição 460, p. 11.

(66) Recorte da revista Cebolinha. **JEREMIAS EM REVISTA DE SUPER-HERÓI**. Edição 239, p. 40.

(67) Recorte da revista Cebolinha. **TURMA DO BERMUDÃO EM COM O BERMUDÃO NA MÃO!** Edição 236, p. 61.



(68)

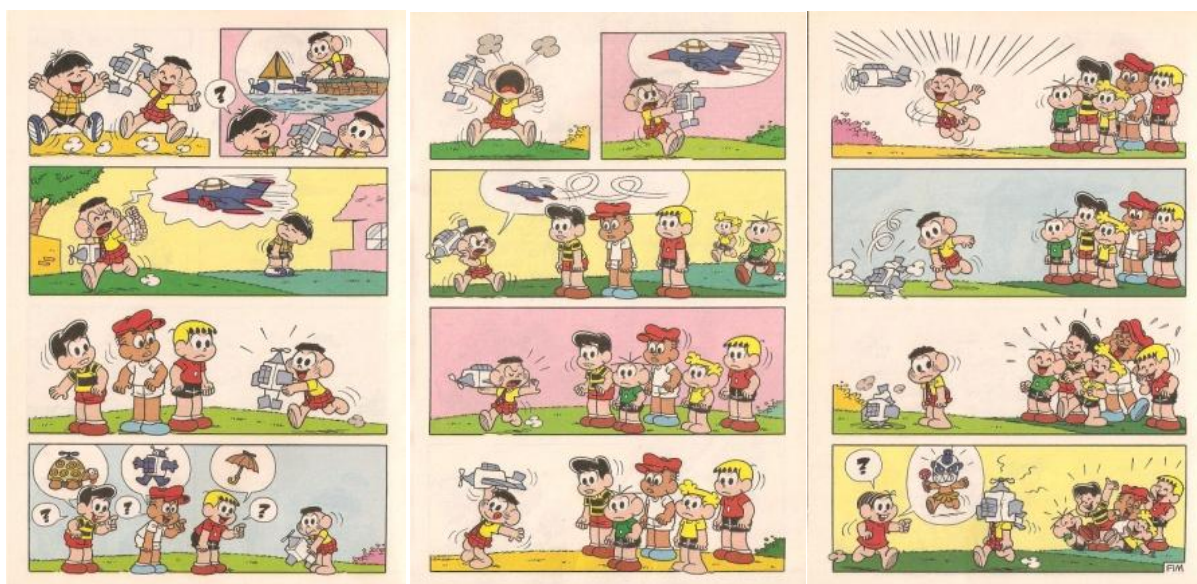
(68) Recorte da revista Cebolinha. **TURMA DO BERMUDÃO EM COM O BERMUDÃO NA MÃO!** Edição 236, p. 62.

Nas imagens que se seguem Jeremias aparece como um mero figurante quase sempre silenciado, quando não propõe algum discurso com outros personagens.



(69)

(69) Recorte da revista Chico Bento. Propaganda Unicef. Edição 463, p. 57.

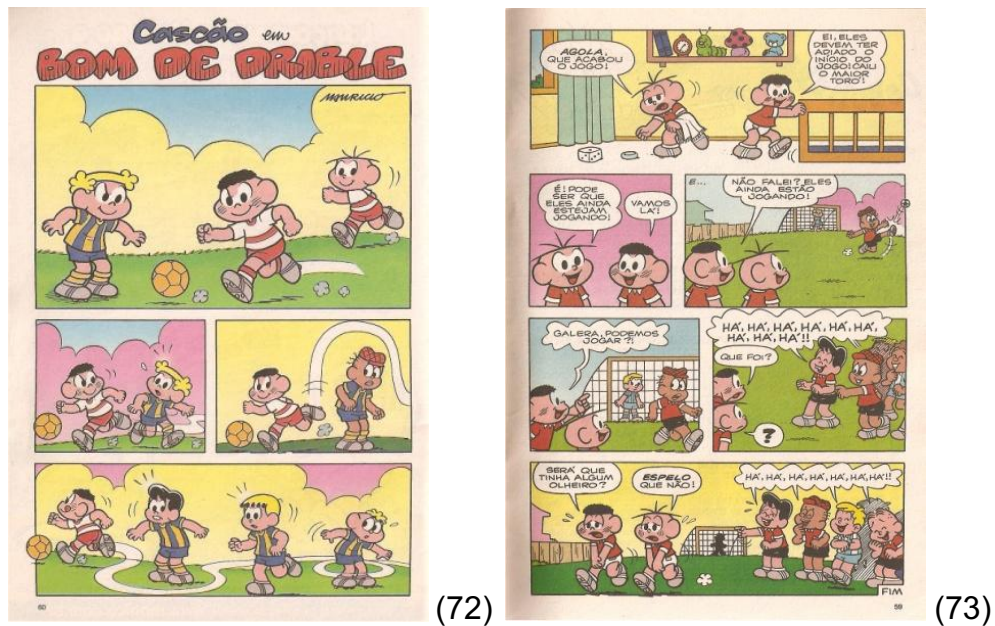


(70)

(70) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM EI! ISTO É UM AVIÃO!** Edição 433, p. 32-34.



(71) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM O MELHOR AMIGO**. Edição 460, p. 10-11.



(72) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM BOM DE DRIBLE**. Edição 460, p. 60.

(73) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA EM A BABÁ ROBÔ**. Edição 243, p. 59.



(74)

(74) Recorte da revista Cebolinha. **CEBOLINHA EM O DIA QUE TODO MUNDO ESQUECEU.** Edição 244, p. 35 e 37.



(75)



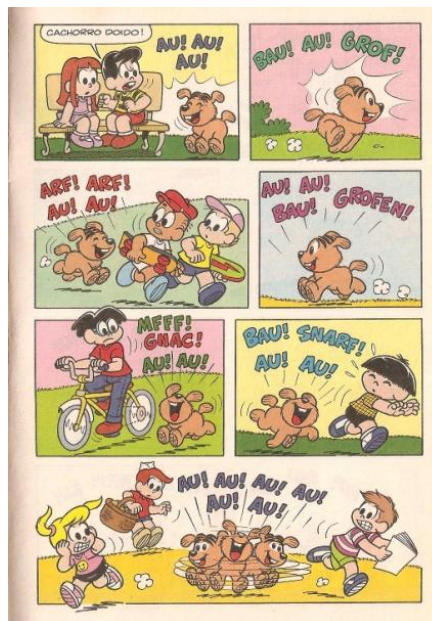
(76)

(75) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **TURMA DA MÔNICA EM TORCENDO.** Edição 95, p. 34.

(76) Recorte da revista Almanaque da Mônica. **PASSATEMPO.** Edição 108, p. 71.



(77)



(78)

(77) Recorte da revista Mônica. **MARINA EM PINTAR, SÓ SE FOR ASSIM**. Edição 210, p. 25.

(78) Recorte da revista Mônica. **MÔNICA EM ETA, CACHORRO DOIDO!** Edição 210, p. 59.



(79)

(79) Recorte da revista Mônica. **MÔNICA EM DESENHOS E RABISCOS**. Edição 219, p. 79.

O quase total silêncio de Jeremias nestas 47 revistas torna-o pouco visível, na verdade, em muitas o seu personagem é totalmente invisível, nem sequer aparece. Podemos confirmar que o seu espaço é mínimo nas histórias da turminha, e que a

equipe das produções de Mauricio de Sousa dá pouca relevância a este personagem.

3.4 – ANÁLISE DO DISCURSO DE CASCÃO

Assim são representados os povos negros nas revistinhas em quadrinhos da Turma da Mônica de Mauricio de Sousa escolhidas aleatoriamente em banca no ano de 2003 a 2006. Todos os povos negros são representados na cor marrom, como se todos fossem morenos (pardos), e não existisse entre estes povos nenhum preto. Não levamos em consideração para este trabalho nenhuma figura de animal encontrada nestes 50 gibis. Mônica, Cebolinha, Magali, Chico Bento e Cascão, personagens protagonistas das HQs que estão sendo analisadas são todos da cor branca, somente o Cascão é sujo e o seu cabelo parece crespo, no entanto ao analisar a imagem da primeira capa da revista Magali, edição 400, Ed. Globo e Cascão, edição 467, da mesma editora, percebemos que os seus traços são iguais aos dos outros personagens, bem como ele tem a mesma cor de pele destes personagens. Na revista Cascão edição 458, encontramos a sua mãe (primeira capa) e seu pai (p. 3), cujos traços são finos, nariz afilado, boca delicada, só diferem no cabelo, a mãe os tem cacheados e o pai tem o cabelo igual ao do seu filho Cascão. No entanto nenhum deles é da cor negra, entende-se por Negro in Ferreira (2009) 1. Preto. 2. Diz-se do indivíduo que tem a pele muito pigmentada, escura. Então verdadeiramente personagens que representam os povos negros, e entre estes os pretos, são personagens como Azeitona (figura 18), Lamparina (figura 19 e 20) entre outros já citados neste TCC. Podemos observar a seguir as imagens de Cascão e de seus pais:



Com tudo isso é possível supor que a nossa formação formatada a anos por uma mentalidade preconceituosa possa nos induzir a ver no Cascão um personagem afro. No entanto das 26 crianças que responderam ao questionário desta pesquisa nenhuma delas identificou Cascão como um personagem negro, isto confirma que elas veem o Cascão como mais um personagem branco entre outros da Turma da Mônica.

Mesmo que consideremos Cascão como afro-descendente, ainda assim, os povos negros continuariam pouco presente nestas historinhas de acordo com o quadro e o gráfico que se segue nas próximas páginas:

Revistas da Magali

Tabela 15 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Magali

Número da revista	Número de quadrinhos da revista	Número de quadrinhos em que aparece Cascão	Número de quadrinhos sem Cascão
378	324	16	308
382	324	9	315
383	321	22	299
385	326	4	322
394	310	10	300
396	327	2	325
397	313	7	306
399	321	3	318
400	329	12	317
357	159	4	155
TOTAL	3054	89	2965

Fonte: Dados da Pesquisa

Revistas do Chico Bento

Tabela 16 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Chico Bento

Número da revista	Número de quadrinhos da revista	Número de quadrinhos em que aparece Cascão	Número de quadrinhos sem Cascão
421	185	1	184
445	362	3	359
450	345	3	342
452	325	3	322
454	340	0	340
458	339	2	337
463	308	4	304
464	313	3	310
465	326	3	323
466	314	3	311
TOTAL	3157	25	3132

Fonte: Dados da Pesquisa

Revistas da Mônica

Tabela 17 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Mônica

Número da revista	Número de quadrinhos da revista	Número de quadrinhos em que aparece Cascão	Número de quadrinhos sem Cascão
95	440	33	407
101	449	121	328
104	448	33	415
108	448	123	325
109	467	16	451
210	409	48	361
215	394	14	380
219	380	46	334
221	374	26	348
222	381	34	347
TOTAL	4190	494	3696

Fonte: Dados da Pesquisa

Revistas do Cebolinha

Tabela 18 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Cebolinha

Número da revista	Número de quadrinhos da revista	Número de quadrinhos em que aparece Cascão	Número de quadrinhos sem Cascão
232	339	67	272
234	295	60	235
235	350	12	338
236	319	107	212
238	287	86	201
239	292	4	288
241	297	73	224
242	359	77	282
243	322	106	216
244	358	18	340
TOTAL	3218	610	2608

Fonte: Dados da Pesquisa

Revistas do Cascão

Tabela 19 – Presença ou ausência de Cascão nas revistas Cascão

Número da revista	Número de quadrinhos da revista	Número de quadrinhos em que aparece Cascão	Número de quadrinhos sem Cascão
420	198	145	53
421	176	119	57
433	346	191	155
439	358	166	192
444	341	137	204
445	340	212	128
446	352	227	125
458	344	200	144
460	352	146	206
467	333	136	197
TOTAL	3140	1679	1461

Fonte: Dados da Pesquisa

Total de quadrinhos das 50 revistinhas da Turma da Mônica analisadas somaram 16.768 quadrinhos, no quadro abaixo encontramos com detalhe o esquadrinhamento destas 50 revistas sem o personagem Cascão.

Tabela 20 – Total de quadrinhos nas 50 revistinhas em que não aparece Cascão

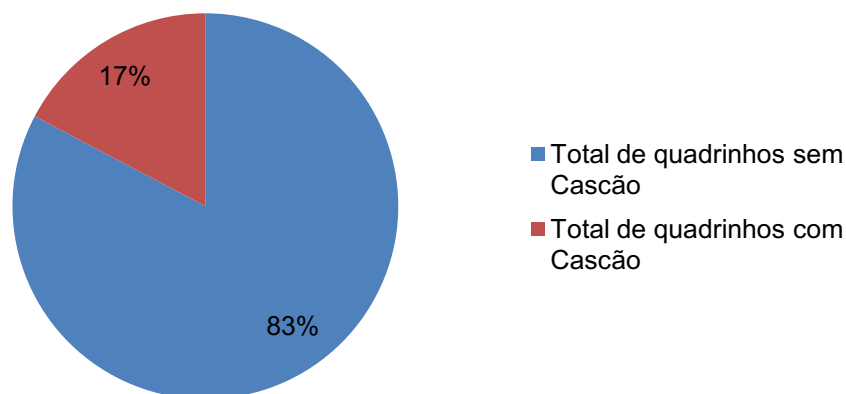
Magali	2965
Chico Bento	3132
Mônica	3696
Cebolinha	2608
Cascão	1461
Total	13.862

Fonte: Dados da Pesquisa

Após a soma destes números constatamos que dos 16.768 quadrinhos das 50 revistas da Turma da Mônica que analisamos o Cascão está fora de 13.862 quadrinhos, e dentro de 2.897 quadrinhos, mais 9 quadrinhos em que ele está em propaganda, como podemos acompanhar no gráfico a seguir:

Gráfico 16 – Total de quadrinhos com e sem Cascão nas 50 revistinhas

Presença e ausência de Cascão nas 50 revistinhas analisadas



Fonte: Dados da Pesquisa

Mesmo aparecendo somente em 17% das historinhas, Cascão é um personagem que tem uma revistinha dedicada a ele como protagonista e é um dos principais personagens da obra de Mauricio de Sousa. Dada a sua importância resolvemos fazer uma análise deste personagem que ninguém sabe se é pardo porque é sujo ou se foi considerado sujo porque é pardo. Levando em consideração que ele tem cabelos que parecem crespos ou dado a sujeira ou por causa do seu pai que tem o mesmo tipo de cabelo, aderimos a hipótese de que seja porque o pai dele é afro e ele também o é, pai de Cascão (Seu Antenor Araújo) aparece muito pouco nas 50 revistinhas analisadas, ele está presente em 153 quadrinhos e a sua mãe (Dona Lurdinha) aparece menos ainda em apenas 27 quadrinhos, como segue na tabela a seguir:

Tabela 21 – Total de quadrinhos em que os pais de Cascão estão presentes nas 50 revistinhas

Revistas e nº de edição	Pai (Seu Antenor)	Mãe (Dona Lurdinha)	Soma dos quadrinhos
Magali - 394	2 quadrinhos	0 quadrinho	2
Cebolinha - 238	13 quadrinhos	14 quadrinhos	27
Cebolinha - 232	3 quadrinhos	0 quadrinho	3
Cascão - 458	69 quadrinhos	1 quadrinho	70
Cascão - 420	2 quadrinhos	0 quadrinho	2

Cascão - 439	3 quadrinhos	1 quadrinho	4
Cascão - 445	3 quadrinhos	2 quadrinhos	5
Cascão - 446	58 quadrinhos	9 quadrinhos	67
Total	153 quadrinhos	27 quadrinhos	180

Fonte: Dados da Pesquisa

Somando-se os quadrinhos de Cascão com o dos seus pais dará o total de 3.077 quadrinhos.

Cascão é apresentado em várias historinhas como um garoto que tem um verdadeiro horror a água e especialmente ao banho, por tudo isto ele é sujo e muitas vezes o seu odor é tão forte que chega a incomodar aos seus amiguinhos como na historinha que se segue na próxima página¹³:

¹³ Ampliamos as imagens da história em que faremos a análise do discurso de Cascão a fim de serem melhor visualizadas. A leitura deverá ser feita de cima para baixo e da esquerda para direita, pois existem duas páginas da revistinha em cada folha que se segue.

Cascão
 OMO
SUJEIRA,
PRA QUE TE QUERO?!

PARTE I

Ei! O QUE É ISSO? A MÔNICA FUGINDO DO CASCÃO? O QUE SERÁ QUE ESTÁ ACONTECENDO, LEITOR?



AHA!! TE PEGUEI!!



HA, HA! AGORA TÁ COM A MÔNICA!! ELA NÃO ME PEGA!! NÃO ME PEGA!!



?



Ei, MÔNICA! E AÍ? CANSOU DE BRINCAR DE PEGA-PEGA?

©2004 MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES



MÔNICA?

O QUE ACONTECEU?



OLA, O QUE ACHA, CASCÃO?

BASTOU VOCÊ COLER UM POUQUINHO PLO SEU CHEIRINHO FICAR INSUPOLTÁVEL!

CALMA, MÔNICA! DEVAGAR!

OOOH!



AH, QUAL É, PESSOAL! TÁ LEGAL QUE EU SUEI UM POUQUINHO!

MAS O MEU CHEIRINHO NÃO É TÃO RUIM ASSIM!



TUM

TUM TUM















(80)

(80) Recorte da revista Cascão. **CASCÃO EM SUJEIRA, PRA QUE TE QUERO?!** Edição 433, p. 3-18.

Nessa historinha o autor acentua a sua ausência de banho e o seu fétido suor ao ponto de no 8º quadrinho os seus amiguinhos desmaiarem de tão insuportável que estava o seu cheiro. No 10º quadrinho o seu fedor é comparado ao de um esgoto, quando Mônica pergunta: “O que foi isso? Estourou um cano de esgoto?” No 11º quadrinho os seus amigos exigem que ele tome um banho e ele sai muito chateado, logo em sequência ele encontra a sua namorada com uma máscara para não sentir o seu cheiro e ela o chama de Leitãozinho. Mesmo de forma carinhosa ela o compara pelo seu fedor a um porquinho. O Próprio Capitão Feio lhe diz no 73º quadrinho: “Ah! É uma longa história! Sabe, eu sempre achei que um dia você se juntaria a mim! Mas, no final, você sempre acabava me traindo, apesar das nossas afinidades imúndicas! (...) Simples! Já que você não quer ficar com os sujos fique com os limpinhos!”.

[...] estabeleceu-se, a partir de então, um modelo de representação no qual o branco passou a concentrar todas as características positivas possíveis e o negro tornou-se a negação de tudo isso. Esse registro branco, esse modelo, vai ser um instrumento de dominação que atravessa o século e chega, remodelado, aos dias de hoje. (MARTINS, 2012, p. 3-4).

Estas características negativas do negro estão presentes no discurso de Cascão. Cascão é aversivo a água e, portanto, hidrofóbico, as narrativas giram quase sempre em torno da sua sujeira, de sua hidrofobia e do seu odor fétido, é, portanto, um discurso marcado por atributos vinculados a estereótipos e preconceitos. Cascão infelizmente não têm bons hábitos de higiene, ele é um menino fedorento com o rosto e os pés sempre sujos, anda descalço e talvez por isso, pela sujeira de seu cabelo e o odor de seu suor tenha sido atribuído a ele ser um personagem afro, ele representa a afro-descendência ex-escrava que continua a vivenciar trabalhos que exigem suor, é um personagem marcado pelo preconceito histórico de se associar os povos afros a estas características. No entanto ele tem o nariz afilado, os lábios finos e causa estranheza que sendo afro todos os seus amigos sejam brancos, com exceção de Jeremias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para melhor concluir o nosso trabalho retomaremos a cada um dos capítulos que escrevemos buscando a contribuição dada por cada um deles para o aprofundamento da nossa temática. Na introdução descrevemos o nosso percurso acadêmico e escrevemos sobre a nossa trajetória de vários semestres lendo, pesquisando e escrevendo sobre a temática deste TCC. O nosso objetivo foi traçado a partir destes estudos e era o de fazer uma incursão sobre a presença dos povos negros na arte quadrinizada das revistas mais conhecidas de Mauricio de Sousa, descortinando o cenário em que estes personagens são colocados e fazendo a análise do discurso que o autor faz ou silencia através destes personagens, bem como o de verificar como a presença destes povos era percebida pelo público leitor, no caso, as crianças. Vejamos agora a contribuição de cada capítulo no enfrentamento desta nossa proposta.

No primeiro capítulo, destinado ao referencial teórico, escrevemos sobre a história das Histórias em Quadrinhos e descobrimos que este tipo de arte está presente desde os primórdios da humanidade e é considerada hoje como uma das linguagens do terceiro milênio. Esta linguagem é tão significativa que está sendo utilizada para adaptações de obras de autores renomados e de diversos clássicos. Em seguida constatamos que as HQs do Brasil sofreram grandes influências das HQs européias e americanas e que Mauricio de Sousa com a sua turminha conseguiu ultrapassar com sucesso a ditadura militar porque as suas historinhas eram “neutras” e ele não estava engajado politicamente nos movimentos anti-autoritários. Mauricio fez tanto sucesso que chegou a vender mais revistas que as revistas do mundo Disney no Brasil e se firmou no mercado editorial brasileiro. Registramos também alguns personagens negros nas HQs do Brasil, entre eles o Benedito, Giby, Benjamim, Azeitona, Lamparina, Pererê etc. Todos eles tinham a pele preta e os traços desta etnia, bem como o discurso que se passava sofria as influências do racismo e da discriminação da época, muitos destes discursos havia uma pitada do cômico. Escrevemos sobre os personagens negros de Mauricio de Sousa (todos da cor marrom com exceção de Cascão e seus pais que tem a pele

clara). Observamos que em sua obra encontramos também Pelezinho e Ronaldinho Gaúcho que tiveram cada um a sua revistinha, bem como a personagem de Daiane dos Santos. Nesta monografia estes últimos personagens não apareceram porque não fazem parte dos quadrinhos das historinhas mais conhecidas da Turma da Mônica que foram analisadas para este TCC, em nossa análise, de todos eles, aparece somente Ronaldinho Gaúcho fazendo propagandas comerciais entre o fim de uma história e início de outra. Percebemos neste capítulo que ainda são poucos os personagens negros em nosso país e que inexistente uma bibliografia que nos possibilite ter um maior referencial sobre a presença dos povos negros nas HQs o que dificultou esse nosso trabalho. Percebemos que as produções recentes tem buscado acompanhar o momento histórico e a representação dos negros começou a crescer em nosso país, bem como o número de pessoas que se auto-declaram pretas e pardas (negras), segundo o Censo 2010 chegou a 97 milhões, percebemos também que o próprio Mauricio de Sousa já lançou na bienal do livro em Salvador, uma família de negros baianos que fará parte da turminha, mas até o momento do término deste trabalho ainda não apareceram nas historinhas.

No segundo capítulo escolhemos a análise do discurso como a metodologia que melhor se adapta a este TCC, seguindo os teóricos Deusdará & Rocha (2011), Santana (2007) e Gallo (1999). Neste capítulo estabelecemos os passos para alcançarmos os nossos objetivos e comprovarmos ou não as nossas hipóteses.

No terceiro capítulo fizemos incursões pelo método quantitativo e obtivemos as tabelas que nos deram como resultado o baixíssimo número de afro-descendentes (negros) que estão presentes nestas revistinhas, são somente 65 personagens em 233 quadrinhos, se considerarmos a família de Cascão como afro-descendente teremos o total de 68 personagens e 3.310 quadrinhos de afros, o que ainda é um número insignificante em comparação ao total de 16.768 quadrinhos das 50 revistas analisadas para este TCC. Esta quase invisibilidade dos negros foi corroborada também através da aplicação do questionário às crianças do 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental da Creche Escola Francesco Galli, logo após elas terem lido durante os 22 dias de estágio os 50 gibis analisados para esta monografia. O Resultado destes questionários confirmaram esta invisibilidade quando 61% delas afirmaram não conhecer nenhum personagem negro nas

historinhas da Turma da Mônica. Neste questionário perguntamos sobre quais os personagens que elas conheciam e quais elas mais gostavam, e obtivemos como respostas os personagens Mônica, Cebolinha e Cascão. Embora o Cascão esteja entre os personagens, eles não o reconhecem como negro, isso se pode confirmar quando eles afirmam que só conhecem como personagens negros Ronaldinho Gaúcho (4%) e o Saci (35%), desta forma para eles foi invisível a afro-descendência de Cascão. Neste capítulo foi confirmado assim a nossa II hipótese que dizia que os personagens negros que tem visibilidade por parte dos alunos são os que representam pessoas negras importantes (celebridades) para a sociedade brasileira e figuras do nosso folclore. Mesmo assim esta visibilidade é muito pouca, dado que a grande maioria dos alunos afirma não conhecer nenhum personagem negro nas historinhas mais conhecidas da turminha. A pesquisa comprovou a partir daí a invisibilidade de personagens negros para 61% das crianças, o que é preocupante desde que a exclusão dos negros nas HQs podem levar as crianças a reconhecerem que só os brancos devem fazer parte do seu universo de amigos, só a convivência com os brancos é significativa.

Fizemos depois a análise do discurso, para fins desta análise agrupamos os povos afros que apareceram em algumas categorias de acordo com o cenário em que estes povos foram colocados e constatamos que os espaços em que eles atuam são espaços de comércio não formal como ambulantes (vendedores e carregadores), são campinhos de futebol ou quadras esportivas, enquanto os mais famosos fazem propagandas comerciais, eles aparecem também em espaços musicais ocupando espaços midiáticos ou como personagens envolvidos em mistério como Saci, Curupira e Fantasma, além de negros ocuparem espaços extraterrestres. Povos pretos (2) aparecem como fantasmas, todos os outros são marrons (pardos), todos com exceção de Ronaldinho Gaúcho, ocupam posições subalternas e fazem os seus discursos a partir desta posição, mesmo considerando Cascão como afro, as narrativas giram quase sempre em torno da sua sujeira, de sua hidrofobia e do seu odor fétido, é, portanto, um discurso marcado por atributos vinculados a estereótipos e preconceitos. Constatamos também que os afros, com exceção do cascão, quando aparecem, aparecem na maioria das vezes silenciados, sem direito a voz, nem protagonismo.

Quanto ao Jeremias único personagem fixo de Mauricio de Sousa que tem a pele negra e está presente nos quadrinhos das 50 revistas analisadas podemos concluir que ele apareceu em somente 101 quadrinhos, destes em 53 ele fala e em 48 ele é silenciado, desta forma ele passou despercebido pelas crianças, já que ele está ausente em 16.667 quadrinhos da turminha. Quanto ao seu discurso é um discurso contraditório ora marcado pela frustração de alguém que busca através da leitura dos heróis a solução para o seu sentimento de inferioridade, ora, o discurso de um adolescente que utiliza um palavreado radical como forma de se sentir o tal, fazendo parte de uma tribo que segue a um modelo de juventude que quer se afirmar em relação a outros grupos.

A invisibilidade e imensa exclusão dos povos negros nas tramas quadrinizadas da Turma da Mônica confirma o que é socialmente reproduzido por uma sociedade que traz em si as marcas determinantes de uma associação histórica, em que se esconde aquilo que é feio, no caso, a pobreza e a miséria, que esteve sempre associada ao negro, por causa das consequências de um passado de exploração e racismo e um presente de discriminação mascarada e silenciosa.

Apesar da atualidade dos debates contra o racismo, a desigualdade e a luta do movimento negro, os povos negros continuam esquecidos por alguns autores que continuam a escrever a nossa história e até mesmo as histórias dos gibis sem respeitar a representatividade da etnia negra, mesmo havendo 97 milhões de pessoas que se auto-declaram pretas ou pardas no nosso país.

Desta maneira as HQs da Turma da Mônica vêm omitindo as crianças afro-brasileiras do seu universo quadrinado, mas o fato de omitir, não significa que não veicule e reforce o racismo, seja através dos seus discursos, seja através da mudez de seus personagens, que reproduzem valores e padrões eurocêtricos, isto pode ser verificado pela predominância de povos brancos em suas tramas.

Esta monografia não pretende esgotar este assunto, mas expor diante dos estudiosos o desafio de dá prosseguimento a estes estudos levando em consideração as respostas das crianças nesta pesquisa. Terminamos assim propondo uma maior inserção dos povos negros na nona arte, pois 77% das

crianças pesquisadas gostariam que os povos negros estivessem mais presentes nestas historinhas que ainda continuam invisibilizando povos tão importantes. Entendemos, que esta temática não se esgota neste trabalho mais apenas sinaliza o caminho para um maior aprofundamento, portanto, está aberta a outros discursos.

A negra cor longe de descolorir os quadrinhos poderá trazer a nível de representação o colorido e a riqueza da diversidade humana, contribuindo assim para a identificação de tantos leitores e leitoras espalhados pelo nosso país.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DA MÔNICA. São Paulo: Globo, n. 95, mar. 2003.

_____, n. 101, mar. 2004.

_____, n. 104, set. 2004.

_____, n. 108, maio 2005.

_____, n. 109, jul. 2005.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e negro em São Paulo**. 4 ed. São Paulo: Global, 2008.

BRAGA, Flávio; PATATI, Carlos. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2017&id_pagina=1>. Acesso em 23 de fevereiro de 2012.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Medida provisória nº 111, em 21 de março de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/Antigas_2003/111.htm>. Acesso em 18 de fevereiro de 2012.

CASCÃO. São Paulo: Globo, n. 420, fev. 2003.

_____, n. 421, fev. 2003.

_____, n. 433, fev. 2004.

_____, n. 439, ago. 2004.

_____, n. 444, jan. 2005.

_____, n. 445, fev. 2005.

_____, n. 446, mar. 2005.

_____, n. 458, mar. 2006.

_____, n. 460, maio 2006.

_____, n. 467, dez. 2006.

CASCUDO, Fernando Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2002.

CEBOLINHA. São Paulo: Globo, n. 232, out. 2005.

_____, n. 234, dez. 2005.

_____, n. 235, jan. 2006.

_____, n. 236, fev. 2006.

_____, n. 238, abr. 2006.

_____, n. 239, maio 2006.

_____, n. 241, jul. 2006.

_____, n. 242, ago. 2006.

_____, n. 243, set. 2006.

_____, n. 244, out. 2006.

CESAR, Raquel Coelho Lenz. **Questões jurídicas do sistema de reserva de vagas na universidade brasileira: um estudo comparado entre a Uerj, a Unb e a Uneb**. Disponível em: <http://www.lpp-buenosaires.net/olped/acoesafirmativas/documentos/Serie%20ensaios-Questoes_juridicas.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2012.

CHICO BENTO. São Paulo: Globo, n. 421, mar. 2003.

_____, n. 445, fev. 2005.

_____, n. 450, jul. 2005.

_____, n. 452, set. 2005.

_____, n. 454, nov. 2005.

_____, n. 458, mar. 2006.

_____, n. 463, ago. 2006.

_____, n. 464, set. 2006.

_____, n. 465, out. 2006.

_____, n. 466, nov. 2006.

CHINEN, Nobuyoshi. **A presença do negro nos quadrinhos latino-americanos: uma breve história. O caso do Brasil.** Disponível em: <<http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta,HistoriaySociedad/chinen.pdf>>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

DAMATA, Roberto. **O que é o Brasil?** 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>>. Acesso em 04 de outubro de 2011.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

G1. **Maurício de Sousa anuncia família baiana para a turma da Mônica.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/10/mauricio-de-souza-anuncia-familia-baiana-para-turma-da-monica.html>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

GALLO, Sílvio. **Ética e cidadania caminhos da filosofia.** 5 ed. Campinas: Papirus, 1999.

GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis a história secreta dos super-heróis das histórias em quadrinhos.** São Paulo: Cultrix, 2008.

LOVETRO, José Alberto. **Quadrinhos além dos gibis.** Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181213historiaemquadrinhos.pdf>>. Acesso em 08 de abril de 2011.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LUYTEN, Sonia. **O que é história em quadrinhos.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGALHÃES, Henrique. **O Tico-Tico: 100 anos de encantamento.** Disponível em: <<http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/ticotico.cfm>>. Acesso em 17 de novembro de 2011.

MAGALI. São Paulo: Globo, n. 357, fev. 2003.

_____, n. 378, nov. 2004.

_____, n. 382, mar. 2005.

_____, n. 383, abr. 2005.

_____, n. 385, jun. 2005.

_____, n. 394, mar. 2006.

_____, n. 396, maio 2006.

_____, n. 397, jun. 2006.

_____, n. 399, ago. 2006.

_____, n. 400, set. 2006.

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda e. **O silêncio como forma de racismo: a ausência de negros na publicidade brasileira**. Disponível em: <www.interscienceplace.org/interscienceplace/article/download/15/20>. Acesso em 25 de janeiro de 2012.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MÔNICA. São Paulo: Globo, n. 210, dez. 2003.

_____, n. 215, maio 2004.

_____, n. 219, set. 2004.

_____, n. 221, nov. 2004.

_____, n. 222, dez. 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

NEGRO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa dicionário**. 7 ed. rev. e atualizada conforme novo acordo ortográfico. Curitiba: Positivo, 2009. p. 576.

OLIVEIRA, Franciely A. de. **Práticas de Leitura na Biblioteca Pública Professora Zenáurea Therezinha Campos Dias, e suas contribuições para a formação de sujeitos letrados**, 2010. 70 p. Monografia (Curso de Pedagogia), Campus VII, Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim.

OLIVEIRA, Nelson Silva de. **Vultos negros na história do Brasil**. Rio de Janeiro: CEAP, 2006.

PAIXÃO, Marcelo J. P. **Desenvolvimento humano e relações raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Paulo. **PNBE 2012 diminui compra de quadrinhos**. Disponível em: <<http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2012.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Quadrinhos na educação da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

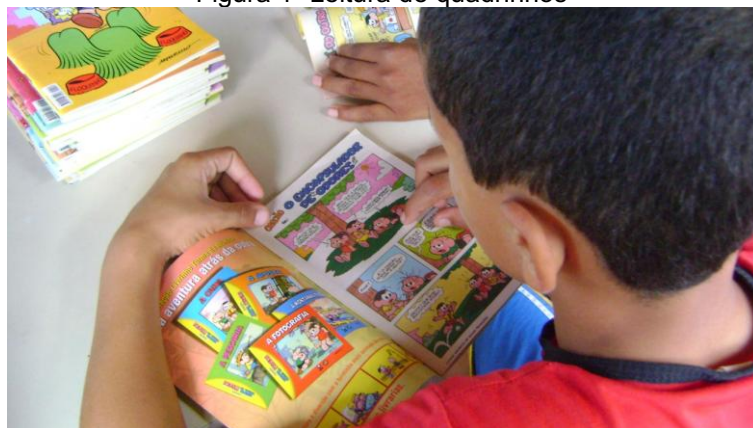
SANTANA, Erivelton Nonato de. **Gigi, o aparelho ideológico quadrinizado: considerações sobre a diversidade discursiva e o caráter instrutivo-educativo nas histórias da turma da mônica**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Bahia.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **As gurias normais do curso normal do instituto de educação de Porto Alegre**. 2008. Dissertação (Mestre em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

SILVA, Ana Maria; SILVA, Maria Lúcia et. alli. **Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre a auto estima e questão racial**. São Paulo: Gente, 1999.

APÊNDICE A – FOTOS DO PERCURSO ACADÊMICO DO PESQUISADOR

Figura 1- Leitura de quadrinhos



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte

Figura 2 – Pintura livre / tema: meio ambiente



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte

Figura 3 – Pintura do desenho da Turma da Mônica



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte

Figura 4 – Leitura de quadrinhos



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte

Figuras de 1 a 4 – Fotos de Michel Renno, captadas na Biblioteca Pública Municipal Prof.^a Zenáurea Therezinha Campos Dias, na cidade de Senhor do Bonfim – BA, em atividades de Estágio Curricular Supervisionado em Espaço não formal de Educação, com o Projeto NONARTE: O velho gibi divertindo a nova criança, em julho de 2010, orientado pelo Prof. Pascoal Eron Santos de Souza (UNEB/DEDC-VII), envolvendo os leitores em atividades orientadas pelos estagiários Maria Ferreira da Silva, Sandra Margarete dos Santos e Michel Renno Dias de Brito. Em foco leitores desta biblioteca.

Figura 5 – Leitura das imagens dos quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Arquivo do projeto MIAC

Figura 6 – Leitura de imagens dos quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Arquivo do projeto MIAC

Figuras de 5 a 6 – Fotos de Michel Renno, captadas na Escola Municipal Fundação Bonfinense, na cidade de Senhor do Bonfim – BA, em atividades de Estágio Curricular Supervisionado na Educação Infantil, com o Projeto MIAC: Da Menoridade da Infância a Autonomia da Criança: Quadrinhos da Educação Ambiental, em novembro de 2010, orientado pela Prof.^a Simone Ferreira de Souza Wanderley (UNEB/DEDC-VII), envolvendo os infantis da referida escola em atividades orientadas pelo estagiário Michel Renno Dias de Brito. Em foco crianças da EMFB.

Figura 7 – Leitura de quadrinhos da Turma da Mônica



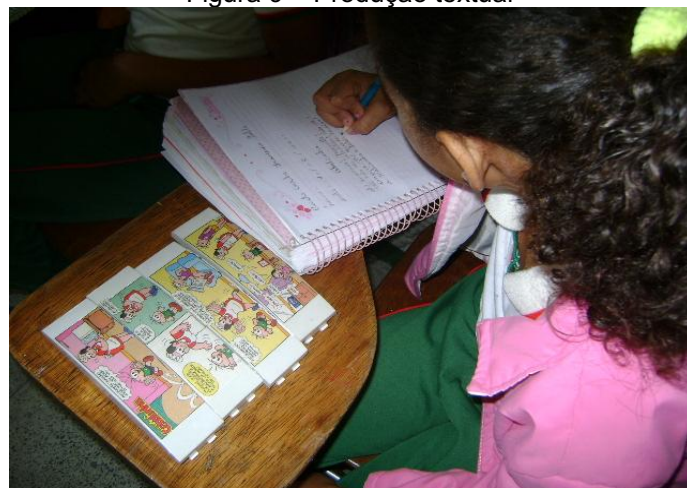
Fonte: Arquivo do projeto Educar

Figura 8 – Produção textual



Fonte: Arquivo do projeto Educar

Figura 9 – Produção textual



Fonte: Arquivo do projeto Educar

Figura 10 – Produção textual



Fonte: Arquivo do projeto Educar

Figuras de 7 a 10 – Fotos de Michel Renno, captadas na Creche Escola Francesco Galli, na cidade de Senhor do Bonfim – BA, em atividades de Estágio Curricular Supervisionado nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, com o Projeto Educar com arte os quadrinhos fazem a sua parte, entre julho e agosto de 2011, orientado pela Prof.^a Simone Ferreira de Souza Wanderley (UNEB/DEDC-VII), envolvendo as crianças da referida escola em atividades orientadas pelo estagiário Michel Renno Dias de Brito. Em foco crianças da CEFG.

Figura 11 – Leitura de quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte e outras artes

Figura 12 – Produção textual



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte e outras artes

Figura 13 – Pintura do desenho da Turma da Mônica



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte e outras artes

Figura 14 – Leitura de quadrinhos da Turma da Mônica



Fonte: Arquivo do projeto Nonarte e outras artes

Figuras de 11 a 14 – Fotos de Michel Renno, captadas na Biblioteca Pública Municipal Prof.^a Zenáurea Therezinha Campos Dias, na cidade de Senhor do Bonfim – BA, em atividades do Projeto de Extensão: Nonarte e outras artes, entre agosto e dezembro de 2011, orientado pelo Prof. Pascoal Eron Santos de Souza (UNEB/DEDC-VII), envolvendo os leitores em atividades orientadas pela equipe executora formada por Edineide Lopes de Souza, Crislaine Maria da Silva Santos, Dilma Maria da Silva, Márcia Maria Xavier da Silva, Maria de Fátima S. Oliveira, Maria Ferreira da Silva, Marivalda da Silva Nascimento, Michel Renno Dias de Brito, Neuma Sá de Souza e Sandra Margarete dos Santos. Em foco leitores desta biblioteca.

APÊNCIDE B – FIGURAS DOS NEGROS NAS REVISTAS EM QUADRINHOS DO BRASIL

Figura 15 – Benedito e seu patrão Nhô Quim



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 16 – Juquinha e Giby



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 17 – Benjamim e Chiquinho



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 18 – Azeitona



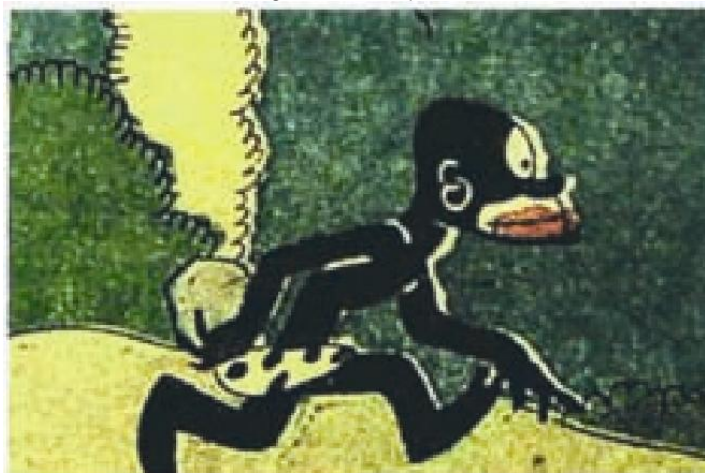
Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta,HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 19 – Lamparina



Fonte: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/ticotico.cfm>. Acesso em 17 de novembro de 2011.

Figura 20 – Lamparina



Acesso: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta,HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 21 – Pererê



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta,HistoriaYSociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 22 – Mônica e Jeremias



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta,HistoriaYSociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 23 – Pelezinho



Fonte: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2007/Pelezinho.cfm>. Acesso em 04 de outubro de 2011.

Figura 24 – Daiane dos Santos



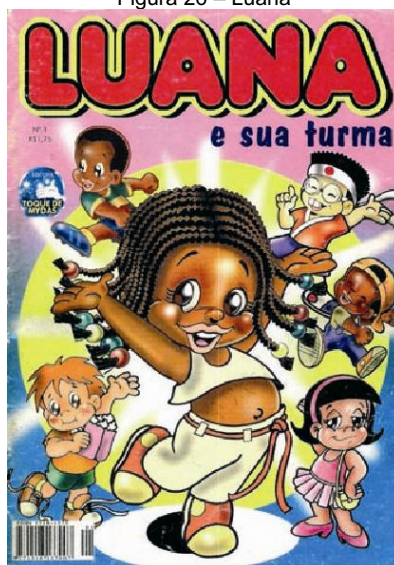
Fonte: MÔNICA. São Paulo: Globo, nº 235, p. 11, jan. 2006.

Figura 25 – Ronaldinho Gaúcho



Fonte: <http://www.planetagibi.net/2009/07/ronaldinho-gaúcho-em-desenho-animado.html>. Acesso em 07 de janeiro de 2012.

Figura 26 – Luana



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaySociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 27 – The Little Black Skrots



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaYSociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 28 – Chibata



Fonte: <http://www.vinetas-sueltas.com.ar/congreso/pdf/Historieta.HistoriaYSociedad/chinen.pdf>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

Figura 29 – Personagens baianos de Mauricio de Sousa



Fonte: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/10/mauricio-de-souza-anuncia-familia-baiana-para-turma-da-monica.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2012.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO NA CRECHE ESCOLA FRANCESCO GALLI

CRECHE ESCOLA FRANCESCO GALLI
ESTAGIÁRIO: MICHEL RENNO DIAS DE BRITO
ALUNO(A): _____
DATA: ____/____/____

AVALIAÇÃO DO TRABALHO COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

1 – QUAIS OS PERSONAGENS DOS GIBIS DA TURMA DA MÔNICA QUE VOCÊ
CONHECE?

2 – QUAL O PERSONAGEM QUE VOCÊ MAIS GOSTA NAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA?

3 – VOCÊ CONHECE ALGUM PERSONAGEM NEGRO NAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA?

4 – VOCÊ CONHECE ALGUM PERSONAGEM FAMOSO NAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA?

5 – VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE MAIS PERSONAGENS NEGROS NAS
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?
